

Fundação Casa de Rui Barbosa
Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos
Mestrado Profissional em Memória e Acervos

Beatriz do Carmo Alves

**Rastros do passado: as marcas de proveniência bibliográficas no Acervo Amazoniana da
Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro**

Rio de Janeiro

2026

Beatriz do Carmo Alves

**Rastros do passado: as marcas de proveniência bibliográficas no Acervo Amazoniana da
Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Memória e Acervos da
Fundação Casa de Rui Barbosa, para obtenção
do grau de Mestre em Memória e Acervos

Área de Concentração: Patrimônio
Documental: Representação, Gerenciamento e
Preservação de Espaços de Memória.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Lígia Silva Medeiros

Rio de Janeiro

2026

CATALOGAÇÃO NA FONTE

FCRB

A474r Alves, Beatriz do Carmo.

Rastros do passado : as marcas de proveniência bibliográficas no Acervo Amazoniana da Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro / Beatriz do Carmo Alves. – Rio de Janeiro, 2026.

169 f.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Lígia Silva Medeiros

Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2026.

1. Marcas de proveniência. 2. Acervo bibliográfico pessoal. 3. Patrimônio bibliográfico. 4. Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro. 5. Repositório digital. I. Medeiros, Ana Lígia Silva, orient. II. Fundação Casa de Rui Barbosa. Divisão do Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos. III. Título.

CDD 097

Responsável pela catalogação:

Bibliotecária – Dilza Ramos Bastos

CRB7/2.348

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Beatriz do Carmo Alves

**Rastros do passado: as marcas de proveniência bibliográficas no Acervo Amazoniana da
Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Memória e Acervos da
Fundação Casa de Rui Barbosa, para obtenção
do grau de Mestre em Memória e Acervos

Área de Concentração: Patrimônio
Documental: Representação, Gerenciamento e
Preservação de Espaços de Memória.

Aprovado em: _____ de _____ de 2026.

Orientadora:

Prof^ª. Dr^a. Ana Lígia Silva Medeiros (Orientadora) - FCRB

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Edmar Moraes Gonçalves - FCRB

Prof^ª. Dr^a. Eula Dantas Taveira Cabral - FCRB (Suplente)

Prof^ª. Dr^a. Ana Paula Lima dos Santos - UFF

Prof^ª. Dr^a. Luana Farias Sales Marques - IBICT (Suplente)

Rio de Janeiro

2026

DEDICATÓRIA

À minha mãe Elza, que sempre me incentivou e valorizou minha área de atuação, sustentando com amor e confiança cada passo dessa trajetória.

Ao meu marido, Leonam, pelo amor, pela parceria e pelo apoio constante.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sustentar meus passos ao longo deste percurso, concedendo serenidade, força e discernimento nos momentos de cansaço e incerteza.

À minha orientadora, Prof.^a Ana Ligia, agradeço pela condução atenta e competente, pela escuta cuidadosa, pelas leituras, sugestões e pelo rigor acadêmico que qualificaram este trabalho.

Ao meu marido, Leonam, meu agradecimento mais especial pela parceria e pelo apoio incondicional. Mesmo à distância durante o período das disciplinas, seu afeto e cuidado foram essenciais para que eu atravessasse essa etapa com firmeza.

Aos meus familiares, agradeço pelo amor, pelo incentivo e pela compreensão diante das mudanças de rotina. Aos meus tios Célia e Miranda, meu reconhecimento pelo acolhimento, suporte, disponibilidade e carinho nos momentos em que precisei.

À família que o Rio de Janeiro me deu, deixo meu sincero reconhecimento pela acolhida generosa, pela paciência e pela forma como tornaram minha passagem pela cidade mais leve, em especial, aos tios Gino e Gilda, à dona Izilda, Leida, Marcelo e a todos que transformaram a hospedagem em pertencimento.

Aos queridos David, Fabrício e Jhonatan, registro meu agradecimento pelo apoio e pelo incentivo ainda na etapa do processo seletivo. A confiança, as palavras de encorajamento e a disponibilidade de vocês foram fundamentais para que eu atravessasse essa fase com mais segurança e persistência.

À Prof.^a Elizabeth e ao Prof. Evandro, amigos cuja experiência e incentivo foram fundamentais desde o início desta caminhada.

À senhora Marita Monteiro, meu sincero agradecimento pela generosidade e disponibilidade. Desde o início, prontificou-se a contribuir com esta pesquisa, compartilhando relatos, memórias e informações sobre a vida e a obra de seu pai, Mário Ypiranga, o que enriqueceu a compreensão do contexto que envolve este trabalho.

À Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Amazonas e ao Departamento de Gestão de Bibliotecas, instituição na qual atuo profissionalmente, agradeço pelo apoio e pela compreensão diante das demandas inerentes à formação em nível de pós-graduação, que exigiram reorganizações e conciliações ao longo do período. Ao “grupo da traça”, Giselle, Danilo, Samuel, Ana e Adaísa, pela parceria cotidiana e, sobretudo, pelo suporte durante minha ausência no período das disciplinas, garantindo a continuidade das atividades e o bom

funcionamento da Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro. Esse apoio foi decisivo para que eu pudesse me dedicar às demandas acadêmicas com mais tranquilidade.

À Fundação Casa de Rui Barbosa e ao Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos, agradeço pela oportunidade de formação, pelo ambiente de pesquisa e pelas condições institucionais que possibilitaram o desenvolvimento desta dissertação. Aos professores do PPGMA, agradeço pelos ensinamentos, pelas contribuições teóricas e metodológicas e pelo acompanhamento ao longo do percurso. Aos colegas de turma, agradeço pelo convívio e apoio. À Letícia, em especial, por me acolher desde o início, pela amizade e por compartilhar bons momentos na Cidade Maravilhosa em meio às exigências acadêmicas. Ao Marx, pelo suporte, mesmo sem termos sido da mesma turma, a experiência compartilhada de orientação nos aproximou e deu origem a uma amizade que se fortaleceu ao longo do caminho.

À banca examinadora, meu sincero agradecimento por aceitar o convite e por dedicar tempo e atenção à leitura e avaliação deste trabalho.

“Claro que um livro é mais do que a soma de seus materiais. É um artefato da mente e da mão humanas.” Geraldine Brooks. *As Memórias do Livro*. 2008.

RESUMO

ALVES, Beatriz do Carmo. *Rastros do passado: as marcas de proveniência bibliográficas no Acervo Amazoniana da Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro*. Rio de Janeiro. 2026, 168 f. Dissertação (Mestrado em Memória e Acervos) - Programa de Pós- Graduação em Memória e Acervos, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2026.

O presente trabalho tem como tema as marcas de proveniência bibliográfica identificadas no Acervo Amazoniana da Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro, compreendendo-as como evidências materiais capazes de revelar trajetórias de custódia, circulação e uso dos exemplares. Parte-se do entendimento de que tais marcas constituem fontes para a história do livro, das práticas de leitura e da formação de bibliotecas, além de qualificarem o tratamento técnico e a difusão da informação em instituições de memória. A pesquisa caracteriza-se como exploratória e descritiva, de abordagem quanti-qualitativa, fundamentada em levantamento bibliográfico e documental e orientada pela análise das marcas de proveniência enquanto fontes históricas do próprio objeto. A investigação empírica foi realizada por meio de exame direto dos exemplares, com identificação, registro e categorização das evidências encontradas. O corpus foi delimitado às obras literárias do Acervo Amazoniana publicadas até o final da década de 1930, recorte que favorece a observação de marcas associadas a circuitos de produção e circulação do impresso na primeira metade do século XX, bem como às dinâmicas culturais relacionadas ao contexto amazônico. Como produto técnico decorrente da pesquisa, foi estruturado um repositório digital temático na plataforma Omeka, com modelagem de metadados baseada no Dublin Core e organização em coleções tipológicas, voltadas à descrição padronizada e à recuperação das informações sobre as marcas registradas. Ao sistematizar e disponibilizar essas evidências, o estudo busca ampliar a compreensão do acervo como patrimônio bibliográfico e subsidiar práticas de preservação, segurança, acesso e difusão, contribuindo para a valorização da memória cultural amazônica e para o fortalecimento dos estudos de proveniência no campo da Biblioteconomia e áreas afins.

Palavras-chave: Marcas de proveniência. Acervos pessoais. Patrimônio bibliográfico. Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro. Repositórios digitais temáticos.

ABSTRACT

ALVES, Beatriz do Carmo. *Rastros do passado: as marcas de proveniência bibliográficas no Acervo Amazoniana da Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro*. Rio de Janeiro. 2026, 168 f. Dissertação (Mestrado em Memória e Acervos) - Programa de Pós- Graduação em Memória e Acervos, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2026.

This study focuses on the bibliographic provenance marks identified in the Amazoniana collection of the Mário Ypiranga Monteiro Library, understanding them as material evidence capable of revealing trajectories of custody, circulation, and use of the copies. It is based on the assumption that such marks constitute relevant sources for the history of the book, reading practices, and the formation of libraries, while also enhancing technical processing and the dissemination of information in memory institutions. The research is exploratory and descriptive, adopting a mixed-methods (quantitative–qualitative) approach grounded in bibliographic and documentary survey and guided by the analysis of provenance marks as historical sources inherent to the objects themselves. Empirical investigation was carried out through the direct examination of the copies, with identification, recording, and categorization of the evidence found. The corpus was delimited to literary works in the Amazoniana collection published up to the end of the 1930s, a scope that favors the observation of marks associated with the circuits of production and circulation of printed materials in the first half of the twentieth century, as well as with cultural dynamics related to the Amazonian context. As a technical product resulting from the research, a thematic digital repository was developed on the Omeka platform, with metadata modeling based on Dublin Core and organization into typological collections aimed at standardized description and the retrieval of information about the recorded marks. By systematizing and making this evidence available, the study broadens the understanding of the collection as bibliographic heritage and supports preservation, security, access, and dissemination practices, contributing to the appreciation of Amazonian cultural memory and to the strengthening of provenance studies in the field of Library and Information Science and related areas.

Keywords: Provenance marks. Personal collections. Bibliographic heritage. Mário Ypiranga Monteiro Library. Thematic digital repositories.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Avenida do Palácio (atual Eduardo Ribeiro) na cidade de Manaus em 1892	32
Figura 2 -	Vista da Avenida do Palácio (atual Eduardo Ribeiro), Manaus em 1892	32
Figura 3 -	Catálogo da biblioteca impresso em 1887	33
Figura 4 -	Cartão Postal da Biblioteca Pública do Amazonas, [s.d.]	34
Figura 5 -	Notícia sobre o incêndio na BPAM em 1945	35
Figura 6 -	Edifício da Biblioteca Pública do Amazonas, destruído pelo incêndio que aconteceu na madrugada de 22 de agosto de 1945	35
Figura 7 -	Organograma DGB	37
Figura 8 -	Biblioteca Arthur Reis	41
Figura 9 -	Acervos pessoais na Biblioteca Pública do Amazonas	42
Figura 10 -	Registro de Mário Ypiranga em pesquisa de campo no município de Maués (AM), durante entrevista com uma moradora local em 1960 ...	49
Figura 11 -	Mário Ypiranga em atividade de documentação sonora na Praça Tenreiro Aranha, em Manaus (AM), durante gravação de um homem cego cantando e tocando berimbau	49
Figura 12 -	Obras publicadas por Mário Ypiranga Monteiro	51
Figura 13 -	Biblioteca e Memorial Mário Ypiranga Monteiro	54
Figura 14 -	Acervo documental de Mário Ypiranga	55
Figura 15 -	Ficha por assunto feita por Mário Ypiranga	56
Figura 16 -	Protocolo de recebimento de livros	57

Figura 17 -	Etiqueta de identificação elaborada por Mário Ypiranga	57
Figura 18 -	Anotação de número de registro feita por Mário Ypiranga	58
Figura 19 -	Exemplo de documento do acervo de Mário Ypiranga Monteiro digitalizado - “Collecção das leis da Província do Amazonas de 1852 a 1868”	59
Figura 20 -	Exemplo de marca de manufatura	70
Figura 21 -	Exemplo de marca de uso	71
Figura 22 -	Exemplo de marca de propriedade	72
Figura 23 -	Exemplo de marca de posse	73
Figura 24 -	A importância das marcas de proveniência na Biblioteconomia	74
Figura 25 -	Resumo Catalográfico da obra Inferno Verde no sistema Biblivre	81
Figura 26 -	Repositório Signa Amazoniana	86
Figura 27 -	Página de “Coleções” do repositório	90
Figura 28 -	Página de “Itens” do repositório	90
Figura 29 -	Anotação na obra “Vereda iluminada”	97
Figura 30 -	Anotação de Francisco Monteiro	98
Figura 31 -	Assinatura de Francisco Monteiro	100
Figura 32 -	Assinatura de Alberto de Castro	100
Figura 33 -	Carimbos da Livraria Acadêmica	105
Figura 34 -	Nota sobre a abertura da Livraria Acadêmica no jornal O Correio do Norte	105
Figura 35 -	Carimbo de Mario Verbicaro	106

Figura 36 -	Carimbo Dr. Pires Ribeiro	107
Figura 37 -	Carimbo na obra A Chamma	107
Figura 38 -	Dedicatória manuscrita ao Mário Ypiranga Monteiro	111
Figura 39 -	Dedicatória manuscrita ao Álvaro Maia	112
Figura 40 -	Dedicatória manuscrita ao Alfredo da Mata	113
Figura 41 -	Desenho na obra Folhas Seccas	114
Figura 42 -	Recorte de jornal na obra Nuvens Medrosas	117
Figura 43 -	Papel colado na obra Cantigas	118
Figura 44 -	Encadernação na obra O Missionário	122
Figura 45 -	Encadernação na obra Vereda Iluminada	122
Figura 46 -	Folha de guarda na obra Terra de Icambiaba	124
Figura 47 -	Folha de guarda na obra Selva Selvagem	125
Figura 48 -	Folha de guarda na obra À Margem da História	125
Figura 49 -	Etiqueta de Livraria	128
Figura 50 -	Ex-dono na obra Inferno Verde	130
Figura 51 -	Ex-dono na obra Nevoeiros	130
Figura 52 -	Ex-Libris de Nelson Ribeiro	132
Figura 53 -	Ex-Libris manuscrito de Hemetério Cabrinha	135
Figura 54 -	Ex-Libris manuscrito de Carlos Amorim	135

Figura 55 -	Ex-Libris manuscrito de Francisco Monteiro	136
Figura 56 -	Filigrana Alexis Bond	137
Figura 57 -	Ex-libris manuscrito de Mário Ypiranga Monteiro	138
Figura 58 -	Carimbos pessoais de Mário Ypiranga Monteiro	139
Figura 59 -	Carimbos “Biblioteca Particular de Mário Ypiranga Monteiro”	139
Figura 60 -	Encadernação de Mário Ypiranga Monteiro	140
Figura 61 -	Anotação “Livro que sai emprestado...”	144
Figura 62 -	Anotação “Maranhão sobrinho nasceu...”	144
Figura 63 -	Anotação “Obra rara”	145
Figura 64 -	Anotação “Êste romance foi escrito...”	146
Figura 65 -	Anotação de localização do livro feita por Mário Ypiranga	146
Figura 66 -	Etiqueta com número de registro de livro feita por Mário Ypiranga Monteiro	147
Figura 67 -	Anotações e marginais de Mário Ypiranga Monteiro	148

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Acervos pessoais no Departamento de Gestão de Bibliotecas	39
Quadro 2 -	Classificação das marcas de proveniência em obras bibliográficas	69
Quadro 3 -	Distribuição de itens por coleção no repositório das marcas de proveniência da Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro no Omeka.net	89
Quadro 4 -	Relação dos itens da coleção “Anotação” no repositório digital	92
Quadro 5 -	Relação dos itens da coleção “Assinatura” no repositório digital	99
Quadro 6 -	Relação dos itens da coleção “Carimbo úmido” no repositório digital	101
Quadro 7 -	Relação dos itens da coleção “Dedicatória” no repositório digital	108
Quadro 8 -	Relação dos itens da coleção “Desenho” no repositório digital	113
Quadro 9 -	Relação dos itens da coleção “Documentos Avulsos” no repositório digital	115
Quadro 10 -	Relação dos itens da coleção “Encadernação” no repositório digital ..	119
Quadro 11 -	Relação dos itens da coleção “Folha de guarda” no repositório digital	123
Quadro 12 -	Relação dos itens da coleção “Etiqueta” no repositório digital	127
Quadro 13 -	Relação dos itens da coleção “Ex-dono” no repositório digital	129
Quadro 14 -	Relação dos itens da coleção “Ex-libris” no repositório digital	132
Quadro 15 -	Relação dos itens da coleção “Ex-libris manuscrito” no repositório digital	133
Quadro 16 -	Relação dos itens da coleção “Filigrana” no repositório digital	137
Quadro 17 -	Marcas de uso atribuídas a Mário Ypiranga Monteiro no repositório digital	141

LISTA DE SIGLAS

AAL	Academia Amazonense de Letras
BYM	Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro
BPAM	Biblioteca Pública do Amazonas
CCPA	Centro Cultural dos Povos da Amazônia
CDD	Classificação Decimal de Dewey
CDMAM	Centro de Documentação e Memória da Amazônia
CEDPHA	Conselho Estadual de Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Amazonas
CI	Ciência da Informação
CNFL	Comissão Nacional do Folclore
DGB	Departamento de Gestão de Bibliotecas
FCRB	Fundação Casa de Rui Barbosa
IGHA	Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas
MYM	Mário Ypiranga Monteiro
PPGMA	Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos
SEC	Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Amazonas
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	19
2	ACERVOS PESSOAIS E O PATRIMÔNIO BIBLIOGRÁFICO: PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA E IDENTIDADE	24
2.1	Uma breve abordagem sobre patrimônio bibliográfico	25
2.2	Bibliotecas pessoais como lugar de memória	28
2.3	O patrimônio bibliográfico no contexto do Amazonas: os acervos pessoais gerenciados pelo Departamento de Gestão de bibliotecas da secretaria de Cultura e Economia Criativa do Amazonas	31
3	MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A CULTURA DO AMAZONAS	44
3.1	Um intelectual amazônida: vida e obra de Mário Ypiranga	44
3.2	Entre o privado e o público: a Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro	52
4	MARCAS DE PROVENIÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS COMO FONTES DE INFORMAÇÃO HISTÓRICA	61
4.1	A materialidade do livro e a noção de livro-objeto	62
4.2	As marcas de proveniência como fontes de informação	65
4.2.1	<u>Marcas de manufatura</u>	70
4.2.2	<u>Marcas de uso</u>	70
4.2.3	<u>Marcas de propriedade</u>	72
4.2.4	<u>Marcas de posse</u>	73
4.3	Algumas contribuições do estudo de proveniência no contexto das bibliotecas	73
5	ANÁLISE MATERIAL E IDENTIFICAÇÃO DAS MARCAS DE PROVENIÊNCIA NO ACERVO AMAZONIANA DA BIBLIOTECA MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO	78
5.1	Método da pesquisa	79
5.2	Descrição, registro e acesso: o catálogo das marcas de proveniência em repositório digital	83
5.2.1	<u>Anotação</u>	91
5.2.2	<u>Assinatura</u>	98
5.2.3	<u>Carimbo úmido</u>	101

5.2.4	<u>Dedicatória</u>	108
5.2.5	<u>Desenho</u>	113
5.2.6	<u>Documentos avulsos</u>	115
5.2.7	<u>Encadernação</u>	118
5.2.8	<u>Folha de guarda</u>	123
5.2.9	<u>Etiqueta</u>	126
5.2.10	<u>Ex-dono</u>	128
5.2.11	<u>Ex-libris</u>	131
5.2.12	<u>Ex-libris manuscrito</u>	133
5.2.13	<u>Filigrana</u>	136
5.3	As marcas de Mário Ypiranga Monteiro	138
5.3.1	<u>Marcas de propriedade</u>	138
5.3.2	<u>Marcas de uso</u>	140
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
	REFERÊNCIAS	153
	APÊNDICE A	162

1 INTRODUÇÃO

O Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos (PPGMA) da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) se destaca no cenário cultural e social, uma vez que se dedica a capacitar profissionais para lidar com questões relacionadas à preservação, organização e gerenciamento de acervos e memórias. Neste contexto, o presente trabalho se enquadra na linha de pesquisa “Patrimônio Documental: Representação, Gerenciamento e Preservação de Espaços de Memória”, tendo por tema as marcas de proveniência bibliográfica em acervos pessoais.

No cenário contemporâneo das bibliotecas como instituições de memória, observa-se o fortalecimento de iniciativas que incorporam a análise de marcas de proveniência como procedimento técnico-científico capaz de interpretar a “biografia” dos exemplares, qualificar a descrição bibliográfica e ampliar o potencial dos acervos como fontes para a pesquisa histórica. Esse movimento tem reforçado, no campo da Biblioteconomia e nos estudos de proveniência, a relevância de descrever tais elementos, tanto por seu valor para a pesquisa quanto por implicações diretas na segurança, na reivindicação de propriedade, na conservação e na preservação do contexto histórico e social das bibliotecas.

É nesse horizonte que se insere a presente pesquisa, desenvolvida no âmbito da Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro, tanto pela relevância de seu acervo quanto por se tratar do espaço de atuação profissional da pesquisadora, bibliotecária responsável na instituição. Essa vivência direta com o acervo possibilitou uma aproximação mais aprofundada com os materiais e favoreceu a identificação e análise das marcas de proveniência presentes na coleção.

O estudo parte do entendimento de que acervos pessoais e coleções especiais concentram materiais cuja relevância não se limita ao conteúdo textual, mas se amplia pela presença de traços de uso, circulação e pertencimento, capazes de revelar práticas culturais, redes de sociabilidade intelectual e processos de institucionalização de bibliotecas.

O acervo pessoal de Mário Ypiranga Monteiro, escritor e pesquisador amazonense, preserva um importante legado literário e cultural. De acordo com Gaitano Antonaccio (2000, p. 47), Mário Ypiranga dedicou-se à pesquisa histórica ao longo de sua vida, sendo reconhecido como um dos principais historiadores do Amazonas. Seu trabalho reuniu fatos, documentos, narrativas e histórias até então pouco exploradas, contribuindo para a construção de um acervo cultural sobre a história da região Amazônica.

Seu acervo pessoal apresenta diversos elementos de proveniência bibliográfica — entre eles, dedicatórias, assinaturas, carimbos, ex-libris e anotações manuscritas —, os quais oferecem subsídios para a pesquisa das práticas de leitura, posse e circulação no contexto da história do livro e da leitura. No entanto, essas marcas permanecem, em grande parte, não documentadas e pouco exploradas quanto ao seu potencial para a pesquisa histórica e cultural relacionada ao patrimônio documental e bibliográfico do Amazonas.

Desde 2011, na cidade de Manaus, a Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro é administrada pelo Governo do Estado do Amazonas, por meio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa. O acervo é composto por mais de 15 mil itens bibliográficos, organizados em duas coleções principais: o Acervo Geral e o Acervo Amazoniana. Este último é o foco deste trabalho, reunindo obras que abordam a temática amazônica e/ou são de autoria de escritores da região.

Considerando a relevância informacional e patrimonial das marcas de proveniência, o problema que orienta este trabalho pode ser sintetizado da seguinte forma: como identificar, descrever e sistematizar, de modo recuperável e consistente, as marcas de proveniência presentes, valorizando-as como fontes de informação histórica e como subsídio para práticas de preservação, segurança e difusão? Quais tipologias de marcas de proveniência ocorrem nos exemplares analisados do Acervo Amazoniana e de que modo sua descrição e organização em um produto digital podem favorecer a compreensão histórica do acervo e a recuperação da informação?

A pesquisa tem como objetivo geral analisar as marcas de proveniência presentes em exemplares do Acervo Amazoniana da Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro. Para isso, foi estabelecido os seguintes objetivos específicos:

- Delimitar o corpus de análise no Acervo Amazoniana, com recorte em obras literárias publicadas até o início do século XX (operacionalmente, até o final da década de 1930);
- Realizar levantamento *in loco*, por exame direto exemplar a exemplar, para identificar e selecionar volumes com ocorrências de marcas de proveniência;
- Classificar e descrever as ocorrências segundo tipologia, sistematizando o conjunto documental identificado;
- Estruturar e implementar um produto (repositório digital) para registro, organização e recuperação das marcas, com política de metadados e padronização terminológica.

A pesquisa se justifica, em primeiro lugar, pela contribuição ao campo dos estudos de proveniência, ao tratar as marcas como evidências capazes de preservar e comunicar dimensões históricas, sociais e culturais associadas aos exemplares. Em segundo lugar, apresenta impacto prático para a Biblioteconomia, pois a incorporação dessas informações aos registros e a sistematização em ambiente digital qualificam o tratamento técnico e dialogam com demandas institucionais de segurança, conservação e preservação do contexto histórico das coleções. Por fim, ao focalizar um acervo de relevância amazônica, o trabalho fortalece estratégias de difusão e valorização da memória regional, alinhando pesquisa, prática profissional e produto aplicado.

Almeja-se com essa iniciativa valorar a coleção de Mário Ypiranga enquanto patrimônio bibliográfico amazônico e contribuir para sua divulgação, dando maior visibilidade ao acervo de personalidades regionais.

O estudo caracteriza-se como exploratória e descritiva, de abordagem quanti-qualitativa, fundamentada em fontes bibliográficas e documentais e orientada pela análise das marcas de proveniência enquanto fontes históricas do próprio objeto. O caráter exploratório justifica-se pela necessidade de mapear e reconhecer, no universo investigado, a variedade e a recorrência das tipologias de marcas, bem como compreender suas formas de ocorrência e registro. Já a dimensão descritiva se expressa no detalhamento sistemático das evidências encontradas (como assinaturas, carimbos, dedicatórias, anotações manuscritas, ex-libris, sinais de encadernação e outros vestígios materiais), visando documentar seus atributos físicos, localização no exemplar e possíveis relações com práticas de circulação, posse e leitura. A abordagem quanti-qualitativa articula, de um lado, procedimentos de mensuração e organização dos dados (por meio de contagens e distribuição de frequência das marcas, permitindo identificar padrões e tendências no conjunto analisado) e, de outro, uma leitura interpretativa contextual, voltada a atribuir sentido histórico e informacional aos indícios observados.

Foi realizado um levantamento bibliográfico destinado a sustentar o referencial teórico e analítico, com ênfase em estudos sobre marcas de proveniência, patrimônio bibliográfico, memória e bibliotecas/acervos pessoais. Essa fundamentação é articulada à contextualização regional, considerando o cenário histórico e cultural do Amazonas, de modo a situar o objeto investigado em suas condições específicas de produção, circulação e preservação, e a fortalecer a leitura das marcas como vestígios materiais e informacionais associados à construção de memória e identidade no contexto amazônico.

Neste sentido, a revisão bibliográfica teve como objetivo compreender alguns dos principais conceitos relacionados ao tema, a partir de diferentes áreas do conhecimento e de eixos complementares que sustentam a interpretação das marcas como evidências históricas do objeto e do acervo. No campo da Biblioteconomia, mobilizam-se autores voltados à caracterização de acervos pessoais, coleções especiais, raridade e patrimônio bibliográfico, bem como à descrição e à representação descritiva; na Arquivologia, dialoga-se com abordagens sobre arquivos/acervos pessoais, patrimonialização e passagem do privado ao público; e, na Museologia, incorporam-se reflexões da cultura material, relevante para compreender o livro como artefato e suporte de memória.

Para explicitar a organização do referencial, propõe-se o seguinte esquema:

- Acervos pessoais, coleções especiais e patrimônio bibliográfico: Cunha e Cavalcante (2008); Pinheiro (2009); Beffa e Napolenone (2017); Azevedo (2021); Palma Peña (2011); Heymann (2009); Oliveira (2012).
- Livro como objeto, cultura material e dimensão documental: Silva e Porpora (2021); Azevedo e Loureiro (2019); Pearson (2019); Gómez (2020); García Aguilar (2011).
- Marcas de proveniência: Pearson (2019); Leung (2016); Rodrigues *et al.* (2022); Faria e Pericão (2008); Pinheiro, Von Helde e Pereira (2023); Rodrigues e Vian (2024).
- Contexto amazônico: Braga, (1957); Paiva (2006); Souza (2009), Antonaccio (2000), Falcão (2017); Cardoso (2020).

A dissertação encontra-se organizada em 5 seções. A primeira seção corresponde à Introdução, na qual se apresenta a problemática da pesquisa, os objetivos geral e específicos, a justificativa, o recorte metodológico adotado e a estrutura do trabalho. A segunda seção discute os acervos pessoais e suas relações com memória e patrimônio bibliográfico, situando o tema no campo das coleções especiais e delineando as bases conceituais que sustentam a leitura do acervo como lugar de memória e identidade.

Em seguida, a seção 3 apresenta Mário Ypiranga Monteiro e a inserção de sua biblioteca no contexto cultural amazonense, oferecendo o enquadramento necessário para compreender a relevância do acervo e sua institucionalização.

A seção 4 consolida a fundamentação sobre marcas de proveniência e materialidade do livro, reunindo definições e tipologias que orientam a identificação e a descrição das evidências.

Em seguida, a última seção apresenta os resultados da análise material no Acervo Amazoniana, detalhando os procedimentos de observação direta e categorização, discutindo as tipologias identificadas. Além disso, como desdobramento propositivo, esta dissertação apresenta a elaboração de um repositório digital voltado ao registro, organização e difusão das marcas de proveniência bibliográfica identificadas no Acervo Amazoniana da Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro, intitulado Signa Amazoniana. O nome articula a ideia de *signa* (derivado do latim que indica sinais/marcas/indícios) com a referência direta ao recorte institucional e temático da coleção Amazoniana. A apresentação pormenorizada do repositório é desenvolvida na seção 5.

Ao final do trabalho, apresentam-se as Considerações finais, as Referências e o Apêndice A, que reúne a listagem das 61 obras levantadas no recorte da pesquisa, organizada a partir dos dados catalográficos e do controle do corpus constituído.

2 ACERVOS PESSOAIS E O PATRIMÔNIO BIBLIOGRÁFICO: PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA E IDENTIDADE

Dentre os mais diversos tipos de coleções no contexto biblioteconômico, os acervos pessoais merecem destaque por apresentarem certas singularidades. Neles, fragmentos de histórias, memórias e experiências vividas são preservados e reconhecidos por meio de suportes informacionais acumulados ao longo de uma vida inteira. Esses acervos permitem acessar um conjunto documental que ilustra trajetórias pessoais e a construção de uma narrativa própria.

Segundo os bibliotecários Murilo Bastos da Cunha e Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti no *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia*, os acervos pessoais são compreendidos de forma semelhante aos termos "biblioteca pessoal", "coleção pessoal" e "arquivo pessoal", referindo-se a conjuntos de materiais pertencentes a um indivíduo. Esses acervos consistem em "documentos acumulados por um indivíduo" ao longo de sua vida (Cunha; Cavalcanti, 2008, p. 29).

De correspondências a livros, fotos e manuscritos, esses documentos refletem o íntimo de uma personalidade, expondo momentos e fases de vida. Cada peça do acervo compõe uma coleção que revela não apenas as preferências e os interesses de quem acumulou, mas também aspectos mais íntimos de sua vivência e relação com o conhecimento.

Embora um acervo pessoal possa refletir traços de um indivíduo, é importante lembrar que nem tudo o que uma determinada pessoa consumiu de informação está necessariamente presente em sua coleção, seja ela documental ou bibliográfica.

No âmbito da biblioteconomia, os acervos pessoais integram o que se chama de "coleção especial", por geralmente se tratarem de um acervo com especificidades, que devido a sua temática, importância, características físicas e/ou diferenciais, encontra-se de maneira distinta ou mesmo fisicamente separado do acervo geral de uma biblioteca (Cunha; Cavalcanti, 2008, p. 92). Deste modo, uma coleção especial pode ser formada por um acervo pessoal, acervo de obras raras, acervo de determinado tema, memória institucional, acervo de multimeios, entre outros exemplos.

Este tema se conecta de maneira transversal às discussões sobre memória e patrimônio. Segundo Luciana Heymann (1997, p. 43), os acervos pessoais, ao transitarem da esfera privada para a pública, especialmente quando adquiridos por instituições de memória em centros de documentação, como no caso de figuras públicas, passam a ser utilizados com o

objetivo de promover a pesquisa histórica, bem como a sua patrimonialização, visando a sua valorização e proteção.

A relação entre acervos pessoais e patrimônio bibliográfico evidencia a importância da preservação desses conjuntos documentais como parte da memória coletiva. Pode-se considerar a definição de patrimônio bibliográfico apresentada pelas autoras portuguesas Faria e Pericão (2008, p. 565), que descrevem esse conceito como o conjunto de materiais bibliográficos, independentemente de seu tipo de suporte, que foram acumulados ao longo do tempo e transmitem a herança cultural de uma sociedade.

Dessa forma, a patrimonialização desses acervos não apenas garante a sua salvaguarda, mas também reforça sua função social ao disponibilizá-los para pesquisa e reflexão sobre a trajetória de indivíduos e grupos, consolidando a identidade e a herança cultural de uma sociedade.

2.1 Uma breve abordagem sobre patrimônio bibliográfico

Percebe-se uma estreita inter-relação entre patrimônio, memória e identidade, cujos conceitos podem ser abordados de forma interdisciplinar, dependendo do campo de estudo. Nesta seção, a abordagem se insere no campo da Ciência da Informação (CI), mais especificamente na Biblioteconomia. As reflexões aqui apresentadas partem da compreensão das bibliotecas (pessoais) como espaços de preservação da memória, tendo o livro-documento como foco principal.

No Brasil, o tema do patrimônio bibliográfico e documental ainda é pouco abordado. A primeira definição legal sobre o assunto surgiu no Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, que reconhecia materiais bibliográficos como parte do patrimônio histórico e artístico nacional. Posteriormente, essa concepção foi atualizada. A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 216, ampliou o conceito de patrimônio cultural, incluindo tanto os bens materiais quanto os imateriais, entre eles os documentos.

Primeiramente, para abordar o tema patrimônio bibliográfico, precisa-se ter o entendimento do que é patrimônio. Sua origem vem do latim *patrimonium* e significa conjunto de bens (de família ou de uma pessoa, instituição, empresa) transmitidos por herança¹. No que tange o patrimônio cultural, esses bens podem ser categorizados em

¹ Dicionário Online Caldas Aulete (disponível em: <https://aulete.com.br/patrimônio>).

materiais e imateriais, sendo que o primeiro é o que está sendo abordado neste trabalho. Os bens de natureza material

podem ser imóveis como as cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; ou móveis, como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos (Iphan, 2014).

O bibliotecário e pesquisador Juan Miguel Palma Peña (2011; 2013), destaca que o patrimônio cultural é composto por diversas expressões culturais, artísticas, científicas e tecnológicas desenvolvidas ao longo da história, contribuindo para o desenvolvimento das sociedades.

A cultura é um elemento prioritário do patrimônio porque, de acordo com a premissa de que é necessário conhecer aquilo que valorizamos, à medida que conhecemos as múltiplas manifestações que nela se desenvolvem, potencializamos a identificação e a atribuição de significado ao patrimônio (Palma Peña, 2013, tradução nossa).

Entre essas expressões, as manifestações impressas e documentais se destacam por serem testemunhos do pensamento das sociedades relevantes tanto pela capacidade de transmitir conhecimentos quanto por suas particularidades, assim como aborda Palma Peña “Os livros e os documentos podem ser considerados manifestações do pensamento humano que foram objetivadas em forma bibliográfica e documental, sendo parte essencial do patrimônio cultural” (Palma Peña, 2011, p. 293, tradução nossa).

Seguindo essa linha, bens culturais são elementos para a materialização da identidade de um grupo. Entre esses bens, destacam-se os livros e outros documentos impressos que possuem valor histórico, artístico e cultural, configurando-se como uma modalidade do patrimônio cultural.

Uma das questões centrais na discussão sobre acervos e patrimônio bibliográfico é a definição do que constitui um documento como bem cultural. De acordo com Chagas (1994),

Um documento se constitui no momento em que sobre ele lançamos o nosso olhar interrogativo; no momento em que perguntamos o nome do objeto, de que matéria prima é constituído, quando e onde foi feito, qual o seu autor, de que tema trata, qual a sua função, em que contexto social, político, econômico e cultural foi produzido e

utilizado, que relação manteve com determinados atores e conjunturas históricas etc (Chagas, 1994, p. 35).

De acordo com o professor e pesquisador Fabiano Cataldo de Azevedo, o tema “patrimônio bibliográfico” surgiu no Brasil em meados de 2010 com a criação de uma disciplina nos cursos de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) cuja a ementa abordava conceitos e políticas de preservação e conservação de patrimônio bibliográfico (Azevedo, 2021, p. 178).

Em seu trabalho intitulado “Perspectivas e apontamentos sobre patrimônio bibliográfico e documental”, Azevedo realizou uma revisão de literatura que abrange os diferentes aspectos relacionados ao patrimônio bibliográfico e documental, incluindo conceitos como “patrimônio histórico”, “patrimônio cultural” e “patrimônio histórico-cultural”.

Vale ressaltar que a partir do estudo realizado por Azevedo (2021), surgiram debates que contribuíram para ampliar a compreensão do patrimônio bibliográfico e documental no âmbito das coleções especiais e acervos raros. No entanto, em muitas bibliotecas brasileiras esses acervos ainda são predominantemente associados a acervos antigos.

Cabe aos bibliotecários e profissionais de informação que atuam diretamente na gestão de tais acervos e espaços de memória definirem junto a instituição critérios que estabeleçam a raridade, bem como sua patrimonialização. Teoricamente, tornar um acervo como patrimônio (seja no âmbito local, regional ou nacional) pressupõe a sua preservação.

Desse modo,

A articulação entre os conceitos documento, patrimônio e memória, põe em evidência a necessidade de três outros conceitos fundamentais para a construção teórica na área da documentação, quais sejam: PRESERVAÇÃO, COMUNICAÇÃO e INVESTIGAÇÃO. Como vimos, os documentos são representações de memória e estão articulados à idéia de preservação (Chagas, 1994, p. 38, grifo das autoras).

Afinal, como se pode definir tais critérios? Essa etapa faz parte da identificação da coleção e resulta de seu processo de catalogação. Para isso, realiza-se a análise bibliológica ou material², que consiste no exame minucioso de cada item, “para registrar a importância de sua edição, de seu autor, de seu conteúdo, de sua história” (Pinheiro, 2015, p. 35).

Outro ponto, abordado por Araújo (2020), é a discussão sobre os desafios enfrentados na conservação e gestão de coleções patrimoniais. A autora enfatiza a necessidade de políticas

² Será abordado em uma seção posterior nesse trabalho sobre “análise material”.

públicas eficazes e de investimentos em infraestrutura para garantir a preservação adequada desses acervos, ressaltando ainda a importância da formação de profissionais especializados na área de conservação e restauração de documentos históricos.

A proteção, manutenção e conservação dos bens culturais são responsabilidades das instituições da administração pública em seus diferentes níveis (municipal, estadual e federal), conforme sua jurisdição. Já às instituições detentoras de acervos culturais, como arquivos, bibliotecas, museus, centros de memória e documentação, fundações, entre outras, cabe garantir o acesso e a preservação desses acervos, tanto no âmbito público quanto privado (Guimarães, 2012, p. 75).

Diante desses desafios, a preservação do patrimônio bibliográfico exige um esforço coletivo entre instituições, governo e sociedade. Além disso, é essencial a formulação e implementação de políticas institucionais voltadas especificamente para a salvaguarda de documentos com tais características. Não apenas abarcando a conservação dos acervos, mas também estratégias de aquisição, catalogação, digitalização e difusão, garantindo sua valorização como fonte de memória e identidade cultural.

2.2 Bibliotecas pessoais como lugar de memória

O surgimento das bibliotecas remonta à necessidade humana de preservar e organizar seus registros, garantindo a transmissão do conhecimento ao longo do tempo. Conforme destaca Ana Lígia Medeiros (2019), a limitação da memória humana levou ao desenvolvimento da escrita e, com isso, ao surgimento das primeiras bibliotecas, destinadas a registrar transações comerciais, fórmulas mágicas, cantos e conhecimentos sobre astrologia e agricultura.

Desde as primeiras tábuas de argila na Mesopotâmia até os modernos acervos digitais, as bibliotecas desempenham um papel essencial na conservação da memória coletiva, na disseminação da informação e no acesso ao saber.

Ao longo do tempo, as bibliotecas têm se consolidado como o destino habitual tanto para obras recém-publicadas quanto para coleções pessoais de acadêmicos, professores, políticos, escritores e figuras de diversas áreas. Esses espaços abrigam estudos, pesquisas, literatura e registros que abrangem uma ampla gama de finalidades e temas, cumprindo o papel de preservar a memória e o conhecimento em diferentes contextos e instituições (Napoleone; Beffa, 2022, p. 622).

Na concepção do historiador francês Pierre Nora, que define os “lugares de memória” em sua obra *Les Lieux de Mémoire* (1993), as instituições que preservam acervos culturais são, por essência, “guardiãs da memória”. Nora afirma que o dever de memória faz de cada um o historiador de si mesmo, ou seja, os indivíduos assumem na preservação de suas próprias histórias. Partindo dessa ideia, a reflexão sobre os lugares de memória pode ser estendida também às bibliotecas de cunho pessoal, mesmo antes de sua institucionalização.

Seguindo ainda essa linha, o sociólogo e historiador francês Gerard Namer aborda sobre a memória coletiva e os espaços que preservam narrativas históricas. Em sua obra *Mémoire et Société* (1987), Namer sugere que a coleção de livros em uma biblioteca representa uma memória do mundo, que se torna viva e relevante quando acessada pelos leitores quando afirma “como se a massa de livros disponíveis fosse uma memória virtual que se realizaria pela leitura na sala de estudos” (Namer, 1987, p. 160, tradução nossa).

Ao tratar das bibliotecas pessoais como lugares de memória, é indispensável mencionar o escritor e bibliófilo argentino Alberto Manguel (1948-), cuja trajetória e obra literária estão ligadas à reflexão sobre os livros, a leitura e as bibliotecas, como por exemplo as obras *A biblioteca à noite* (2006), *Encaixotando minha biblioteca* (2021) e *Uma história da leitura* (2021). Manguel cultivou, ao longo da vida, uma biblioteca pessoal que ele próprio reconhece como extensão de si mesmo: “Para mim, minha biblioteca era um espaço profundamente privado, que me envolvia e me espelhava” (Manguel, 2021a, p. 15).

Em uma entrevista para o professor Carlos Reis da Universidade de Coimbra em 2022, Manguel discute a importância da biblioteca como guardiã da memória e da evidência em contraste com a disseminação de informações falsas, e reflete sobre o papel contínuo da leitura e das humanidades na cultura contemporânea, apesar dos desafios que enfrentam:

A biblioteca sempre foi um lugar em que guardamos a nossa memória. Ela existe sempre sob a sombra da censura, deliberada ou involuntária, já que nenhuma biblioteca, nem mesmo a de Alexandria, pode albergar tudo, e em qualquer seleção, por mais generosa que seja, sempre haverá lacunas. Richard Ovendon definiu a biblioteca como um “lugar de evidência”. Nesta época de falsidades, de rumores e de fábulas nocivas, este conceito é de uma importância fundamental. A biblioteca brinda-nos com a evidência das suas recordações (Reis, 2022, p. 329).

Manguel refere-se às bibliotecas como função mnemônica onde, inspiradas no ideal da antiga Alexandria, elas se tornam espaços que, embora incapazes de abarcar a totalidade do saber, se dedicam a preservar a memória: “A existência de toda e qualquer biblioteca, mesmo da minha, permite aos leitores uma visão de qual é de fato o seu ofício, um ofício que luta

contra os rigores do tempo trazendo fragmentos do passado para o presente” (Manguel, 2006, p. 35).

A constituição de uma biblioteca pessoal envolve aspectos sociais e simbólicos, onde a seleção e organização bibliográfica podem projetar uma imagem intelectual específica de seu titular, ou seja, cada pessoa constrói um acervo que reflete suas experiências, valores e identidades. Para Manguel, sua vivência cotidiana e sua capacidade de compreender o mundo são, em grande parte, moldadas pela leitura, como ele próprio escreve: “As escolhas que faço numa biblioteca, a seleção dos livros de que mais gosto, reúnem não apenas minha visão do paraíso, mas também minha identidade” (Manguel, 2021b, p. 15).

A coleção de livros passa a funcionar como uma extensão da memória individual, na medida em que conserva traços da presença do sujeito (como é o caso das marcas de proveniência, que terá uma seção mais a frente sobre o tema) por meio de marcas de leitura, dedicatórias e papéis esquecidos entre as páginas — elementos que testemunham momentos vividos pelo escritor. Assim,

uma biblioteca pessoal possui viés de memória, que vai além de uma catalogação tradicional. Além do aspecto bibliográfico em si, também deve ser considerado seu aspecto bibliológico, metodologia que tem o conhecimento do livro sob o ponto de vista da sua materialidade, assim como ocorre com a catalogação de livros raros (Santos; Nóbrega; Amaral, 2024, p. 164).

A biblioteca, nesse contexto, torna-se um ambiente dinâmico de construção da cultura, que oferece inúmeras possibilidades de estudo e pesquisa. Essa abordagem pode se dar tanto pelo viés material e histórico — investigando como os livros chegaram até ali, como foram organizados e produzidos — quanto pelas relações sociais e intelectuais que envolvem o universo do livro, sendo ainda um espaço de sociabilidade, um ponto de encontro de diferentes experiências culturais.

2.3 O patrimônio bibliográfico no contexto do Amazonas: os acervos pessoais gerenciados pelo Departamento de Gestão de Bibliotecas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Amazonas

A história do Amazonas é tão imponente quanto o seu espaço físico e remonta a 1542, quando Francisco Orellana³, ao percorrer o grande rio, se deparou com as lendárias Amazonas, guerreiras cuja bravura e habilidades de combate foram registrados pelo Frei Gaspar de Carvajal.

Inserido em um território marcado pela confluência de diversos povos e influências, no coração da selva amazônica, o estado do Amazonas abrange um vasto território no norte do Brasil, onde se consolidou um conjunto de valores, crenças, atitudes e modos de vida, moldados ao longo de um processo histórico e institucional, conforme afirma Robério Braga:

A Amazônia que tem despertado em todas as épocas e de todos os povos a maior cobiça que se conhece no Brasil, também possui valores culturais na arquitetura, em sítios arqueológicos, em trabalhos de artes e ofícios, em imagens religiosas, e muito em belezas naturais de sítios e vistas panorâmicas sensacionais. Sim, porque ele já possui um passado vivido com altas rendas da borracha, com as visitas e trabalhos interioranos de vários povos como o português e alemão e tem muito a resguardar para a fixação eterna da sua própria memória (Braga, 1978, p. 12).

Embora não seja o foco deste trabalho aprofundar na trajetória histórica do Amazonas, é fundamental destacar que a capital amazonense foi fortemente influenciada por modelos europeus, especialmente durante o período áureo da borracha⁴. Inspirada na *Belle Époque*⁵, Manaus experimentou um intenso florescimento cultural, no qual a busca pela arte e pela literatura tornou-se uma marca distintiva da elite local. Como expressão material desse projeto

³ Francisco de Orellana (1511–1546) foi um jovem explorador espanhol conhecido por ser o primeiro europeu a percorrer toda a extensão do rio Amazonas. Em 1541, partiu em uma expedição liderada por Gonzalo Pizarro, que buscava a lendária terra de Canela e o reino de El Dorado. No entanto, Orellana acabou se separando do grupo principal e seguiu pelo grande rio, chegando ao Oceano Atlântico em 1542. Durante a viagem, enfrentou dificuldades extremas e relatou ter encontrado uma tribo de guerreiras, que associou às Amazonas da mitologia grega, dando nome ao rio. Seu relato, registrado pelo frei Gaspar de Carvajal, influenciou a visão europeia sobre a Amazônia (Souza, 2009, p. 69).

⁴ A partir de 1890, a capital amazonense passou por seu primeiro grande surto de urbanização, impulsionado pelos investimentos decorrentes da acumulação de capital gerada pela economia agrária extrativista-exportadora, com destaque para a exploração do látex. Esse período marcou profundas transformações na infraestrutura da cidade, refletindo a crescente influência europeia e a busca por modernização (Dias, 1999, p. 30).

⁵ O termo *Belle Époque* surgiu após a Primeira Guerra Mundial, em um contexto de crise e reconstrução de países devastados pelo conflito. Para os sobreviventes, a lembrança de mais de quatro décadas de paz e progresso ajudou a suavizar as dificuldades do pós-guerra, criando o mito de uma "idade de ouro". Esse período, que se estendeu da última década do século XIX até meados do século XX, trouxe profundas transformações nos hábitos e crenças, especialmente na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil da Primeira República (Mérian, 2012).

de modernização e distinção cultural, a paisagem urbana de Manaus foi reconfigurada, sobretudo no seu eixo central, onde se concentravam os equipamentos públicos e os espaços de sociabilidade da elite, conforme observa-se nas Figuras 1 e 2.

Figura 1: Avenida do Palácio (atual Eduardo Ribeiro) na cidade de Manaus em 1892



Fonte: Acervo da Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro.

Figura 2: Vista da Avenida do Palácio (atual Avenida Eduardo Ribeiro), Manaus, 1892



Fonte: Acervo da Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro.

Nesse contexto, em 1871 foi inaugurada a primeira biblioteca pública do Amazonas, durante o período imperial, por iniciativa de um grupo de intelectuais e políticos amazonenses (Braga, 1957). Inicialmente, sua coleção era composta por livros doados por particulares e instituições e era denominada Sala de Leitura⁶, de acordo com a Lei nº 205, de 17 de maio de 1870:

⁶ De acordo com Genesino Braga, era comum nessa época na Europa ter os “Gabinetes de Leitura”, as “Salas de Leitura”, as “Galerias de Leitura”, que eram chamadas assim por serem “pequenas bibliotecas que dispunham do escasso espaço de uma sala, ou de um corredor, para abrigar estantes de livros e mesa de leitura” (Braga, 1957, p. 31).

Clementino José Pereira Guimarães, deputado à assembléa legislativa provincial, major commandante da 1ª secção de batalhão d'artilharia do municipio da capital, 3º vice presidente da provincia do Amazonas, &.

Faço saber a todos os seus habitantes que a assembléa legislativa provincial decretou e eu sancionei a lei seguinte:

Art. 1º Fica desde já creada, no edificio em que funciona o Lyceu, uma **sala de leitura, que servirá de nucleo a Bibliotheca publica da provincia.**

Art. 2º - O presidente da provincia fica autorizado a confeccionar o respectivo regulamento.

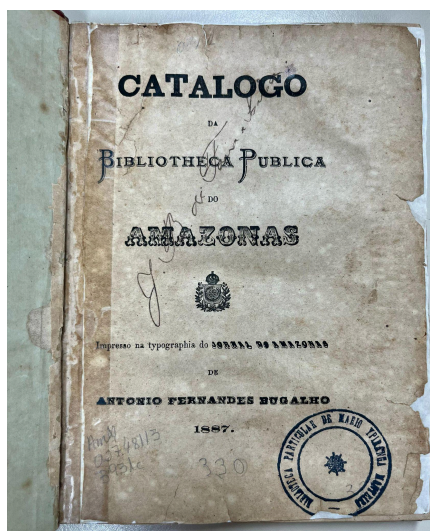
Art. 3º - Revogão-se as disposições em contrario.

Mando portanto a todas as autoridades, áquem o conhecimento e a execução da referida lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como n'ella se contem. O secretário da provincia a faça cumprir, publicar e correr.

Dado no palácio da presidência da provincia do Amazonas, em Manáos, aos 17 dias do mez de maio de 1870, 49º da independência e do império. (Amazonas, Lei n. 205, de 17 de maio de 1870, grifo nosso).

A antiga sala de leitura foi transformada em Biblioteca Provincial durante a gestão de José Lustosa da Cunha Paranaguá (1882-1884) e inaugurada em 25 de março de 1883, funcionando no consistório da Catedral de Manaus. Posteriormente, os livros foram realocados para uma sala no novo prédio do Liceu Amazonense, hoje Colégio Amazonense Dom Pedro II (Braga, 1957), processo que também pode ser observado nos registros documentais produzidos no período, como o catálogo impresso de 1887 (Figura 3).

Figura 3: Catálogo da biblioteca impresso em 1887



Fonte: Acervo da Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro.

Desde então, a Biblioteca Pública do Amazonas (BPAM) passou por diversas transformações até que, em 1910, foi transferida para o prédio onde funciona até hoje, na Rua Barroso, no Centro de Manaus. O edifício, de arquitetura neoclássica, conforme observa-se na

Figura 4, foi inaugurado em 5 de setembro⁷ de 1910, durante a administração de Antônio Bittencourt.

[...] o século XX viera encontrar a capital da borracha em plena florescência, dotada de muitos recursos então modernos da civilização: ruas principais calçadas com paralelepípedos e com tijolos de asfalto; jardins e parques sombrios com belos chafarizes e coretos ornamentais; pontes monumentais, mercado de ferro trabalhado com mais fino gosto; imponentes palacetes residenciais; luz elétrica abundante, com seus arcos voltaicos poderosos ao centro e nas esquinas das avenidas; bondes elétricos novos e elegantes correndo as artérias, rumorosos; telégrafo, telefone, esgotos e o início das obras de um cais flutuante que iria ser considerado obra-prima da engenharia (Braga, 1957, p. 69).

Figura 4: Cartão Postal da Biblioteca Pública do Amazonas, [s.d.].



Fonte: Acervo da Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro.

É importante ressaltar que em 22 de agosto de 1945 houve um incêndio devastador que atingiu grande parte do seu acervo e a ala sul da biblioteca, causando uma perda irreparável para a memória do estado, fato amplamente repercutido pela imprensa à época (Figuras 5 e 6).

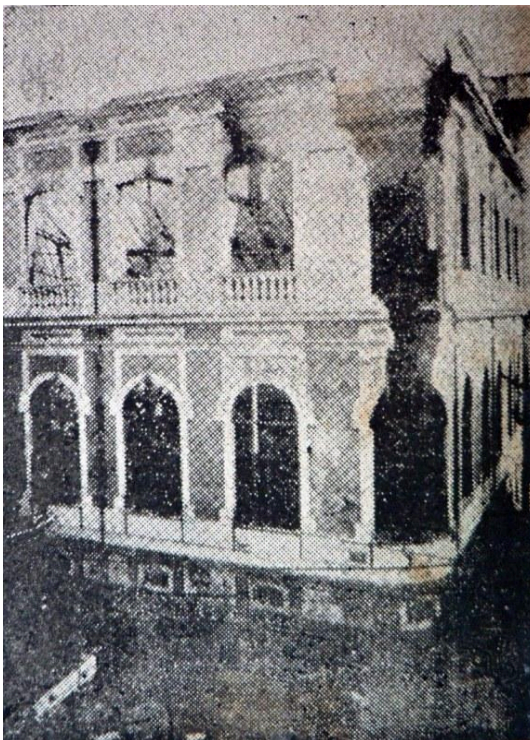
⁷ Nesta data, 5 de setembro, comemora-se a Elevação do Amazonas à Categoria de Província.

Figura 5: Notícia sobre o incêndio na Biblioteca Pública do Amazonas em 1945



Fonte: Jornal do Comercio (AM), 1945

Figura 6: Edifício da Biblioteca Pública do Amazonas, destruído pelo incêndio que aconteceu na madrugada de 22 de agosto de 1945



Fonte: BRAGA, Genesino. Nascimento e vivência da Biblioteca do Amazonas. Belém: Inpa, 1957.

Depois do sinistro, a biblioteca passou por um longo processo de recuperação, que incluiu campanhas para doação de livros e esforços governamentais para reconstruir o acervo, conforme noticiado no *Jornal do Commercio* (AM):

Perdendo o Amazonas o seu maior patrimônio cultural, como aconteceu com a biblioteca de Lima, que teve o mesmo destino doloroso da nossa, anos atrás, **os nomes representativos de nossa intelectualidade iniciaram ontem mesmo uma campanha pela formação de uma nova biblioteca**, que volte a atestar ao mundo os nossos foros de civilização e cultura.

[...] **o interventor Álvaro Maia ofertará todos os seus livros a nossa biblioteca** que será organizada dentro em breve, servindo com esse belo gesto de exemplo para nossos conterrâneos, possibilitando, assim, a constituição de novo acervo bibliográfico (DESAPARECEU..., 1945, p. 6, grifo nosso).

Em março de 1984, conforme verificado no documento do Conselho Estadual de Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Amazonas (CEDPHA), a equipe responsável pelo levantamento histórico-cultural da BPAM na época solicitou o tombamento do prédio e de seu acervo, “objetivando contribuir na preservação da memória regional” (CEDPHA, 1984).

Já no título deste mesmo documento “Solicitação de tombamento da Biblioteca Pública do Estado do Amazonas e Acervo” percebe-se a preocupação em se preservar não apenas o seu espaço físico, mas também o seu “patrimônio bibliográfico” (mencionado na página 3 onde consta a Ficha de Inventário dos Bens Imóveis de Interesse Histórico e Artístico do Amazonas). Logo, torna-se evidente o reconhecimento da BPAM e de sua função como um espaço de salvaguarda, reforçando a necessidade de medidas que garantam a sua proteção e preservação.

Autores como Monteiro (1974) e Braga (1978) já destacavam a importância da conservação e preservação dos bens que representam a memória amazonense, bem como a fiscalização de órgãos competentes para esse fim, tanto na esfera municipal quanto estadual. Desse modo, a BPAM é tombada por meio do Decreto Municipal nº 7.176, de 10 de fevereiro de 2004, e do Decreto Estadual nº 11.033, de 12 de abril de 1988.

Atualmente, a BPAM é administrada pelo Departamento de Gestão de Bibliotecas (DGB) da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Amazonas (SEC). Além de desempenhar seu papel como biblioteca, a BPAM funciona como sede administrativa do DGB, centralizando a gestão das demais bibliotecas vinculadas ao departamento e coordenando suas atividades e serviços oferecidos à comunidade.

Conforme o Regimento Interno publicado no Diário Oficial do Amazonas em 9 de setembro de 2015, o Artigo 2º estabelece que entre as finalidades da SEC compete:

II – a promoção e a proteção do **patrimônio histórico, artístico, arquitetônico, documental e cultural do Estado**, examinado pelo Conselho de Patrimônio Histórico e Artístico do Estado;

III – a gestão do uso das **bibliotecas do sistema estadual**, com a aquisição, a preservação, a divulgação e a democratização dos acervos bibliográficos (Amazonas, 2015, p. 20, grifo nosso).

Por sua vez, o DGB, como parte da estrutura organizacional da SEC, possui a seguinte atribuição:

VI – DEPARTAMENTO DE GESTÃO DE BIBLIOTECAS – coordenação do sistema estadual de Bibliotecas Públicas, promovendo ações de dinamização; gestão de uso das bibliotecas; aquisição, preservação, divulgação e democratização dos acervos bibliográficos (Amazonas, 2015, p. 20).

O Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas, o qual é mencionado na citação acima, é composto por 12 unidades de informação, conforme a proposta de organograma elaborada pelo bibliotecário da BPAM, David Carvalho, ilustrada na Figura 7.

Figura 7: Organograma DGB



Fonte: Bibliotecário David Carvalho (DGB/SEC), 2025

Dessa forma, observa-se a sua divisão em 8 bibliotecas, 3 salas de leitura e 1 centro de documentação:

Bibliotecas

- Biblioteca Pública do Amazonas
- Biblioteca Arthur Reis
- Biblioteca Mário Ypiranga
- Biblioteca Genesino Braga
- Biblioteca de Artes
- Biblioteca Thália Phedra
- Biblioteca Emídio Vaz
- Biblioteca Fred Góes

Salas de Leitura

- Sala de Leitura Aparecida
- Sala de Leitura Magdalena Daou
- Sala de Leitura Pe. Pedro Vignola

Centro de Documentação

- Centro de Documentação e Memória da Amazônia (CDMAM) / Memorial Samuel Benchimol

Com base na breve trajetória da BPAM aqui apresentada, observa-se que, desde sua fundação — ainda como Sala de Leitura, Biblioteca Provincial e posteriormente Biblioteca Pública do Estado —, sua composição já incluía doações de coleções particulares. Esse processo se intensificou após a campanha de reconstrução promovida após o incêndio, resultando na presença, até os dias atuais, de acervos provenientes dessas doações.

Essa prática pode ser vista desde as bibliotecas da Antiguidade que “eram ou coleções particulares das leituras de determinado homem ou armazéns governamentais em que se preservavam documentos legais e literários para consulta oficial” (Manguel, 2006, p. 27).

Após um levantamento dos acervos pessoais realizado junto ao DGB, abrangendo tanto as coleções que resultaram das doações após o incêndio quanto outras aquisições, observou-se o quantitativo de 40 coleções⁸, como se pode verificar no Quadro 1.

Quadro 1: Acervos pessoais no Departamento de Gestão de Bibliotecas

Coleção	Tipologia documental	Localização
Admar Thury	Livros	BPAM
Adriano Jorge	Livros	BPAM
Afrânio de Sá	Livros, revistas	BPAM
Agnello Bittencourt	Livros	BPAM, CDMAM
Alfredo da Matta	Livros	BPAM
Álvaro Maia	Livros	BPAM
Anna Carolina	Fotografias	CDMAM
Andreas Valentin	Fotografias	CDMAM
Anibal Beça	Livros, revistas	BPAM
Anísio Jobim	Livros	BPAM
Anísio Mello	Manuscritos	CDMAM
Angelo D'Urso	Livros	BPAM
André Araújo	Livros	BPAM
Antonio Quirino de Araújo	Livros	BPAM
Aristophano Antony	Livros, manuscritos, hemeroteca	CDMAM
Arthur Reis	Livros, folhetos, revistas, jornais, manuscritos, materiais cartográficos, fotografias, documentos pessoais, objetos tridimensionais	Biblioteca Arthur BPAM, Reis, CDMAM
Beth Azize	Fotografias	CDMAM
Carlos Mesquita	Bibliográfico	BPAM
Cláudio Santoro	Fotografias	CDMAM

⁸ As coleções pessoais presentes na BPAM e CDMAM estão em processo de identificação e inventário, portanto esse é o quantitativo atualizado até a publicação deste trabalho. Além disso, os acervos localizados no CDMAM correspondem aos acervos digitais, apenas.

Denise Cabral	Fotografias, revistas (Manaus Magazine)	CDMAM
Eunice Telles	Livros	BPAM
Francisco Queiroz	Livros	BPAM
Genesino Braga	Livros, documentos pessoais	Biblioteca Genesino Braga, BPAM, Biblioteca Arthur Reis, CDMAM
Henoch Reis	Livros	BPAM
Huascar de Figueiredo	Livros	BPAM
Joaquim Marinho	Livros, folhetos, revistas, objetos tridimensionais	BPAM
Jorge Carvalhal	Livros	BPAM
José Castanheiro	Livros	BPAM
José Cláudio Mesquita	Livros	BPAM
Leôncio Salignac	Manuscritos, fotografias, hemeroteca, documentos pessoais	CDMAM
Leonide Príncipe	Fotografias	CDMAM
Manoel B. Gesta	Livros	BPAM
Mário Ypiranga Monteiro	Livros, folhetos, revistas, jornais, manuscritos, materiais cartográficos, fotografias, documentos pessoais, audiovisuais, objetos tridimensionais	Biblioteca Mário Ypiranga, BPAM, CDMAM
Pedro Freyre	Livros	BPAM
Raymundo Moraes	Livros	BPAM
Renato Araújo	Fotografias, hemeroteca, gravuras, desenhos	CDMAM
Rui Araújo	Livros	BPAM
Samuel Benchimol	Livros, manuscritos	CDMAM
Sergio Figueiredo	Fotografias	CDMAM
Silvino Santos	Fotografias, documentos audiovisuais	CDMAM

Fonte: A autora, 2025. Elaborado a partir de informações levantadas com bibliotecários que atuam no DGB.

Algumas dessas coleções contam com espaços próprios, dedicados à guarda e à preservação, em razão do volume e da especificidade do conjunto documental, como ocorre com as bibliotecas Mário Ypiranga Monteiro⁹ e Arthur Reis. Essa configuração pode ser visualizada na Figura 8, que apresenta a Biblioteca Arthur Reis, cuja ambientação e disposição do mobiliário indicam um espaço pensado para acomodar e organizar o acervo.

Figura 8: Biblioteca Arthur Reis



Fonte: A autora, 2025.

De modo complementar, a Figura 9 ilustra a presença de acervos pessoais na BPAM, que estão atualmente acondicionados no Salão de Obras Raras.

⁹ Será abordado com mais detalhes na seção seguinte.

Figura 9: Acervos pessoais na Biblioteca Pública do Amazonas



Fonte: A autora, 2025.

Ainda que este trabalho não tenha como objetivo descrever detalhadamente cada uma dessas coleções, percebe-se que os titulares desses acervos, de certa forma, têm em comum sua contribuição para a história, cultura, literatura, ciências e artes no Amazonas, como pode-se verificar no livro *Dicionário Amazonense de Biografias* (Bittencourt, 1973) e os volumes 1 e 2 do *Roteiro Histórico de Manaus* (Monteiro, 1998). Muitos deles foram escritores, professores, historiadores, médicos, jornalistas, políticos, cientistas e artistas que marcaram a produção do conhecimento e a identidade cultural da região.

Isso demonstra que os acervos não se limitam a documentar a literatura e a cultura do Amazonas, mas abrangem também áreas como medicina (Adriano Jorge, Alfredo da Matta), música (Cláudio Santoro), antropologia e história (Arthur Reis, Mário Ypiranga Monteiro, Samuel Benchimol), artes visuais e cinema (Silvino Santos), além de incluir figuras que desempenharam papéis importantes na política e na administração, como os governadores Álvaro Maia e Arthur Reis, e aqueles que atuaram na magistratura e na política, como Rui Araújo e Henocho Reis.

De modo geral, percebe-se que a contribuição individual de cada titular enriquece o acervo, proporcionando um panorama diversificado da história e da cultura local. Além disso, a preocupação com a preservação da memória regional já se manifestava em 1935, quando o

governador do Amazonas, Álvaro Maia, destacou em mensagem à Assembleia Legislativa: “sob a denominação de ‘estante Tenreiro Aranha¹⁰’ está sendo organizada uma collecção de livros referentes a assuntos amazônicos, que já conta com 204 volumes encadernados” (Braga, 1957, p. 98).

Mais tarde, essa nomenclatura foi substituída por "Amazoniana", padronizada em todas as bibliotecas da SEC. Hoje, esses acervos são geralmente organizados em duas grandes categorias: Acervo Geral e Acervo Amazoniana, que concentra documentos de autoria regional ou relacionados à temática local.

Dessa forma, essa estrutura vai além do aspecto histórico, considerando que as coleções de memória regional não se limitam a publicações históricas, mas abrangem toda a produção que retrata a região (Greenhalgh; Juvêncio, 2024).

¹⁰ Nome em homenagem ao primeiro presidente da Província do Amazonas, que se deu por decreto imperial no dia 7 de junho de 1851, João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha (Bittencourt, 1973, p. 475).

3 MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A CULTURA DO AMAZONAS

Ao longo de seus 95 anos, Mário Ypiranga Monteiro desenvolveu uma trajetória marcada pela dedicação ao estudo e à documentação das diversas expressões culturais da Amazônia. Atuou como professor, pesquisador, advogado, historiador, sociólogo, antropólogo, poeta e crítico literário. Sua produção transita por diferentes campos do conhecimento e busca compreender as complexidades sociais, políticas e simbólicas da região amazônica.

De acordo com Charles Falcão, a amplitude de seus estudos no âmbito do folclore reflete a dedicação incansável em desvendar os enigmas da cultura regional.

Num esforço por contribuir para a constituição da cultura e da identidade nacional, o autor sempre procurou destacar os aspectos específicos da regionalidade amazônica, ao mesmo tempo em que propôs sua incorporação no mosaico representado pela cultura e a identidade presentes numa certa visão da nacionalidade (Falcão, 2017, p. 49).

Nesta seção, busca-se compreender a trajetória intelectual de Mário Ypiranga Monteiro e o processo de formação de sua biblioteca pessoal, aqui analisada como uma expressão de seus interesses, percursos de pesquisa e contribuições para a historiografia amazonense. A partir dessa perspectiva, acompanha-se a passagem do acervo do âmbito privado para o público, culminando em sua institucionalização como biblioteca de consulta e preservação da memória.

3.1 Um intelectual amazônida: vida e obra de Mário Ypiranga

Mário Ypiranga Monteiro destaca-se entre os mais proeminentes intelectuais do Amazonas, cuja produção crítica tem contribuído para o aprofundamento do debate sobre a Amazônia e suas relações com o contexto global. Filho de Francisco Monteiro e Maria de Souza Monteiro, nasceu em Manaus, em 23 de janeiro de 1909, em um período ainda permeado pelas reminiscências do auge do Ciclo da Borracha, quando a cidade mantinha traços de um recente desenvolvimento econômico e cultural.

Ainda jovem, vivenciou as contradições de uma capital que, embora herdeira de uma infraestrutura sofisticada e de uma intensa vida intelectual, começava a enfrentar os efeitos da

decadência econômica e do distanciamento em relação às dinâmicas políticas e culturais do país. Nesse contexto, sua formação escolar coincidiu com um ambiente de efervescência intelectual e de crescente mobilização estudantil.

Durante sua trajetória no Ginásio Amazonense Pedro II¹¹, onde estudou entre 1922 e 1930, Monteiro envolveu-se ativamente na vida acadêmica da instituição. Participou de agremiações estudantis, colaborou em jornais internos e destacou-se como um jovem articulador de debates, sobretudo aqueles voltados para questões políticas e sociais que mobilizavam o país.

Conforme Paiva (2006, p. 120), sua sensibilidade para os temas políticos o aproximou dos ideais que antecederam a “Revolução de 1930”, que repercutiram intensamente no meio estudantil manauara, onde Monteiro esteve diretamente envolvido no episódio que ficou conhecido como Revolução Ginásiana¹², conflito que colocou estudantes em confronto com a polícia local. Os jornais militantes produzidos pelos próprios alunos, muitos deles com textos assinados por Monteiro, desempenharam função na articulação das ações de protesto e na difusão de discursos alinhados às transformações políticas em curso no país.

Foi no Ginásio Amazonense que comecei a sentir o quanto de odiosidade havia sido depositado na alma da mocidade contra os ladrões do erário público. Aquando da invenção da cadeira de Educação Moral e Cívica (1925) certas aulas proferidas pelo catedrático Álvaro Maia visavam a despertar em nós interesse pelas causas em que a pátria ou a sociedade dos homens estivessem empenhadas; visavam, também, especialmente, a fixação de padrões de comportamento contrário à linha de conduta exigida pela disciplina (Monteiro, 1996, p. 35).

Mais tarde, formou-se Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade do Amazonas, tornou-se membro de diversas instituições de ensino e pesquisa, não só de reconhecimento regional mas também nacional e internacional, como a Academia Amazonense de Letras, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Sociedad Folklorica de Mexico, National Geographic Society, entre outras.

A criação de institutos e academias no Brasil esteve vinculada aos esforços de construção de uma identidade nacional e, ao mesmo tempo, à afirmação das especificidades

¹¹ Fundado em 14 de março de 1869 como Lyceu Provincial Amazonense e reinaugurado em prédio próprio em 5 de setembro de 1886, sob a denominação de Gymnasio Amazonense D. Pedro II, o atual Colégio Amazonense Dom Pedro II consolidou-se como uma das instituições de ensino mais tradicionais do estado (Silva, 2011, p. 23). Nessa mesma instituição, Mário Ypiranga foi professor de Geografia Geral entre 1951 e 1963 (Monteiro, 1988, p. 7).

¹² A relevância desse episódio em sua trajetória foi tamanha que, anos mais tarde, ele dedicou-se a registrá-lo em obra específica, “Mocidade Viril 1930: o motim ginásiano” (1996), na qual recupera memórias, documentos e análises sobre o movimento.

regionais. Enquanto no eixo Rio–São Paulo essas instituições tinham como propósito o fortalecimento de uma narrativa nacional, no Amazonas elas emergiram em meio a um cenário de crise econômica e buscaram reinterpretar a realidade local. Como observa o pesquisador Antonio Cardoso:

Institutos e Academias operavam praticamente em todos os estados brasileiros, com origens que remontavam aos primeiros trajetos dos estudos de História, de Etnologia, de Geografia e de Literatura produzidos no Brasil, vide os exemplos precursores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB – 1838) e da Academia Brasileira de Letras (ABL – 1897), ambos sediados no Rio de Janeiro. O IHGB e a ABL configuraram uma espécie de vanguarda na tentativa de concatenação de uma identidade nacional, ligada aos interesses das elites situadas majoritariamente no centro-sul do país. Já o IGHA e a AAL, criados no contexto conturbado das primeiras décadas da República no Amazonas, tiveram seu esteio inicial localizado no ambiente de crise econômica. Segundo Marco Aurélio Coelho de Paiva, havia singularidades que caracterizavam tais instituições de cultura amazonenses, cujos intelectuais perseguiam vicissitudes internas da realidade local, buscando caminhos para (re)criar o panorama identitário do mundo amazônico diante da crise (Cardoso, 2020, p. 108)

Observa-se em seu currículo que, embora possuísse a formação e o registro profissional de advogado (inscrito na OAB-AM sob o nº 250) e de jornalista (membro da Associação Amazonense de Imprensa), sua atuação profissional principal estava concentrada nas esferas de docência e pesquisa (Monteiro, 1988).

Sua carreira de escritor foi extensa, resultando em mais de duzentas obras publicadas. A jornada iniciou-se em 1927, quando, ainda estudante, passou a colaborar com jornais e revistas estudantis de Manaus. Logo expandiu sua atuação para poesias e contos, publicados em periódicos como “O Malho”, “Fon-Fon” e “Fru-Fru”, até alcançar, a partir da década de 1940, o campo editorial de livros. Sua estreia ocorreu em 1947, com “O Aguadeiro”, seguida por “Fundação de Manaus”, em 1948, obras que marcaram o início de sua atuação no campo bibliográfico.

Mário Ypiranga dedicou-se especialmente aos estudos sobre a Amazônia e o homem amazônico, tornando-se uma importante referência intelectual sobre a região. A obra de Monteiro resulta de uma atividade intelectual voltada para diferentes áreas das ciências humanas. Seus estudos incluem pesquisas históricas, sociológicas e antropológicas sobre as populações amazônicas, além de um levantamento do folclore regional. Sua produção também envolve crítica literária e incursões na poesia e na prosa. Esse conjunto de trabalhos pode ser entendido como uma forma de abordar diversas questões relacionadas às particularidades sociais da região amazônica.

Além disso, sua trajetória acadêmica foi acompanhada por diversos deslocamentos pelo estado do Amazonas e por outras regiões do Brasil, bem como por viagens a diferentes países com fins de pesquisa antropológica e folclórica, além de observação e turismo. Tais experiências observam-se em uma parte de seu currículo, que evidencia como esses deslocamentos contribuíram para ampliar sua compreensão das expressões culturais amazônicas: “[...] Percorreu todo o Estado natal e muitos rios da bacia em pesquisas etnográficas, antropológicas e folclóricas, a partir de 1932. Viajou pelos Estados brasileiros, de norte a sul e de leste a oeste, quer em missões culturais, quer a título de observação e turismo” (Monteiro, 1988, p. 48).

Ao tratar da vida intelectual de Mário Ypiranga Monteiro, torna-se indispensável considerar os estudos desenvolvidos por Marco Aurélio de Paiva (2002) e Charles Maciel Falcão (2015). Ambos os pesquisadores se dedicam a compreender as contribuições de Monteiro não apenas para a consolidação de sua posição de destaque nos cenários intelectual local, nacional e internacional, mas também para o fortalecimento da cultura amazônica enquanto expressão de identidade.

Paiva afirma que:

Os estudos sobre folclore de Mário Ypiranga Monteiro voltaram-se para a “realidade regional” com a intenção clara de buscar elementos “autênticos” identificadores e distintivos de uma “cultura amazônica” que poderiam também servir de elementos aditivos no processo de enriquecimento da “cultura nacional”. [...] Ou seja, fazia-se necessário a revelação de aspectos próprios e específicos da realidade amazônica que simultaneamente a diferenciaria das demais “regiões” e contribuiria para a configuração de uma “cultura nacional”. [...] Ora, o conjunto de obra de Mário Ypiranga Monteiro, que apontava para uma determinada representação da regionalidade amazônica, definiu-se em meio a um aparato político-institucional que lhe conferiu uma certa legitimidade “discursiva” tanto no âmbito da “província” quanto no plano nacional (Paiva, 2002, p. 72)

Nesse sentido, compreender a formação da vida intelectual de Mário Ypiranga Monteiro implica reconhecer que sua produção não ocorreu de maneira isolada, mas esteve profundamente vinculada ao espaço institucional e simbólico que se consolidava na Amazônia ao longo do século XX. Sua atuação no Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA), na Academia Amazonense de Letras (AAL) e no Ginásio Amazonense Dom Pedro II possibilitou a construção de uma identidade intelectual ancorada na valorização da cultura regional e na afirmação da Amazônia como território singular no cenário nacional. Como observa Falcão:

Participando ativamente de instituições que em âmbito regional teriam representado um esforço inicial pela constituição de um campo de atuação especificamente intelectual, como o foram o Ginásio Amazonense Pedro II, o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA) e a Academia Amazonense de Letras (AAL), Mário Ypiranga realiza uma série de investimentos no campo da cultura que, tanto respondem às demandas das forças políticas regionais em sua tentativa de arquitetar uma saída para a crise econômica que assolava a região, como permitem a construção de uma carreira intelectual sólida e reconhecida no cenário da produção simbólica nacional, haja vista sua participação no projeto da CNFL, compondo a imensa rede de intelectuais regionais devotados ao trabalho de valorização e resgate do folclore nacional [...] devemos perceber os estudos de Mário Ypiranga sobre o folclore amazônico como um discurso que legisla sobre a realidade da região, a partir da legitimidade e da autorização de que se reveste quando de sua participação nesses lugares de fala (Falcão, 2015, p. 220).

A menção de Falcão à participação de Mário Ypiranga no projeto da Comissão Nacional do Folclore (CNFL) ganha relevância quando situada no contexto de sua criação, em 1947. Idealizada com o propósito de dinamizar o folclorismo brasileiro, a CNFL adotou como estratégia a formação de comissões estaduais, dirigidas por intelectuais regionais que atuariam como mediadores entre o campo cultural local e os interesses nacionais de valorização identitária. Nesse cenário, Monteiro, que já integrava o Conselho Estadual de Cultura, além de outras instituições culturais, destaca-se como presidente da Comissão Amazonense de Folclore. Esse engajamento fortaleceu a autoridade de seu discurso, conferindo-lhe legitimidade para falar sobre a cultura amazônica a partir de um lugar estratégico no campo intelectual (Falcão, 2015, p. 44).

Segundo Marita Monteiro, filha de Mário Ypiranga, em entrevista realizada para a disciplina de História Oral em 2024 no PPGMA, seu pai foi o primeiro no Amazonas a fazer estudos de história social, pesquisando sobre os “tipos humanos” como pode-se verificar em seus livros publicados sobre o aguadeiro, o atravessador, o pescador, o regatão, entre outros. As Figuras 10 e 11 apresentam Mário Ypiranga durante o processo de coleta de dados realizado em suas pesquisas.

Figura 10: Registro de Mário Ypiranga em pesquisa de campo no município de Maués (AM), durante entrevista com uma moradora local em 1960



Fonte: Acervo Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro, 2025.

Figura 11: Mário Ypiranga em atividade de documentação sonora na Praça Tenreiro Aranha, em Manaus (AM), durante gravação de um homem cego cantando e tocando berimbau



Fonte: Acervo Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro, 2025.

Na Figura 10, observa-se Mário Ypiranga em atividade de campo no município de Maués, interior do Amazonas, realizando, em 1960, entrevista com uma moradora local no âmbito da pesquisa que resultou na obra “Antropogeografia do guaraná”. Já na Figura 11, também data de 1960, registra-se o momento em que o pesquisador documenta um homem

cego que pedia esmolas enquanto tocava berimbau e entoava cantos na Praça Tenreiro Aranha, em Manaus.

Marita também relata trechos da vida de seu pai em um artigo, no qual menciona que a própria família o auxiliava nas pesquisas de campo, carregando equipamentos como máquinas fotográficas e gravadores que, à época, eram volumosos e de difícil transporte. Segundo ela:

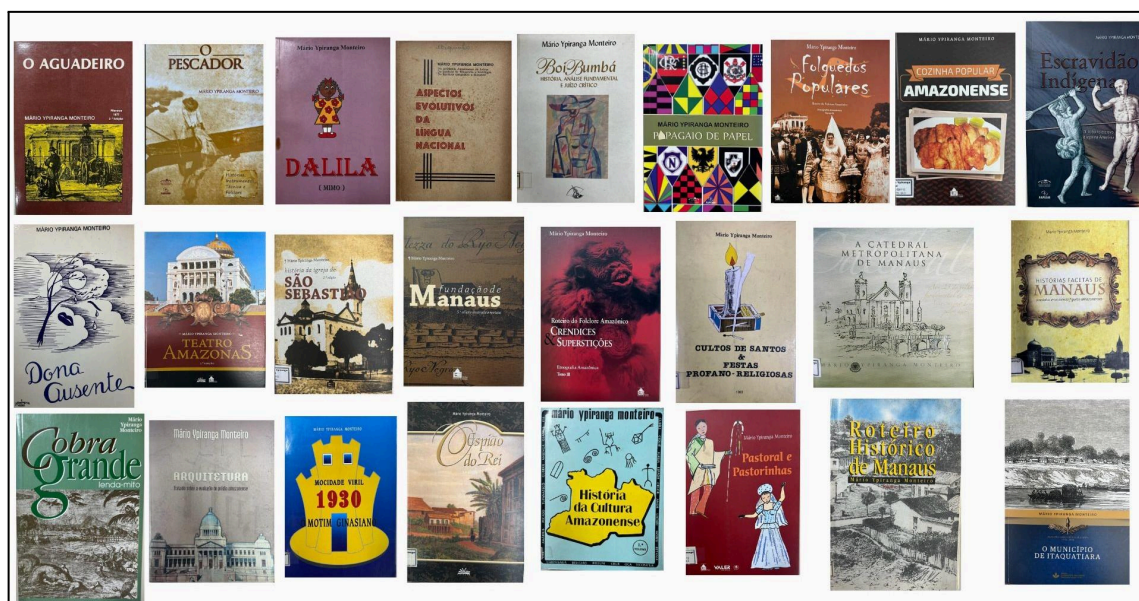
Muitas vezes a residência onde estava sendo realizada a manifestação folclórica era de difícil acesso, e transportar todo aquele equipamento era uma mão-de-obra. Quando não havia luz era tudo anotado e, se possível, fotografado. Sempre tínhamos que voltar duas ou três vezes para que a pesquisa ficasse perfeita, sem escapar um detalhe. As dificuldades eram muitas, principalmente no interior, e por várias vezes chegou a perdewr o material ao cair dentro d'água (Monteiro, 2015, p. 212).

Além disso, Marita recorda outro episódio que evidencia o espírito incansável de pesquisa de seu pai:

A vida de meu pai foi sempre cheia de emoções. Suas andanças pelo interior deixavam a família preocupada, principalmente quando ele ia visitar aldeias de índios. Certa feita, ele viajou para Maués, a serviço do Inpa, pesquisando para o seu livro "Antropogeografia do Guaraná", que foi publicado pelo Instituto. A previsão da viagem era de quinze dias, mas, passados mais de vinte e tantos dias, como não chegasse, a família e o diretor do Inpa, dr. Djalma Batista, já estavam apreensivos, pois a comunicação com o interior naquele tempo era precária, quando ele chegou com a equipe. Trazia muito material indígena e tranquilo justificou: tinha ido assistir a uma festa na maloca dos índios Andirás, em Ponta Alegre, no rio Andirá, não podia desperdiçar aquela oportunidade de coletar o material para um outro trabalho. Assim era o meu pai, nunca perdia uma oportunidade, estava sempre pensando na frente em outro livro que ele poderia escrever.

Na Figura 12, apresentam-se algumas de suas obras publicadas, que evidenciam a amplitude de sua produção intelectual e o caráter multidisciplinar de suas pesquisas sobre a cultura, a história e as manifestações populares do Amazonas.

Figura 12: Obras publicadas por Mário Ypiranga Monteiro



Fonte: A autora, 2025.

No campo do folclore regional, dedicou-se à pesquisa e à escrita sobre diversos aspectos da cultura popular amazonense, abordando festas populares e religiosas, cultos de santos, danças, medicina tradicional, culinária e bebidas típicas, artesanato, cerâmica, lendas, mitos, fábulas, crenças e superstições, além de cantigas de roda e folguedos populares, entre outros.

De acordo com Cardoso (2020, p. 101), Monteiro começou a participar das discussões sobre a história e o passado mesmo dentro de instituições conservadoras, que tendiam a valorizar as heranças coloniais e uma visão tradicional e elogiosa da história. Ainda nesse ambiente, ele se destacou por se interessar por personagens populares, pessoas simples, dos rios, povoados e ruas, que normalmente não apareciam nas narrativas oficiais. Seu olhar era guiado por uma abordagem baseada na observação direta e em dados concretos. Para Paiva, “o contexto sociocultural específico da cidade de Manaus no período promoveu os limites e as possibilidades de constituição do campo intelectual ‘regional’ a partir da problemática da ‘regionalidade’ enquanto tema central da sua estruturação” (Paiva, 2002, p. 60).

Após seu falecimento, em 2004, a família deu continuidade à publicação de seus trabalhos e reedições. Segundo sua filha, Marita Monteiro, “deixou muitos livros já prontos no computador, datilografados e manuscritos terminados e por terminar” (Monteiro, 2005, p. 215). Esse esforço permanece até os dias atuais, com a divulgação de obras póstumas como *Cozinha popular amazonense* (2014), *As Amazonas e o matriarcado: ensaio de Antropologia*

Cultural (2014) e *O município de Itacoatiara* (2018), entre outras, demonstrando a permanência de sua contribuição intelectual e o compromisso da família com a preservação de sua memória.

Sua trajetória demonstra múltiplas perspectivas e resultados, perceptíveis na variedade de seus escritos e na predominância de uma orientação voltada ao estudo do local. Sua produção evidencia, ainda, um esforço analítico coerente com os recursos metodológicos disponíveis à época, refletindo o diálogo entre o pensamento científico nacional e as especificidades amazônicas, como observa Antonaccio (2000, p. 20), “o nosso passado vive presente em nossa literatura, graças ao abnegado professor [...] que jamais deixou de estudar tudo o que diz respeito ao Amazonas para nosso deleite e conhecimentos científicos”.

3.2 Entre o privado e o público: a Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro

Desde a infância, Mário Ypiranga Monteiro foi influenciado pelo ambiente intelectual cultivado em sua casa. Seu pai, Francisco Monteiro, mantinha uma pequena biblioteca pessoal que proporcionou ao jovem contato precoce com obras de literatura e poesia, despertando desde cedo o hábito da leitura. Conforme relata Marita Monteiro em entrevista para esta pesquisa em 2025, parte desse acervo paterno foi herdado por Mário após seu casamento, incorporando-se à sua própria biblioteca particular.

Com o tempo, Monteiro reuniu um vasto acervo bibliográfico, composto por obras de diferentes áreas do conhecimento, sempre em busca de novos saberes, ainda que a Amazônia permanecesse como seu principal objeto de estudo. Em entrevista concedida ao periódico *Amazonas Cultura*, em março de 2004, aos 95 anos (quatro meses antes de seu falecimento), afirmou: “minha biblioteca é cosmopolita”. Com tal expressão, ele sugere que seu acervo não se limita a uma única temática, região ou tradição intelectual. Pelo contrário, tratando-se de uma biblioteca plural e diversificada, composta por obras de diferentes áreas do conhecimento, línguas, países e perspectivas culturais.

Essa dimensão afetiva e intelectual em torno dos livros também é ressaltada por sua esposa, em entrevista concedida ao jornal *Em Tempo*, em 20 de março de 2009. Ao rememorar a convivência com o pesquisador, ela destaca a profunda relação de Monteiro com a leitura e com o universo bibliográfico: “ele era apaixonado pelo livro. Adorava ler. Por isso nossa casa virou uma biblioteca. Comprava muitas obras para sua leitura e também para realizar suas

pesquisas. Juntou ao longo da vida um acervo com mais de 15 mil livros sobre a região amazônica”.

Mário Ypiranga cultivava uma prática de leitura abrangente, interessando-se por temas diversos, independentemente do idioma, razão pela qual mantinha sempre consigo dois bons dicionários (Monteiro, 2005, p. 215).

O vínculo com os livros manifestava-se também em sua rotina de aquisição de obras, marcada por constantes visitas a livrarias e sebos, especialmente durante viagens:

Era um rato de livraria, adorava um sebo. Quando viajava, a primeira coisa que pedia era para ir a livrarias e lojas de brinquedos. Muitas vezes voltávamos, eu e minha mãe, duas a três vezes nas livrarias, porque ele achava que tinha esquecido alguma coisa. Eram horas e horas esperando por ele, pacientemente. Quando encontrava algum livro excepcional que não possuía, ou mesmo já tendo, ficava feliz como uma criança. Várias vezes comprou em sebos no Rio de Janeiro e em São Paulo livros com assinatura, com dedicatória e com carimbos de instituições (Monteiro, 2005, p. 215).

Na década de 1980, Mário Ypiranga já demonstrava preocupação com o destino de sua biblioteca particular após sua morte, conforme relatado por Marita Monteiro, em entrevista ao jornal *A Crítica*. Segundo ela, seu pai tinha plena consciência do valor histórico de sua coleção e temia que o acervo sofresse deterioração ou que parte das obras se perdesse. Marita destacou ainda que, diante da raridade de alguns exemplares reunidos por seu pai, caberia ao governo estadual zelar por sua preservação, reconhecendo o conjunto como parte integrante do patrimônio histórico da cidade (*A Crítica*, 11 mar. 1988, p. 6).

Conforme indicam documentos e relatórios internos, em 2008 o Governo do Amazonas, por intermédio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa (SEC), adquiriu o acervo pessoal de Mário Ypiranga Monteiro. Posteriormente, em 2011, foi inaugurada a biblioteca e o memorial que leva o seu nome. Localizado no Centro Cultural dos Povos da Amazônia (CCPA), na cidade de Manaus, o espaço — dedicado à preservação da memória e da trajetória do escritor — é administrado pelo Departamento de Gestão de Bibliotecas (DGB) da SEC.

A biblioteca possui desde objetos pessoais como instrumentos de pesquisa e escritório, troféus, medalhas, placas de homenagens, itens de arte sacra, além de uma coleção bibliográfica e documental composta de livros, folhetos, manuscritos, periódicos, mapas, fotografias, cartas, entre outros documentos. A Figura 13 apresenta um compilado de imagens

do local, permitindo visualizar a ambientação e a disposição geral do espaço, onde observa-se a área da sala de leitura, memorial com objetos em exposição e a área do acervo bibliográfico.

Figura 13: Biblioteca e Memorial Mário Ypiranga Monteiro



Fonte: A autora, 2025.

Verificou-se que no inventário do acervo bibliográfico constam 15.023 volumes catalogados. Além disso, há também uma relação de objetos pessoais e de escritório, peças arqueológicas, etnográficas e de arte sacra, além de documentos audiovisuais e sonoros. Parte desse material fica em exposição na biblioteca e outra parte permanece acondicionada em reserva técnica do CCPA.

O acervo também inclui um conjunto de materiais acondicionados em 63 caixas-arquivo que estão em processamento técnico, conforme pode ser observado na Figura 14.

Figura 14: Acervo documental de Mário Ypiranga



Fonte: A autora, 2025.

Os itens registrados até o momento desta pesquisa totalizam 7.100 documentos catalogados, distribuídos em 5.786 recortes de jornais, 1.131 correspondências e 183 documentos de naturezas diversas, tais como rascunhos de livros, cadernos, desenhos, partituras, convites e cartões, entre outros.

Muitos desses documentos integraram as pesquisas desenvolvidas por Mário Ypiranga, como por exemplo documentos relacionados ao Teatro Amazonas¹³. Sobre o tema, publicou uma obra desenvolvida ao longo de mais de 30 anos de pesquisa, cujos volumes foram editados de forma esparsa em 1965, 1997 e 2001. Sua edição definitiva, lançada em 2003, reuniu todos os estudos anteriormente publicados em um volume de 686 páginas.

A organização da biblioteca estrutura-se em dois eixos principais: Acervo Geral e Acervo Amazoniana. Tal divisão, posteriormente formalizada no âmbito institucional, já se fazia presente na organização pessoal do escritor, que distinguia suas obras entre títulos de abrangência ampla e produções relacionadas à região amazônica, seja por temática, autoria ou relevância para os estudos culturais e históricos locais.

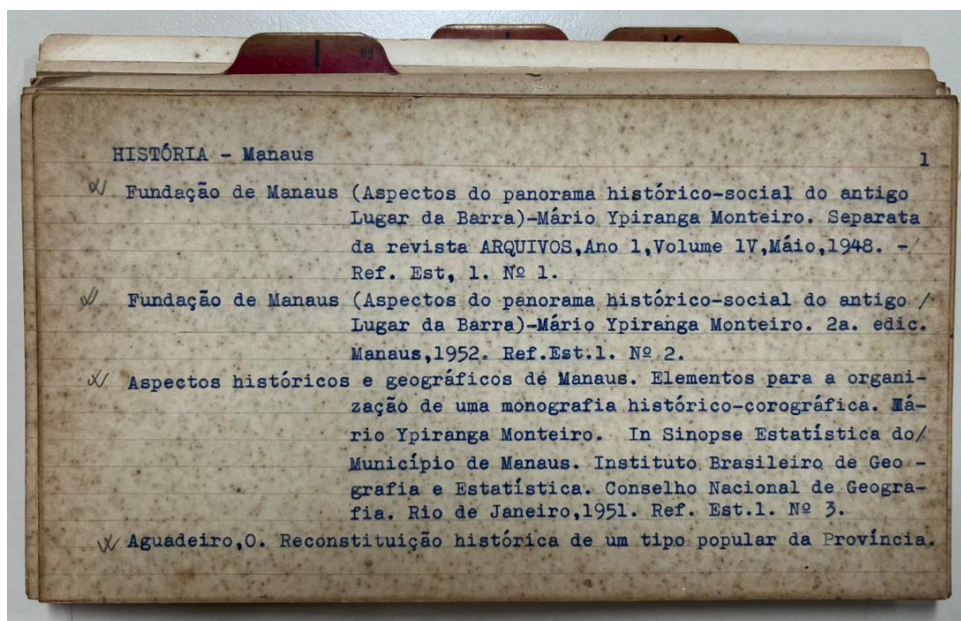
Durante o processo de aquisição do acervo pelo Estado, a bibliotecária Maria Clara Bentes, responsável pela mediação técnica e pelo primeiro tratamento documental (hoje

¹³ De acordo com matéria publicada por Santana no jornal *A Crítica* (2003, p. 5), Mário Ypiranga considerava o livro “Teatro Amazonas” como sua obra mais importante.

aposentada), atuou diretamente na etapa de transferência e organização do material, mantendo contato estreito com a família do escritor, em especial com sua filha Marita Monteiro, que administrava questões relativas ao trabalho intelectual do pai e à preservação da biblioteca. Segundo relato da bibliotecária, a manutenção dessa divisão em dois conjuntos (Acervo Geral e Amazoniana), já presente no arranjo original, foi uma decisão que se adequou às práticas adotadas pelo DGB, garantindo alinhamento metodológico e maior eficiência na recuperação da informação. O acervo encontra-se classificado por assunto pela Classificação Decimal de Dewey (CDD), sendo atualmente gerenciado pelo sistema Biblivre, utilizado para catalogação, circulação e controle administrativo da coleção.

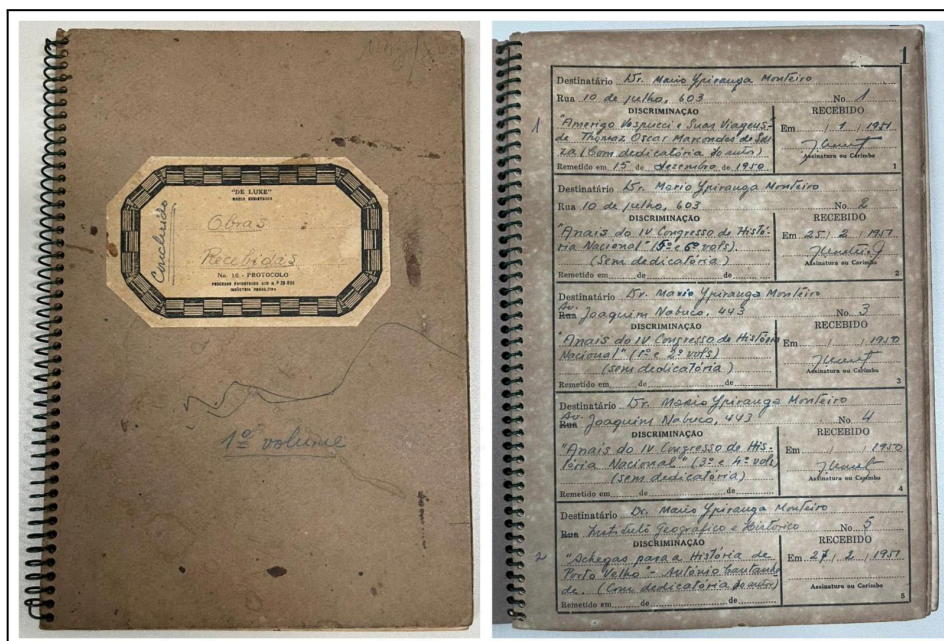
No acervo, observa-se que Mário Ypiranga adotava práticas próprias de catalogação e controle de sua biblioteca pessoal. A Figura 15 apresenta uma ficha catalográfica por assunto elaborada por ele, enquanto a Figura 16 mostra um dos cadernos de registro de livros recebidos, utilizado como um livro de protocolo, no qual anotava o título da obra, a data de ingresso e a presença de dedicatória.

Figura 15: Ficha por assunto feita por Mário Ypiranga



Fonte: A autora, 2025.

Figura 16: Protocolo de recebimento de livros



Fonte: A autora, 2025.

Nas fichas organizadas por assunto, observa-se a adoção de uma numeração sequencial que funcionava, em termos práticos, como um número de tombo atribuído às obras adquiridas. Essa mesma identificação aparece repetida em outros pontos do exemplar: Mário Ypiranga anotava o número a lápis ou caneta na folha de rosto e aplicava uma etiqueta correspondente na lombada do volume, estabelecendo um sistema próprio de controle do acervo, como ilustrado nas Figuras 17 e 18.

Figura 17: Etiqueta de identificação elaborada por Mário Ypiranga



Fonte: A autora, 2025.

Figura 18: Anotação de número de registro feita por Mário Ypiranga



Fonte: A autora, 2025.

Mário Ypiranga também identificava seus livros com carimbos e anotações manuscritas, geralmente contendo seu nome, o que funcionava como sinal de posse e reconhecimento do exemplar como parte de seu acervo pessoal. Tais marcas de propriedade, recorrentes em grande parte da coleção, constituem importantes indícios de proveniência e serão melhor exploradas na seção 5.

Nesse sentido, a Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro (BMYM) constitui um caso exemplar de institucionalização de acervo pessoal no contexto amazonense, na medida em que articula a dimensão doméstica e biográfica de uma biblioteca particular com práticas de gestão próprias de uma biblioteca pública, inscrevendo-se no debate mais amplo sobre patrimônio bibliográfico e políticas de memória na região.

Com o objetivo de preservar e difundir o acervo, a biblioteca vem sendo contemplada por um processo de digitalização, conduzido pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia (CDMAM)¹⁴. A definição das prioridades considerou, inicialmente, a relevância histórica e regional dos materiais, de modo que o projeto foi iniciado com a coleção de Leis e Decretos da Província do Amazonas, por seu caráter singular para a pesquisa sobre a formação do Estado. Em etapa posterior, passaram a ser incorporados ao programa de

¹⁴ O Centro de Documentação e Memória da Amazônia foi criado em 2021 com o objetivo de maximizar os serviços especializados e valorizar os documentos históricos digitalizados oriundos da antiga Gerência de Acervos Digitais. O setor é responsável pela seleção, digitalização, edição e organização física e digital de documentos relacionados à trajetória histórica e cultural do Estado do Amazonas, integrando a estrutura da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Amazonas, por meio do Departamento de Gestão de Bibliotecas (Almeida, 2025).

digitalização os folhetos e periódicos, ampliando gradativamente o acesso às diferentes tipologias documentais que compõem o acervo.

No contexto atual, o acervo de Mário Ypiranga Monteiro é principalmente consultado por pesquisadores, estudantes e demais interessados na história e na cultura do Amazonas, mediante acesso mediado pela equipe da biblioteca. A existência de materiais em diferentes suportes e estados de conservação exige critérios específicos para o uso: nos casos em que o documento já se encontra digitalizado, prioriza-se a consulta em seu formato digital, reservando o manuseio do exemplar físico para situações em que a pesquisa demande, necessariamente, o contato direto com o original. Nesses casos, a consulta ao acervo físico é realizada com cautela e sob orientação da equipe, de modo a minimizar o desgaste dos materiais e contribuir para sua preservação a longo prazo. A Figura 19 ilustra um exemplo de obra do acervo atualmente disponível em formato digital.

Figura 19: Exemplo de documento do acervo de Mário Ypiranga Monteiro digitalizado - “Colleção das leis da Província do Amazonas de 1852 a 1868”



Fonte: Captura de tela¹⁵ feita pela autora, 2025.

Desse modo, a biblioteca opera simultaneamente como espaço de preservação e de pesquisa, articulando a salvaguarda do acervo à sua função pública de difusão da memória intelectual de Mário Ypiranga e da região amazônica.

Tendo delineado a trajetória intelectual de Mário Ypiranga Monteiro e o processo de formação e institucionalização de sua biblioteca pessoal, passa-se, na seção seguinte, ao

¹⁵ Disponível em:

<https://archive.org/details/1852-collecao-das-leis-do-provincia-do-amazonas-tomo-1-parte-1/mode/2up>.

estudo das marcas de proveniência, entendidas como sinais materiais de circulação, posse e apropriação dos livros. Em seguida, aprofunda-se a observação da materialidade dos exemplares e das intervenções realizadas pelo próprio Mário Ypiranga, aproximando a biblioteca enquanto conjunto de livros de sua dimensão de objeto histórico singular.

4 MARCAS DE PROVENIÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS COMO FONTES DE INFORMAÇÃO HISTÓRICA

A forma como a humanidade registra informações constitui dimensão central da história intelectual e cultural. Desde os primeiros sistemas de escrita, desenvolvidos há milhares de anos por diferentes culturas, observa-se uma contínua transformação nas formas de comunicação escrita e nas estratégias de preservação do conhecimento por meio de suportes materiais. Esse percurso abrange manuscritos, rolos de papiro e códices, entre outros formatos, até configurações posteriores que desembocam no livro moderno.

Nesse processo, interessa notar contextos em que o escrito passa a desempenhar funções sociais mais definidas e a circular de maneira ampliada. Segundo Araújo (2008), isso se torna mais claro quando se intensificam demandas ligadas à atuação dos sofistas, à multiplicação das obras em prosa e à difusão da tragédia, fatores que impulsionaram a produção e a circulação de textos. Nesse contexto, o comércio do livro teria se estruturado de modo mais consistente à medida que se ampliava a divulgação, favorecendo também a constituição e a organização de algumas bibliotecas particulares (Araújo, 2008, p. 38).

Observa-se que pesquisas sobre bibliotecas particulares e sobre o que a propriedade de livros pode revelar constitui um campo em expansão, cuja consolidação tem se intensificado nas últimas décadas. Nessa perspectiva, a literatura especializada registra uma produção contínua de estudos voltados à história de bibliotecas e de colecionadores e sobre a história da leitura. Além disso, têm se tornado mais frequentes os levantamentos de exemplares de uma mesma obra, comparando diferentes cópias e observando sinais de posse e aspectos materiais para entender melhor como esses livros circularam e, principalmente, como foram lidos e usados.

Esta seção apresenta os principais conceitos que fundamentam a compreensão das marcas de proveniência bibliográficas como fontes de informação histórica. Para tanto, aborda a noção de livro-objeto e os entendimentos teóricos sobre proveniência e fontes de informação, situando essas marcas como vestígios da trajetória material e social dos exemplares.

4.1 A materialidade do livro e a noção de livro-objeto

Segundo o bibliotecário e pesquisador britânico David Pearson, uma das principais referências no estudo de marcas de proveniência em livros, especialmente no contexto de bibliotecas históricas e coleções raras, o livro é considerado como um objeto, o qual insere-se no campo da bibliografia material e na história do livro, que carrega memórias que podem ser fontes de pesquisa sobre práticas de leitura, circulação e formação de coleções, como por exemplo o caso das anotações e demais inscrições manuscritas:

Os livros oferecem superfícies que convidam à interação, que podem ser escritas em páginas de rosto, folhas de texto, folhas de guarda, capas, em qualquer lugar onde o conteúdo textual não atrapalhe. Ao longo da história, proprietários e usuários de livros fizeram uso extensivo dessas oportunidades para escrever seus nomes ou suas ideias, marcar ou comentar passagens específicas do texto, rabiscar, desenhar, escrever coisas triviais e reflexivas. Assim que isso acontece, um livro ganha uma camada de evidência, uma janela para a maneira como foi usado e por quem, e provavelmente desejaremos reconhecer, identificar e interpretar isso. Heidi Hackel, em seu estudo de 2005 sobre as práticas dos leitores, sugere uma classificação simples, mas útil, dos tipos de marcas manuscritas encontradas em livros: Marcas de propriedade; Marcas de leitura (relacionadas ao texto); Marcas de gravação (não relacionadas ao texto) (Pearson, 2019, p. 19, tradução nossa).

Além das anotações, o autor também aborda sobre ex-libris, etiquetas, selos, carimbos, encadernações, registros de catálogos e inventários, entre outros.

O conceito de “objeto” apresentado pelo autor dialoga com os estudos de Azevedo e Loureiro (2019), que destacam que os objetos não são elementos inertes ou mudos, mas carregam significados simbólicos, narrativas e atuam como mediadores de comunicação e memória.

Quando os autores afirmam que os objetos “falam”, utilizam essa expressão em sentido figurado para indicar que tais elementos se tornam portadores de significados. Essa perspectiva aproxima-se da noção de artefato ou objeto museológico, cujo valor reside, sobretudo, em sua dimensão documental. Nos estudos de cultura material, prevalece a ideia de que os objetos adquirem esse caráter documental a partir de quatro propriedades fundamentais: material, história, ambiente e significado (Silva; Porpora, 2021, p. 4).

Nesse sentido, pode-se compreender o livro como objeto no contexto da Biblioteconomia “como uma forma de analisar esse documento como suporte de memórias que guardam em si falas e trajetórias” (Azevedo; Loureiro, 2019, p. 11).

A definição de “bibliografia material” e a compreensão do livro como objeto estão intrinsecamente vinculadas ao estudo de suas características físicas e de seu percurso histórico. No âmbito da catalogação de livros raros e acervos especiais, destaca-se a Bibliografia Material (também referida como análise bibliográfica), entendida como um procedimento metodológico orientado à análise material do exemplar, visando assegurar sua identificação e descrição. Esse conjunto de operações, em muitos casos, aponta particularidades que singularizam o volume, conferindo-lhe caráter de exemplar único.

[...] A bibliografia material, ou "bibliografia analítica", é uma corrente de pensamento que se concentra nos aspectos físicos do livro e deu origem a uma metodologia que envolve uma análise meticulosa dos materiais impressos para alcançar sua correta identificação e descrição. Como veremos, essa análise é importante para a compreensão do processo de impressão, que é fundamental para a compreensão do resultado final (Gómez, 2020, p. 28, tradução nossa).

Para García Aguilar (2011), a principal contribuição dessa abordagem foi entender que a bibliografia deve estudar os livros não apenas como conteúdos literários, mas também como objetos materiais:

A partir do final do século XIX, os trabalhos de A.W. Pollard, W.W. Greg e R.B. McKerrow começaram a delinear uma metodologia para trabalhar com materiais impressos antigos, que hoje conhecemos como Bibliografia Material. Essa metodologia teve origem na Sociedade Bibliográfica da Inglaterra, embora a intenção desses três autores não fosse contribuir para a disciplina da bibliografia em si, mas sim para a compreensão da literatura antiga. Contudo, é importante lembrar que o foco deles estava nos modos de transmissão dos primeiros autores; ou seja, como o texto original de um autor literário é transmitido ao longo do tempo. Portanto, é crucial estudar detalhadamente as obras impressas sobreviventes para analisar as formas dessa transmissão, e foi a partir desse trabalho que derivou parte da metodologia bibliográfica que estamos discutindo. Independentemente desse detalhe específico, os princípios e características que definem essa metodologia permanecem relevantes e correspondem diretamente a trabalhos bibliográficos anteriores. O que essa metodologia nos permitiu compreender, principalmente, é que "a bibliografia é, acima de tudo, o estudo dos livros como objetos materiais" (García Aguilar, 2011, p. 22, tradução nossa).

Faria e Pericão (2008, p. 97) definem bibliografia material como “estudo dos signos que constituem os textos e os suportes que os veiculam” e também como sinônimo de bibliografia analítica:

Espécie de bibliografia que determina fatos e dados relativos a uma publicação, examinando as assinaturas, reclamos, folhas reimpressas e marcas-d'água e fazendo um registro dos resultados. [...] **Baseia-se no estudo dos documentos bibliográficos como objetos físicos:** os pormenores da sua produção e os efeitos do

método de elaboração sobre o texto. Uma bibliografia analítica pode considerar a história de livreiros e impressores, a descrição de tipos de papel e de encadernação ou a evolução do texto, desde a fase do manuscrito até o lançamento ao público. Repertório no qual a identificação de um documento é seguida da sua análise (Faria; Pericão, 2008, p. 96, grifo nosso).

Ao pensar na materialidade do livro, sugere-se que a análise de um exemplar deve ser compreendida não apenas como um meio de registrar informações, mas também como um objeto cultural e histórico que dialoga com seus leitores e pesquisadores de diversas formas. Essa perspectiva amplia as possibilidades de estudo, reconhecendo o livro como documento e fonte histórica, cuja análise pode revelar aspectos sobre sua produção, circulação e uso ao longo do tempo (Azevedo; Loureiro, 2019, p. 7).

As características do livro como objeto decorrem, em grande medida, do fato de que cada exemplar possui uma existência material e uma trajetória social próprias. No caso dos impressos produzidos no contexto da imprensa manual (frequentemente delimitado, por convenção historiográfica, pelos séculos XV–XVIII e pelas transições técnicas e industriais entre o fim do XVIII e o XIX), a fabricação em tiragens relativamente reduzidas, com processos parcialmente artesanais e com grande variabilidade de insumos e operações, faz com que os exemplares apresentem singularidades de produção e de conservação. Essa condição se intensifica quando o livro pertenceu a bibliotecas particulares posteriormente institucionalizadas: nesses casos, tende a concentrar vestígios de posse, de leitura e de circulação que funcionam como “lastro” biográfico, associando o objeto a pessoas, famílias, redes intelectuais e práticas culturais específicas. Assim, o livro deixa de ser apenas “um texto” e passa a ser também um artefato que condensa individualidade e memória, conferindo ao exemplar uma identidade material e histórica.

A centralidade da materialidade se manifesta nos componentes que tipificam e individualizam o volume: papel (incluindo marcas d’água), composição e impressão (tipos, vinhetas, paginação, cadernos, erros e variantes), formato, ilustrações, além de elementos estruturais como a encadernação, guardas, cortes e eventuais intervenções posteriores. Esses aspectos remetem ao esforço físico e técnico da produção do livro e à cultura do ofício que o sustentou, além de registrar o tratamento recebido ao longo do tempo, manuseio, acondicionamento, restauros, perdas, manchas, dobras e reparos. Em coleções especiais e de livros raros, a análise material é, portanto, decisiva para estabelecer identificação segura, descrever o exemplar com precisão e situá-lo em sua história de fabricação e de conservação.

Nesse sentido, documentar essa trajetória, trata-se de “dar voz” ao objeto, transformando-o em evidência (no sentido historiográfico) de práticas sociais e institucionais, e qualificando o exemplar como uma rede de relações que ultrapassa o texto impresso.

4.2 As marcas de proveniência como fontes de informação

No âmbito da história do livro, nota-se que diversas características posteriores à produção da obra passam a integrar alguns exemplares ao longo de sua trajetória. Parafraseando Greenhalgh (2022, p. 406), esses atributos podem fornecer informações acerca da trajetória histórica de um item e de seus proprietários, a qual denominam-se marcas de proveniência. Sob essa ótica, bibliotecários, colecionadores e bibliófilos tendem a atribuir valor a características materiais e históricas dos exemplares, o que ajuda a compreender por que certos livros preservam marcas de posse, usos e trajetórias que hoje interessam aos estudos de proveniência.

Antes de avançar, é necessário explicitar o que se entende, neste trabalho, por proveniência. Segundo o *Dicionário Aulete*, “proveniência” significa procedência ou lugar de onde alguém ou alguma coisa provém (Aulete Digital, 2025).

Para Faria e Pericão (2008, p. 605), a noção de procedência é tomada como sinônima de proveniência, entendida como:

Informação acerca da transmissão de propriedade de um manuscrito ou impresso. Uma encadernação especial com super-libros, ex-libris, carimbo, selo branco ou qualquer inscrição de anteriores possuidores pode indicar a proveniência. Reveste particular importância numa biblioteca, quando o exemplar pertenceu a uma personalidade conhecida que, eventualmente, aí terá consignado os seus comentários. Pertence; marca de posse; origem [...] fonte; origem; procedência.

No *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia*, Cunha e Cavalcanti reúnem diversos termos como “proveniência” (*provenance*), “marcas de propriedade” (*ownership mark*) e “*iter*”. Este último é definido pelos autores como o “itinerário” do documento, isto é, o percurso que ele realiza a partir de sua distribuição, podendo ser reconstituído por meio da análise de marcas de propriedade, etiquetas de livreiros, encadernadores e papeleiros, documentos anexos (cartas, anotações, recibos de aquisição), registros de entrada em diferentes coleções e da literatura que documenta a história de acervos, como catálogos e inventários (Cunha; Cavalcante, 2008, p. 216). O verbete aproxima o conceito de *iter* da

própria noção de proveniência, reforçando a importância para a compreensão histórica de documentos e livros.

O termo “*provenance*” é apresentado no Oxford English Dictionary como polissêmico (com quatro sentidos, um deles obsoleto), cuja acepção mais relevante para o campo do patrimônio e das coleções remete à história de propriedade/posse de um bem (como obras de arte e, por extensão, outros objetos), isto é, à trajetória de custódia que permite contextualizar sua circulação e sua origem. O verbete também informa a formação do termo por empréstimo do francês e registra seu uso documentado desde o início do século XVII, com evidência datada de 1628 (Oxford English Dictionary, 2007).

Considerando, em conjunto, os conceitos apresentados nos dicionários consultados, é possível afirmar que “proveniência” opera como um conceito-guarda-chuva, que se estabiliza em torno de um núcleo comum e, ao mesmo tempo, se desdobra conforme o campo de aplicação. Em termos convergentes, todos os referenciais tratam a proveniência como vínculo entre objeto e trajetória: ela diz respeito à origem e, sobretudo, ao percurso histórico do item.

Segundo Leung (2016), embora a palavra “proveniência” tenha origem na noção de “origem”, seu significado foi gradualmente ampliado para abarcar a sucessão de posses de um objeto e as informações vinculadas a esse percurso (como datas, locais e outros registros).

O uso estabelecido da proveniência como um aspecto formal de um objeto no século XX ajudou a lançar a teoria da proveniência em um conjunto de disciplinas, incluindo não apenas **arte e arqueologia, mas também ciência, arquivos, manuscritos e livros raros** [...]. Cada uma dessas disciplinas utiliza a proveniência de maneiras ligeiramente diferentes, porém relacionadas. Examinar o significado de proveniência em múltiplas disciplinas informa os elementos que estão no cerne da teoria da proveniência (Leung, 2016, p. 10, tradução nossa, grifo nosso).

A proveniência é, muitas vezes, impossível de demonstrar apenas pelo exemplar. Mesmo bibliotecas grandes podem conter muitos livros sem qualquer marca de posse, o que limita a identificação de antigos proprietários. Nesse caso, a pesquisa de proveniência é tão dependente do que está “dentro” do livro quanto do que está “fora” dele (catálogos e documentação), e que o silêncio material do exemplar deve ser tratado como parte do próprio fenômeno histórico.

Pearson (2019) afirma que,

Ao longo dos séculos, as pessoas usaram muitas maneiras de marcar a posse de livros [...] No entanto, com a mesma frequência, as pessoas optaram por não fazê-lo; inúmeros proprietários de livros, de todos os períodos, não deixaram vestígios de sua custódia. Isso se aplica não apenas àqueles que possuíam apenas um ou dois livros,

mas também a proprietários com bibliotecas substanciais. John Cosin (1595-1672), Bispo de Durham, que transformou sua coleção pessoal de cerca de 5.500 volumes em uma biblioteca dotada para sua diocese pouco antes de sua morte, teve alguns livros marcados com um selo heráldico no final da vida, mas raramente escrevia seu nome em seus livros! Uma geração ou mais depois, Sir Richard Ellys (1682-1742), um membro do Parlamento de Lincolnshire, proprietário de terras e estudioso não conformista, construiu uma biblioteca de cerca de 12.500 livros, que agora está em Blickling Hall, em Norfolk; ele não usava ex-libris e raramente dedicava seus livros. Provar a propriedade, além da circunstância de um livro estar ali como parte do todo, depende de um catálogo manuscrito feito por seu bibliotecário, que às vezes adicionava uma marca discreta aos livros que listava.

Estes são apenas alguns exemplos específicos dentre muitos que poderiam ter sido escolhidos; a experiência sugere que em qualquer biblioteca histórica construída ao longo do tempo a partir de múltiplas fontes, talvez metade dos livros não tenha marcas de propriedade anteriores, apesar de terem passado por inúmeras mãos (Pearson, 2019, p. 9, tradução nossa).

De acordo com Rodrigues, Vian e Teixeira (2020, p. 4), as marcas que indicam a posse, as anotações feitas à mão e as dedicatórias e autógrafos presentes em um livro constituem a “origem” de uma obra. Além disso, no mesmo contexto, também se incluem as marcas feitas por impressores, fabricantes de papel, livreiros e encadernadores, pois elas igualmente proporcionam informações pertinentes sobre a produção e a disseminação de certos livros.

Assim, as marcas encontradas nos livros podem ser de vários tipos: assinaturas, números, monogramas, iniciais, divisas, citações, emblemas, alegorias, desenhos, anagramas, ex-libris, super libris, ex-donos, dedicatórias, autógrafos, carimbos etc., e em diferentes suportes: papel, couro, pergaminho, tecido, entre outros. Grande parte dessas imagens ou textos que acompanham uma obra trazem um toque pessoal, que reflete a identidade daquele que foi seu proprietário, traços de seu caráter ou da sua vida, suas origens, suas paixões, seu trabalho, e muitas vezes nem mencionam seu verdadeiro nome (Vian; Rodrigues, 2020, p. 28).

Dentre as características mencionadas, nota-se que a indicação da origem de um livro se manifesta não apenas por meio das marcas de posse (como carimbos, ex libris, assinaturas, super-libros, etc.), mas também através das marcas que indicam sua circulação, tais como etiquetas de livrarias e encadernadores. É essencial destacar essas duas facetas, uma vez que as marcas de posse têm como finalidade identificar um documento como pertencente a um indivíduo específico ou a uma instituição como menciona Faria e Pericão (2008, p. 483), enquanto as marcas de circulação, em alguns casos, servem como meios de divulgação.

Para Ostidick (2017), a proveniência pode assumir várias formas, incluindo:

Propriedade de um autor famoso. Imagine por um momento se George Washington possuísse uma cópia de um determinado livro e essa posse pudesse ser autenticada e verificada. Não importa o título ou o tema do livro, o fato de ele ter

sido propriedade do próprio Washington pode aumentar significativamente o valor e a raridade do volume.

Local de origem. Um certo livro foi impresso em algum lugar histórico do mundo literário? Em um momento crítico ou histórico? O livro fazia parte de uma coleção interessante em uma biblioteca importante ou celebrada? Esses elementos também influenciam a proveniência de um livro e como o volume é visto ou avaliado pelos colecionadores.

Importância histórica. Alguns livros, como manifestos ou outros escritos políticos, têm origem simplesmente por sua importância para certos eventos, períodos ou movimentos historicamente significativos. Por exemplo, os escritos sociais ou políticos de Thomas Jefferson têm grande proveniência não apenas pelo papel de Jefferson na fundação dos Estados Unidos, mas também pelo impacto que seus escritos tiveram em governos tanto nos EUA quanto no exterior (Ostdick, 2017, grifo do autor, tradução nossa).

Nesse sentido, o autor afirma que em determinados casos, a “proveniência” (no sentido de relevância histórica do objeto) decorre da vinculação do exemplar a eventos, movimentos e disputas de ideias que produziram efeitos sociais amplos. Assim, certos impressos preservam valor e interesse por sua proveniência intelectual, política e histórica, na medida em que documentam a inserção do livro em processos mais amplos de produção, circulação e apropriação de ideias

Para Poulain (2015, p. 176, tradução nossa), “ao perder a memória da origem dos textos, também perde a dos homens que se apegaram a eles”. Assim, as menções de proveniência são indispensáveis para a compreensão das coleções bibliográficas, pois, quando registradas e analisadas, sustentam a reconstituição da história de formação dos acervos e esclarecem o vínculo da biblioteca com o seu tecido social.

Nesse horizonte, torna-se pertinente explicitar o que se entende por fontes de informação no contexto das coleções bibliográficas. Na Biblioteconomia e na Ciência da Informação, a expressão remete, de um lado, aos documentos como informação registrada/materializada em um suporte, consultados para transmitir e produzir conhecimento (Santa Anna, 2019, p. 15). De outro, o conceito também é empregado em sentido mais abrangente, como a “origem física da informação, ou lugar onde pode ser encontrada, a qual pode ser uma pessoa, uma instituição ou um documento”, passível de classificação em fontes primárias, secundárias ou terciárias (Cunha; Cavalcanti, 2008, p. 172).

Para Cunha (2016, p.10), “o conceito de fonte de informação ou documento é muito amplo, pois pode abranger manuscritos e publicações impressas ou eletrônicas, além de objetos, como amostra mineral, obras de arte ou peças museológicas”. A partir dessa compreensão ampliada, o livro deixa de ser considerado apenas pelo seu conteúdo textual e passa a ser abordado também como suporte informacional: um objeto cultural que concentra registros múltiplos e heterogêneos.

Nesse sentido, os vestígios materiais presentes nos exemplares, entre eles as marcas de proveniência, assumem estatuto de fonte, na medida em que preservam dados sobre pertencimento, circulação e usos, oferecendo subsídios para reconstruir trajetórias sociais e institucionais das coleções. Para que esse potencial informacional seja efetivamente explorado no tratamento e na análise do acervo, torna-se necessário organizar tais indícios em categorias operacionais, capazes de orientar a identificação, a descrição e a comparação entre exemplares.

Tomando como referência a proposta tipológica desenvolvida por Rodrigues *et al.* (2022, p. 206), observa-se diferentes tipologias de marcas, sendo aqui retomada e adaptada conforme sintetizado no Quadro 2.

Quadro 2: Classificação das marcas de proveniência em obras bibliográficas

Grupo de evidências	Definição	Exemplos de marcas
Marcas de manufatura	Marcas produzidas por pessoas físicas ou jurídicas envolvidas na confecção do livro.	Marcas de tipógrafos, alegorias, vinhetas, encadernações, selos ou sinais de oficinas tipográficas, gravadores, impressores, entre outros.
Marcas de uso	Marcas produzidas pelos leitores, consulentes ou pesquisadores durante o manuseio e a leitura da obra.	Desenhos, rabiscos, bilhetes, anotações, manchas, dobras, sublinhados, grifos.
Marcas de propriedade	Marcas deixadas pelos proprietários de uma obra (pessoas, instituições, famílias), com a finalidade de atestar a propriedade sobre o exemplar.	Ex-libris, carimbos de propriedade, etiquetas, assinaturas, monogramas, selos institucionais.
Marcas de posse	Marcas deixadas por pessoas físicas ou jurídicas que estiveram, em algum momento, na posse da obra, sem serem necessariamente seus proprietários.	Marcas de circulação, marcas de livreiros, editores e leiloeiros, marcas de censores, autores, patrocinadores, papéis avulsos, oblitações.

Fonte: Adaptado de Rodrigues *et al.* (2022).

4.2.1 Marcas de manufatura

De acordo com Rodrigues e Vian (2024, p. 174), as marcas de manufatura “são marcas produzidas por pessoas físicas ou jurídicas envolvidas na confecção do livro, tais como tipógrafos, encadernadores, ilustradores, gravadores, impressores, entre outros”. Ou seja, são vestígios deixados no exemplar por agentes e processos ligados à sua produção, funcionando como indicadores técnicos e históricos da feitura do livro, permitindo reconstruir elementos do “como” e do “por quem” a obra foi materialmente constituída. Apresenta-se, na Figura 20, um exemplo de marca de manufatura uma etiqueta de encadernação presente em um exemplar na BMYM.

Figura 20: Exemplo de marca de manufatura



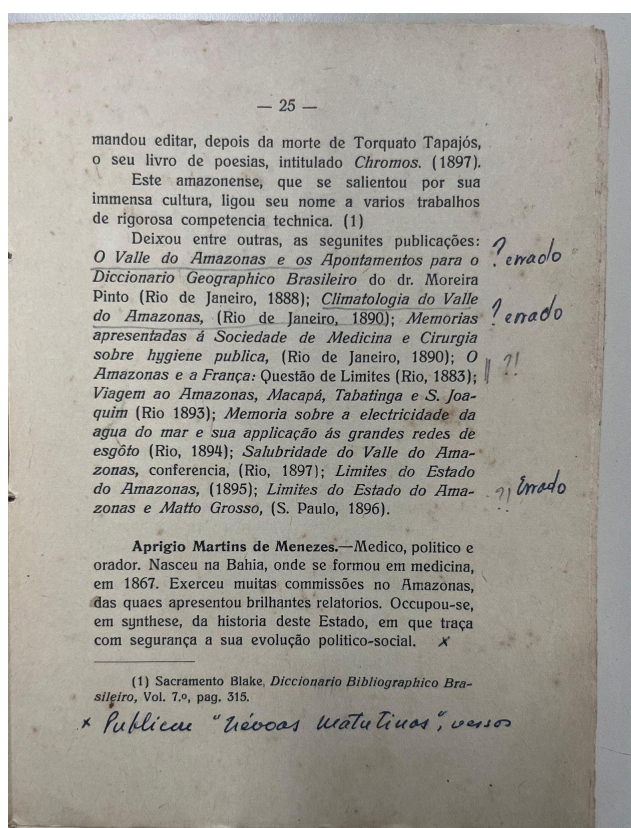
Fonte: A autora, 2025.

4.2.2 Marcas de uso

No que se refere às marcas de uso, Azevedo e Loureiro (2019, p. 17) observam que elas indicam o “como” aquele texto foi lido. Compreendem-se, portanto, como vestígios deixados pela interação do leitor com o exemplar, revelando práticas de leitura e apropriação do conteúdo. Podem manifestar-se por meio de sublinhados, anotações e comentários

manuscritos, marginais¹⁶, marcas de dobra, manchas, sinais de manuseio, páginas gastas, correções, inserções (papéis, recortes, bilhetes) e outras evidências que, em conjunto, permitem inferir ritmos de consulta, trechos privilegiados, modos de estudo e até usos utilitários ou devocionais. Na Figura 21, apresenta-se um exemplo de marcas de uso no exemplar do livro "A intelectualidade no extremo norte", pertencente ao acervo da BMYM. Observam-se anotações a lápis e a caneta azul, distribuídas na margem direita, na parte inferior da página e na forma de grifos e sublinhados ao longo do texto.

Figura 21: Exemplo de marca de uso



Fonte: A autora, 2025.

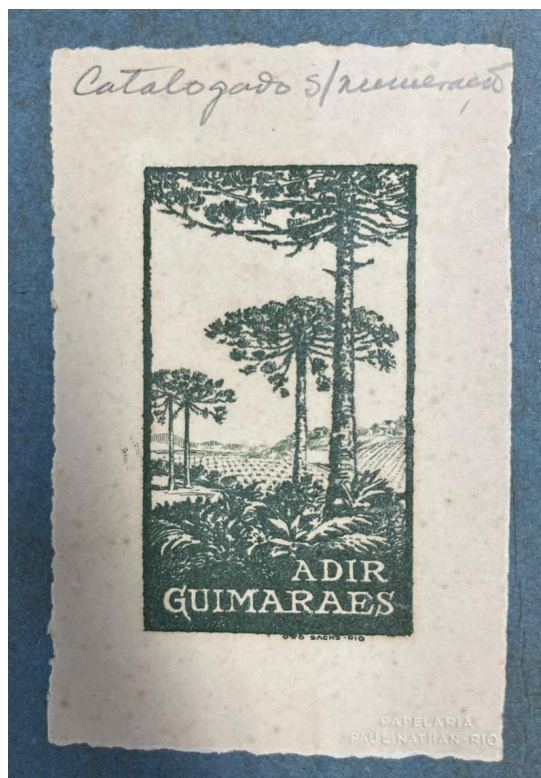
¹⁶ Para Cunha e Cavalcanti (2008, p. 19), marginalia refere-se às informações ou anotações registradas nas margens de um documento, inseridas como um acréscimo ao texto, podendo assumir a forma de comentários, ilustrações ou interpretações, isto é, uma adição marginal, também denominada “apostilha”.

4.2.3 Marcas de propriedade

As marcas de propriedade correspondem a distintivos aplicados no exemplar com a finalidade de indicar, de modo explícito e recuperável, o vínculo de pertencimento a um indivíduo ou, sobretudo, a uma instituição. Conforme Faria e Pericão (2008, p. 483), trata-se de um “carimbo, etiqueta, selo branco ou outro distintivo, que identifica um documento como pertencente a um determinado particular ou instituição”. Usualmente são materializadas por meios relativamente padronizados e posicionadas em local de fácil localização. Além da função identificadora, essas marcas atendem a propósitos de controle patrimonial e segurança, podendo incluir, em alguns casos, marcas internas ou “secretas” adotadas por bibliotecas e arquivos como estratégia de rastreamento e prevenção de extravio.

Na Figura 22, apresenta-se um ex-libris como marca de propriedade encontrado no acervo da BMYM. Observa-se a etiqueta impressa com composição gráfica (ilustração emoldurada) e o nome “Adir Guimarães”,. Nota-se, ainda, a anotação manuscrita a lápis na parte superior (“Catalogado s/numeração”), indício de intervenção posterior associada ao tratamento ou controle do item.

Figura 22: Exemplo de marca de propriedade



Fonte: A autora, 2025.

4.2.4 Marcas de posse

Para Faria e Pericão (2008, p. 483), marca de posse é o “elemento que se coloca no livro e que identifica o seu possuidor”. Nessa perspectiva, compreende-se que se trata de vestígios associados à relação de detenção do exemplar por indivíduos ou instituições ao longo de sua trajetória, isto é, “são as marcas deixadas por pessoas físicas ou jurídicas que estiveram, em algum momento da história desse objeto, de posse do mesmo. Não são, necessariamente, seus proprietários” (Rodrigues; Vian, 2024, p. 176). Observa-se na Figura 23, uma marca de posse na forma de etiqueta de livraria, identificada em exemplar do acervo da BMYM. Esse tipo de registro, comumente afixado por estabelecimentos comerciais, indica um vínculo de circulação e guarda do item — como compra, venda, distribuição ou organização — funcionando como indício de posse em determinado momento, ainda que não comprove, por si só, a propriedade definitiva do livro.

Figura 23: Exemplo de marca de posse



Fonte: A autora, 2025.

4.3 Algumas contribuições do estudo de proveniência no contexto das bibliotecas

A identificação das marcas de proveniência ao longo do tempo, deve ser entendida como uma prática contínua que contribui para preservar o valor histórico e a autenticidade dos livros, além de revelar informações sobre sua origem, trajetória e formas de uso. Sendo,

portanto, uma atividade essencial na conservação e no registro da herança bibliográfica, que exige atenção constante e cuidado por parte dos profissionais envolvidos.

Para Leung (2016),

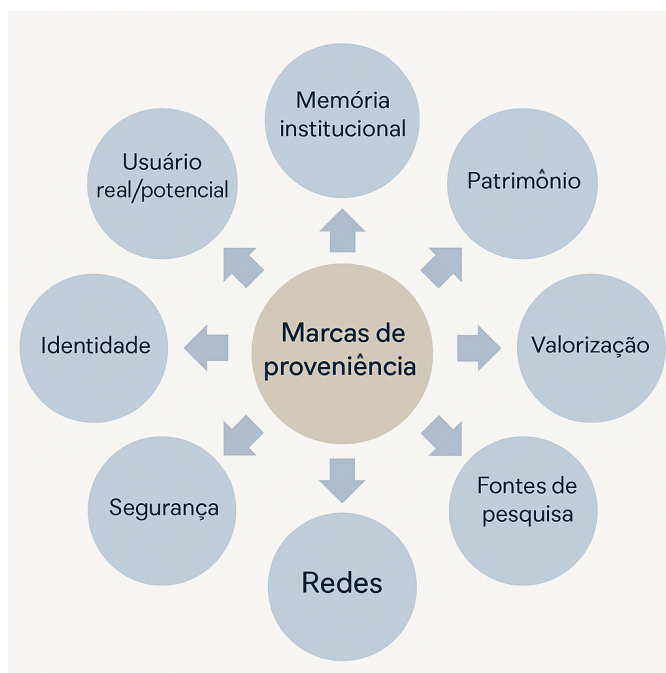
Três eixos consistentes são identificáveis na teoria da proveniência para qualquer objeto:

- proprietário(s),
- tempo,
- lugar(es).

Mas, além disso, e talvez o mais importante, estão as relações entre esses três eixos (com outros proprietários, outros livros etc.). Por sua própria definição, a proveniência transmite informações sobre as conexões que os livros mantêm com seus criadores, proprietários, instituições e com outros livros que podem ter interagido com eles ao longo de sua trajetória até a coleção especial na qual passam a residir. Esses três eixos da proveniência — tempo, espaço e propriedade — e as relações ricas entre eles ajudam a estratificar a teoria da proveniência de livros raros em múltiplos níveis complexos, o que, por sua vez, influencia como diferentes comunidades têm escolhido registrar informações de proveniência. Além disso, as relações complexas entre esses três eixos têm se tornado um foco crescente tanto da teoria arquivística quanto das diretrizes para coleções especiais, levando à necessidade de métodos para evidenciar e explicar essas relações (Leung, 2016, p.15, tradução nossa).

A Figura 24 destaca oito aspectos inter-relacionados que evidenciam a relevância das marcas de proveniência no campo da Biblioteconomia e na preservação do patrimônio bibliográfico.

Figura 24: A importância das marcas de proveniência na Biblioteconomia



Fonte: Adaptado de Almeida e Peruzzo (2020, slide 38) pela autora, 2025.

A partir desses elementos, é possível delinear as múltiplas dimensões dessa abordagem:

1. **Memória institucional** – ajudam a reconstruir a história de instituições e suas coleções;
2. **Patrimônio** – colaboram para a compreensão do acervo como bem cultural;
3. **Valorização** – aumentam o valor histórico, simbólico e até comercial dos exemplares;
4. **Fontes de pesquisa** – fornecem pistas para investigações em diversas áreas do conhecimento;
5. **Redes** – revelam conexões entre pessoas, instituições e contextos culturais;
6. **Segurança** – funcionam como indícios de propriedade, auxiliando na proteção contra furtos ou extravios;
7. **Identidade** – refletem a identidade do antigo dono ou da instituição, contribuindo para a narrativa do acervo;
8. **Usuário real/potencial** – ampliam as possibilidades de acesso e interesse de pesquisadores, curadores e leitores.

Segundo Leung (2016), o estudo e a pesquisa das marcas de proveniência bibliográfica são fundamentais porque elas possibilitam recuperar informações sobre os contextos históricos que envolvem o livro e ainda contribuem para compreender dimensões mais amplas da própria história do livro:

Por extensão, a proveniência também pode ajudar a mostrar diferentes atitudes culturais em relação à propriedade (por exemplo, marcas de propriedade asiáticas diferem das europeias – onde objetos de origem europeia frequentemente possuem lacunas na proveniência, proprietários anteriores, mesmo que figuras relativamente desconhecidas, são importantes e registrados por meio do uso de selos únicos (Leung, 2016, p. 12, tradução nossa).

À luz desses aspectos, as marcas de proveniência deixam de cumprir função apenas identificadora ou administrativa e passam a configurar-se como dispositivos informacionais complexos. À medida que registram trajetórias institucionais e qualificam exemplares como objetos singulares, dotados de valor simbólico e histórico acrescido, contribuem para compreender o acervo como bem cultural e para analisar práticas de leitura, redes de sociabilidade intelectual, políticas de formação de coleções e circuitos de circulação de obras.

No cenário contemporâneo das instituições de memória, observa-se iniciativas que incorporam a análise de marcas de proveniência como procedimento técnico-científico para interpretar a “biografia” dos exemplares, qualificar sua descrição e ampliar seu potencial como fonte histórica.

No contexto internacional, a análise de marcas de proveniência tem sido impulsionada por projetos que articulam pesquisa histórica, descrição padronizada e infraestrutura digital. O “*Polonsky Foundation Greek Manuscripts Project*¹⁷” (desenvolvido em parceria entre as bibliotecas das universidades de Cambridge e Heidelberg) combina digitalização, catalogação e conservação de centenas de manuscritos gregos e explicita a leitura de marcas e intervenções como via para reconstruir suas “histórias de vida”, como assinaturas, notas e outros vestígios sustentam a reconstituição de trajetórias e custódias.

Em paralelo, iniciativas normativas e de interoperabilidade acentuam a dimensão documentária desses registros materiais como o “*RBMS Controlled Vocabularies*¹⁸”, que propõe um tesouro¹⁹ para padronizar termos e permitir a recuperação de evidência de proveniência em catalogação compartilhada e legível por máquina, e o “*BiblioPat*²⁰”, que disponibiliza referenciais e listas hierárquicas de termos para marcas de proveniência, contribuindo para a harmonização conceitual e para metodologias comuns de descrição.

No Brasil, a Fundação Biblioteca Nacional, por meio do Plano Nacional de Obras Raras, desenvolve ações voltadas à preservação e difusão de sua Coleção de Obras Raras, além de promover atividades de formação na área, como eventos e minicursos dedicados às marcas de proveniência bibliográfica, como foi o caso do evento “As histórias que cada exemplar de livro nos conta: as marcas de proveniência bibliográfica e as dedicatórias” em 2018 e “Marcas de proveniência bibliográfica: identificação, análise e pesquisa” em 2019.

¹⁷ Disponível em : <https://www.lib.cam.ac.uk/polonskygreek/markshome>.

¹⁸ RBMS é a sigla para *Rare Books and Manuscripts Section* (Seção de Livros Raros e Manuscrito da Associação de Bibliotecas Universitárias e de Pesquisa da *American Library Association*). A RBMS se dedica a representar e promover os interesses dos bibliotecários que trabalham com livros raros, manuscritos e outros tipos de coleções especiais. Disponível em: https://rbms.info/vocabularies/provenance/alphabetical_list.htm.

¹⁹ Tesouro ou *thesaurus*, trata-se de um instrumento de vocabulário controlado para indexação e recuperação da informação, ou seja, uma lista estruturada e controlada de termos (descritores), criada para garantir indexação uniforme e recuperação mais eficiente e precisa em sistemas de informação (Cunha; Cavalcante, 2008, p. 362).

²⁰ BiblioPat é uma associação cujo objetivo é promover a disseminação de informações relacionadas à gestão de acervos patrimoniais em bibliotecas. Oferece aos profissionais de bibliotecas envolvidos na gestão desses acervos uma plataforma para discussão e troca de experiências sobre suas práticas profissionais. Disponível em:

<https://www.bibliopat.fr/provenances/provenances-des-collections-aide-a-la-description-et-au-signalement>.

Em 2021 foi criado o “Glossário de Marcas de Proveniência²¹” sob coordenação de pesquisadoras vinculadas à Universidade Federal do Rio Grande. O projeto foi apresentado como uma iniciativa inédita no país por combinar definições, equivalentes multilíngues (espanhol, francês e inglês), ilustrações e relações semânticas entre termos, de modo a apoiar a identificação, a descrição e a recuperação de marcas em coleções bibliográficas.

Ainda no âmbito nacional, ressaltam-se as pesquisas realizadas pela Fundação Oswaldo Cruz, que lançou em 2024 o catálogo “Marcas de Oswaldo Cruz: proveniência, propriedade e circulação no patrimônio cultural científico da Fiocruz²²”, destacando as marcas de proveniência em suas diversas tipologias dos itens que pertenceram à coleção particular do cientista Oswaldo Cruz.

A partir dos exemplos nacionais e internacionais apresentados, observa-se que o estudo de proveniência, no contexto das bibliotecas, se afirma menos como um repertório de “curiosidades” sobre antigos donos e mais como um campo analítico capaz de articular materialidade, circulação e usos do livro. Nesse enquadramento, as marcas de proveniência operam como indícios historicamente situados, cuja leitura permite reconstituir cadeias de posse e propriedade, práticas de leitura, dinâmicas de colecionamento e processos de institucionalização de acervos, evidenciando relações entre sujeitos, objetos e lugares. Assim, o exemplar deixa de ser compreendido apenas como suporte de um texto e passa a ser tratado como unidade histórica singular, portadora de uma biografia material que condensa temporalidades e formas de apropriação. É com base nessa chave interpretativa que a seção seguinte se dedica à análise material e à identificação das marcas de proveniência no Acervo Amazoniana da BMYM, explicitando os procedimentos de observação direta, os critérios de registro e descrição e os parâmetros de categorização adotados.

²¹ O glossário encontra-se disponível em: <https://www.ufrgs.br/tesauros/index.php/thesa/terms/336>. Em 2024 foi publicado sua versão em e-book em acesso aberto disponível em: <https://repositorio.furg.br/handle/123456789/11994>.

²² Disponível no repositório da instituição: <https://arca.fiocruz.br/items/cb430cc6-f6bc-4925-b333-0e0af8972866>

5 ANÁLISE MATERIAL E IDENTIFICAÇÃO DAS MARCAS DE PROVENIÊNCIA NO ACERVO AMAZONIANA DA BIBLIOTECA MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

Um livro percorre um itinerário complexo ao longo de sua vida material: nasce no circuito de produção — autor, oficina tipográfica, gravadores, encadernadores e demais agentes envolvidos — e segue para instâncias de circulação, como livreiros, vendedores e casas comerciais, até alcançar destinos de guarda e uso, seja nas mãos de um leitor comum, de um bibliófilo ou de um colecionador.

À medida que transita por esses contextos, o exemplar deixa de ser apenas uma “cópia padrão” e passa a incorporar uma biografia própria: anotações, marcas de leitura, encadernações posteriores, carimbos, ex-libris e outras intervenções o singularizam e constituem evidências de sua proveniência, isto é, de sua trajetória e, em muitos casos, de sua cadeia de posse e propriedade. Nessa perspectiva, até ocorrências aparentemente contingentes, como variantes tipográficas, defeitos de impressão ou particularidades de encadernação, podem diferenciar um item inicialmente “comum”, tornando-o mais raro, mais procurado e, conseqüentemente, mais valorizado no mercado e no campo patrimonial.

O avanço nas pesquisas sobre o estudo de marcas de proveniência, realizado por diversos acadêmicos, professores e estudiosos, têm ressaltado a relevância de incluir a descrição desses elementos nos registros bibliográficos. Essa prática na catalogação contribui para o desenvolvimento da pesquisa, abordando questões relacionadas à segurança dos itens, reivindicação de propriedade, a conservação dos acervos e a preservação do contexto histórico e social das bibliotecas.

Nesse sentido, fazer a análise do acervo pessoal de Mário Ypiranga Monteiro permite compreender aspectos de sua trajetória intelectual a partir dos livros que colecionou. Bibliotecas particulares são espaços onde mais se podem encontrar livros com marcas que narram a sua história social (Azevedo; Loureiro, 2019, p. 2), assim também como afirma David Pearson, “o simples fato de possuir um livro, seja ele anotado ou não, comprova interesse passado. Conhecer o conteúdo da biblioteca de alguém tem uma relevância óbvia para o estudo da vida e do pensamento desse indivíduo.” (Pearson, 2019, p. 4, tradução nossa).

A presente seção apresenta os resultados da análise material realizada na Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro, com o objetivo de identificar e descrever as marcas de proveniência presentes nos exemplares. A seção articula a dimensão descritiva (com

exemplos e ilustrações representativas) à dimensão interpretativa, reforçando o potencial das marcas como fontes para a compreensão histórica do acervo e subsidiando, ao final, a sistematização dessas informações no produto proposto para este trabalho: um repositório digital das marcas identificadas.

5.1 Método da pesquisa

Esta pesquisa foi desenvolvida no universo da BMYM, tendo como recorte o Acervo Amazoniana, especificamente o segmento de obras literárias publicadas até o início do século XX. Para fins operacionais e de delimitação do corpus, consideraram-se as edições publicadas até a década de 1930.

A etapa inicial consistiu em um levantamento *in loco*, realizado nas dependências da biblioteca, por meio do exame direto dos exemplares, analisados individualmente (livro a livro), com o objetivo de identificar e selecionar aqueles que apresentassem marcas de proveniência. Adotou-se, para essa triagem, a proposta tipológica desenvolvida por Rodrigues et al. (2022, p. 206), apresentada na seção 4, contemplando quatro tipologias: marcas de manufatura, marcas de uso, marcas de propriedade e marcas de posse. Ao término do procedimento, foram identificados 61 livros com ocorrência dessas marcas, os quais passaram a compor o conjunto documental analisado nesta seção.

Esta pesquisa caracteriza-se como exploratória e descritiva, de abordagem quanti-qualitativa, fundamentada em fontes bibliográficas e documentais e orientada pela análise das marcas de proveniência enquanto fontes históricas do próprio objeto.

No plano exploratório, busca-se proporcionar maior familiaridade com o problema, de modo a torná-lo mais explícito e/ou subsidiar a constituição de hipóteses, com planejamento flexível e recorrência a procedimentos como levantamento bibliográfico e análise de exemplos (Gil, 2002, p. 41).

Complementarmente, a pesquisa assume feição descritiva ao sistematizar e descrever as características das marcas identificadas e, quando cabível, relacionar variáveis, valendo-se de registro padronizado e de observação sistemática, conforme afirma Gil (2002):

[...] Têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados (Gil, 2002, p. 42).

De acordo com Lino Rampazzo (2013),

A pesquisa descritiva procura, pois, descobrir com a precisão possível, a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e sua conexão com outros, sua natureza e suas características. [...] Se desenvolve abordando aqueles dados e problemas que merecem ser estudados e cujo registro não consta de documentos ou de publicações. (Rampazzo, 2013, p. 53).

Quanto aos procedimentos técnicos, adota-se a pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir de material já elaborado, sobretudo livros e artigos científicos, bem como a pesquisa documental, apoiada em materiais que ainda não receberam tratamento analítico (Gil, 2002, p. 45).

[...] Os documentos constituem uma rica fonte de dados. O exame de materiais de natureza diversa, que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que podem ser reexaminados, buscando-se novas e/ou interpretações complementares, constitui o que estamos denominando pesquisa documental (Godoy, 1995, p. 21).

Por fim, optou-se pelo estudo de caso por possibilitar investigação profunda do objeto delimitado, preservando seu caráter unitário e permitindo a articulação de diferentes técnicas de coleta e análise, sem rígida separação entre etapas (Gil, 2002, p. 54). Para Godoy (1995),

O estudo de caso se caracteriza como um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Visa ao exame detalhado de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma situação em particular (Godoy, 1995, p. 25).

Nesse delineamento, a dimensão quantitativa expressa-se na quantificação e distribuição das ocorrências das tipologias de marcas no corpus, enquanto a dimensão qualitativa se concentra na interpretação de seus sentidos de propriedade, posse, circulação e uso no contexto da coleção analisada.

Após a separação dos exemplares, procedeu-se à listagem do corpus com base nos dados catalográficos disponíveis no sistema adotado pela instituição, o Biblivre²³, utilizado para gestão e recuperação da informação bibliográfica, conforme apresentado no Apêndice A. Nessa etapa, verificou-se que parte das evidências já se encontrava registrada na catalogação,

²³ O Biblivre é um software livre voltado à informatização e gestão de bibliotecas, estruturado para atender às rotinas centrais do trabalho bibliotecário. Ele contempla, principalmente: busca e recuperação da informação; circulação (consulta, reserva, empréstimo e devolução); catalogação de materiais bibliográficos, multimídias e objetos digitais (com controle de autoridades e de vocabulário, além de transferência de registros entre bases); e controle de aquisições do acervo. Também oferece uma área administrativa para gerenciar tipos de usuários, permissões, configurações Z39.50, manutenção (como reindexação e backup) e relatórios pré-formatados para impressão ou gravação (Biblivre, 2020).

especialmente no campo de notas (campo 500 do MARC 21), onde havia menções pontuais a marcas observadas previamente, conforme observa-se na Figura 25. Esse cruzamento entre a observação material do objeto e os registros existentes no catálogo contribuiu para consolidar a identificação das ocorrências e orientar a padronização das informações coletadas.

Figura 25: Resumo Catalográfico da obra *Inferno Verde* no sistema Biblivre

Título: Inferno verde: cenas e cenários do Amazonas
Autor: RANGEL, Alberto
Ano de publicação: 1908
Localização: AmMB869.4 / R196i
Nº do registro: 7304

Editar
Excluir

Resumo Catalográfico Formulário MARC Exemplares

Tipo de material: Livro
Autor: RANGEL, Alberto
Título: Inferno verde: cenas e cenários do Amazonas
Imprensa: Genova: S.A. I. Clichés Celluloide Bacigalupi, 1908
Descrição física: 343 p. il.
Notas: Prefácio de Euclides da Cunha
Anotações e assinatura de Francisco Monteiro
Contém 2 carimbos de Mário Ypiranga
Etiqueta de encadernação (Encadernação Moderna)
Encadernação de Mário Ypiranga
Notas locais: 39592-492
Assunto tópico: Marcas de Proveniência
Literatura brasileira
ensaios
descrição
Localização: AmMB869.4 / R196i

Fonte: Captura de tela do sistema Biblivre da Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro, feita pela autora, 2025.

A representação descritiva é um dos eixos centrais da Biblioteconomia dedicado a registrar, de forma padronizada, as características físicas e formais de um documento ou objeto (por exemplo: título, edição, responsabilidade, extensão, dimensões e demais elementos de identificação). Essa descrição pode variar em níveis de detalhamento e, historicamente, tem sido orientada por códigos e normas internacionais, como o AACR2, que estabelece convenções para a elaboração de registros consistentes e interoperáveis.

Tradicionalmente, essas informações eram organizadas na ficha catalográfica, em conjunto com a descrição temática, os pontos de acesso (autor, título etc.) e dados de localização, permitindo tanto a recuperação física do item quanto a pesquisa no catálogo. Com o avanço tecnológico, esse conjunto de dados migrou para sistemas automatizados, estruturados em formatos legíveis por máquina, como o MARC 21, no qual cada área descritiva passa a ser registrada em campos numéricos com subcampos específicos. Nesse contexto, destaca-se a área de notas, destinada a informações complementares do exemplar: o que antes aparecia após a descrição física (páginas, dimensões etc.) passou, no MARC 21, a

ser registrado em campos próprios, frequentemente, no campo 500 (Nota geral), entre outros campos de nota conforme a natureza da informação.

Na BMYM, observou-se a adoção do AACR2 como referência para a catalogação. Quanto às marcas de proveniência, por um período, registravam-se principalmente dedicatórias nos exemplares. A partir de 2023, a bibliotecária responsável passou a ampliar o registro, incorporando outras tipologias de marcas identificadas nos itens. Por se tratar de uma prática ainda recente na instituição, evidencia-se a necessidade de elaborar um manual de procedimentos que defina padrões de registro, indique campos apropriados no sistema e consolide um vocabulário controlado (termos preferidos, variantes e critérios de uso), assegurando consistência descritiva e maior qualidade na recuperação das informações.

No contexto atual, a BMYM dispõe de um quadro funcional reduzido, composto por uma única bibliotecária responsável pelas atividades técnicas e administrativas. Essa condição influencia diretamente os processos de organização, atendimento e manutenção do acervo, sobretudo diante de sua dimensão e diversidade.

Para a análise material dos exemplares, adotou-se o método fundamentado na Bibliografia Material, também denominada Bibliografia Analítica, conforme apresentado na seção 4. Trata-se de uma abordagem que compreende os documentos bibliográficos como objetos físicos, examinando minuciosamente os aspectos de sua produção e os efeitos do processo de elaboração sobre o texto. Nessa perspectiva, a bibliografia analítica pode abarcar, entre outros elementos, a história de livreiros e impressores, a descrição de tipos de papel e de encadernação, bem como a evolução do texto desde a fase manuscrita até sua divulgação ao público, configurando-se como um repertório em que a identificação do documento é acompanhada de sua análise (Faria; Pericão, 2008, p. 96). Soma-se a isso a compreensão da área como o “estudo da forma material dos livros” e como a “arte de descrever os livros corretamente”, o que reforça o caráter técnico e descritivo do procedimento.

Nesse sentido, a aplicação desse método demanda do bibliotecário/pesquisador conhecimentos interdisciplinares, articulando domínio da história do livro e da cultura escrita, noções de paleografia (quando pertinente) e entendimento do contexto histórico e social no qual os objetos de estudo foram produzidos, circularam e foram apropriados, de modo a qualificar a leitura das evidências materiais e a interpretação das marcas de proveniência.

No âmbito desta pesquisa, as imagens foram produzidas pela própria pesquisadora, por meio de fotografia digital, com a finalidade de assegurar o registro visual das evidências materiais observadas nos exemplares. Concluída a etapa de documentação, os dados

descritivos e as imagens foram sistematizados e organizados em um repositório digital desenvolvido na plataforma Omeka, concebido como produto desta pesquisa e estruturado como um catálogo online das marcas de proveniência identificadas. Esse ambiente digital e seus critérios de organização serão apresentados na subseção seguinte.

5.2 Descrição, registro e acesso: o catálogo das marcas de proveniência em repositório digital

A partir dos anos 1990, a Internet passou a redesenhar as formas de produção, disseminação e acesso aos documentos, com impactos diretos no lugar que as bibliotecas ocupam nesse circuito. Se antes a biblioteca era, em grande medida, a instância central de mediação entre o usuário e o documento — controlando o acesso, orientando a busca e organizando os pontos de consulta —, a publicação direta na rede introduziu uma lógica de desintermediação: em tese, basta localizar o endereço eletrônico de um conteúdo para alcançá-lo. Contudo, essa aparente simplicidade não elimina a necessidade de mediação; ela a desloca. Em vez de apenas facilitar o encontro físico do documento, as bibliotecas passam a atuar de forma estratégica na organização do acesso digital, na produção de descrições e metadados, na curadoria de fontes confiáveis e na preservação de conteúdos e links, garantindo que o documento continue encontrável, utilizável e significativo ao longo do tempo.

Nas últimas décadas, as bibliotecas têm ampliado sua atuação para além do espaço físico, inserindo-se de forma decisiva no ambiente digital e reconfigurando seus modos de organizar, preservar e difundir a informação. A crescente produção de conteúdos em formato digital, bem como os processos de digitalização de acervos, impulsionaram a adoção de ferramentas e serviços capazes de responder às novas demandas de acesso remoto, interoperabilidade e preservação de longo prazo.

Nesse cenário, a biblioteca deixa de ser apenas um local de guarda e consulta presencial e passa a operar também como infraestrutura informacional, oferecendo catálogos online, coleções digitais e ambientes de disponibilização de objetos digitais com metadados padronizados, favorecendo a recuperação e a circulação do conhecimento. É nesse contexto de transformação e expansão das práticas biblioteconômicas no meio digital que se tornam centrais os repositórios digitais, enquanto sistemas estruturados para reunir, gerenciar, preservar e disseminar conteúdos digitais de forma organizada e sustentável.

Um repositório digital pode ser considerado um tipo de biblioteca ou arquivo digital que

[...] reúne uma coleção de documentos digitais. Os repositórios digitais que adotam o modelo OAI, isto é, que adotam o protocolo OAI-PMH (*Open Archive Initiative – Protocol for Metadata Harvesting*), compartilham os mesmos metadados, tornando seus conteúdos interoperáveis entre si (Weitzel, 2006, p. 59).

Segundo Shintaku *et al* (2018),

[...] Repositórios são sistemas utilizados para disseminação de informação por meio de uma ferramenta informatizada. Tais plataformas possuem relação conceitual com a Ciência da Computação e a Ciência da Informação, mesmo com algumas disparidades. Ainda que existam diferenças disciplinares, pode-se considerar repositórios como **sistemas web que disseminam, de forma organizada, documentação digital**. No Brasil, grande parte dos repositórios são mantidos pelas bibliotecas, para a disseminação de documentos textuais produzidos pelas instituições (Shintaku *et al*, 2018, p. 15, grifo nosso).

Na discussão sobre repositórios digitais, Weitzel (2006, p. 139) distingue duas orientações frequentemente adotadas: repositórios institucionais, voltados a reunir a produção de uma instituição específica, e repositórios temáticos, destinados a agregar conteúdos de uma área independentemente de sua origem institucional ou mesmo geográfica. Para a autora, esses repositórios operam como fontes secundárias, pois não substituem publicações e objetos primários, mas funcionam como instrumentos de organização e descoberta, semelhantes a bibliografias especializadas e serviços de indexação, sustentados por descrição padronizada e disponibilização estruturada.

Nesse sentido, embora ampliem a difusão e o acesso à informação, a efetividade dos repositórios depende diretamente de sua estrutura e, sobretudo, da forma como o conteúdo é organizado para fins de recuperação. Na prática, é comum que informações estejam dispersas em diferentes ambientes digitais, com modos de busca e padrões descritivos nem sempre convergentes, o que pode dificultar a localização, o cruzamento e o uso comparativo dos registros.

Conforme observam Marcondes e Sayão (2021, p. 74), no cenário contemporâneo há diferentes iniciativas voltadas ao acesso integrado a recursos informacionais heterogêneos publicados na web, permitindo ao usuário pesquisar por uma única interface mesmo quando os dados permanecem distribuídos em sistemas distintos. Essa discussão conduz ao conceito

de interoperabilidade, entendido como a capacidade de repositórios e sistemas diferentes trocarem informações e operarem de maneira compatível, de modo que registros possam ser localizados, reutilizados e articulados entre plataformas. Em termos práticos, tal capacidade depende menos de soluções tecnológicas sofisticadas e mais de condições básicas, como padronização de metadados, consistência descritiva e adoção de procedimentos compartilhados de representação e exportação de dados.

Essas condições — especialmente a padronização de metadados e a consistência descritiva — aproximam a discussão da própria função do catálogo enquanto instrumento de organização e recuperação da informação. Conforme definem Faria e Pericão (2008, p. 146), catálogo é o “documento secundário que apresenta e descreve documentos reunidos permanente ou temporariamente”. No ambiente digital, essa função se atualiza de modo particularmente evidente nos repositórios temáticos, estruturados por critérios de seleção e descrição ajustados a um domínio, o que favorece tanto a recuperação quanto a possibilidade de intercâmbio e reutilização de registros entre sistemas. No caso das marcas de proveniência bibliográfica, um catálogo online concebido como repositório digital permite reunir registros e imagens das evidências materiais identificadas nos exemplares, organizando-as de forma sistemática e ampliando seu potencial como fonte de pesquisa em diferentes áreas.

Para a constituição do repositório temático das marcas de proveniência da Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro, optou-se pelo uso do Omeka.net. Trata-se de um software livre concebido para atender instituições e projetos voltados a dimensões históricas, culturais e educacionais, oferecendo recursos para disponibilização e difusão de conteúdos digitais em ambiente web.

De acordo com Shintaku *et al* (2018),

A flexibilidade do Omeka pode torná-lo útil a diversos casos, permitindo sua adaptação a coleções digitais diversas. Possivelmente, sua grande vantagem está na utilização de poucos recursos de informática, que gera economia de equipamentos e pessoal, enquanto oferece à equipe de informação maior autonomia (Shintaku, 2018, p.17).

No contexto desta pesquisa, essa escolha se mostra pertinente por viabilizar a publicação e a organização do acervo digital das marcas de proveniência com menor dependência de suporte especializado em tecnologia da informação, permitindo que a equipe responsável conduza a alimentação e a manutenção do repositório de forma mais autônoma e contínua, alinhada às rotinas de descrição e comunicação do patrimônio bibliográfico.

Conforme apresentado na Figura 26, observa-se a interface inicial do repositório desenvolvido na plataforma, intitulado “Repositório Signa Amazoniana”, disponibilizado no domínio “http://signa.omeka.net”.

Figura 26: Repositório Signa Amazoniana



Fonte: A autora, 2026.

A denominação do repositório “Signa Amazoniana” foi escolhida por sintetizar, de modo conceitual e identitário, o escopo e a finalidade do projeto. O termo “Signa” deriva do latim *signa* (plural de *signum*: “sinal”, “marca”) e remete aos indícios materiais que permitem rastrear trajetórias de custódia, circulação e uso dos exemplares no estudo da história do livro e das práticas de leitura. Já “Amazoniana” faz referência a coleção da BMYM, tradicionalmente associada a obras sobre a Amazônia e a produções de autores vinculados à região, situando o repositório no contexto histórico-cultural amazonense e no universo documental pesquisado.

Para a implementação do repositório, foi adotada a versão gratuita do serviço hospedado Omeka.net, por se tratar de uma solução de rápida implantação e baixo custo, adequada à fase de desenvolvimento e publicação inicial do repositório temático. Essa modalidade disponibiliza a criação de 1 site com 500 MB de armazenamento, além de um conjunto delimitado de plugins e temas, o que orienta escolhas técnicas quanto ao volume de arquivos digitais e às funcionalidades empregadas.

No Omeka, a descrição dos itens é estruturada a partir do *Dublin Core*, um esquema de metadados amplamente utilizado para recursos informacionais em ambientes digitais. Na prática, o Dublin Core fornece um conjunto de elementos (por exemplo, Título, Criador, Assunto, Descrição, Data, Tipo, Formato, Identificador, Fonte, Idioma, Cobertura, Relação, Contribuidor, Publicador e Direitos) que podem ser adaptados ao recorte do projeto.

Shintaku afirma que,

[...] o Omeka é, em sua forma mais básica, um gestor de conteúdos, com funcionalidades básicas para a apresentação desses conteúdos. De forma padrão, o Omeka atua no cadastramento dos itens, por meio do uso do Dublin Core e carregamento de arquivo, organizando-os em coleções. Assim, os plugins para conteúdos atuam nesse cadastramento e carga, além de estender as funções da coleção em agregar os itens (Shintaku, 2018, p.58).

A construção do repositório pode ser ajustada com relativa flexibilidade por meio do próprio painel administrativo, que permite selecionar e alterar temas, incluindo layout e navegação, e ativar plugins de acordo com as possibilidades do plano utilizado. Entre esses recursos, destaca-se o plugin “*Simple Pages*”, que viabiliza a criação de páginas informativas estáticas (por exemplo, “Sobre o projeto”, “Quem foi Mário Ypiranga”, “A Biblioteca”, “Coleções” e “Itens”), editadas em formulário simples e sem necessidade de programação, ampliando a camada de contextualização do acervo digital. No caso deste catálogo, a identidade visual do repositório foi reforçada pela adoção do tema “*Winter*” para a aparência do site e pela inserção, no cabeçalho, de uma imagem produzida pela autora, utilizada como elemento gráfico de apresentação.

A consolidação do repositório das marcas de proveniência da BMYM o como produto digital resultou de um encadeamento de etapas, articulando levantamento material, produção de representações digitais e modelagem descritiva até a publicação em ambiente web, sendo assim estabelecido:

1. **Planejamento do repositório e definição do recorte:** A elaboração do produto iniciou-se com o planejamento do repositório temático, estabelecendo-se o recorte documental (universo do acervo, período e tipologias de marcas de proveniência contempladas), bem como a definição da unidade de registro (o que constitui um “item” no catálogo) e dos principais pontos de acesso esperados pelo usuário (por exemplo, por tipo de marca, por obra, por nomes associados e por termos temáticos).

2. **Levantamento in loco e controle das ocorrências:** Com o recorte definido, procedeu-se ao levantamento presencial, por meio de inspeção exemplar a exemplar, identificando-se e selecionando-se os volumes com evidências de proveniência. As ocorrências foram registradas em controle preliminar, reunindo dados para gestão do fluxo de trabalho: identificação da obra, localização da marca no exemplar, tipologia, observações materiais e prioridade de registro visual.
3. **Produção das imagens, tratamento técnico e organização dos arquivos:** Após o levantamento, realizou-se a digitalização das marcas, por meio de fotografia digital. Em seguida, as imagens passaram por tratamento técnico compatível com a publicação e a preservação do conteúdo informacional (ajustes de rotação/alinhamento, recortes para evidenciar a marca), bem como por organização em estrutura de pastas e nomenclatura coerente, assegurando rastreabilidade entre o arquivo digital e o exemplar físico.
4. **Modelagem de metadados, padronização Dublin Core e implementação no Omeka:** Paralelamente à organização das imagens, estruturou-se a modelagem descritiva do catálogo com base na lógica de metadados do Omeka, definindo-se uma política de preenchimento alinhada ao Dublin Core (o que será registrado em cada campo, padrões para nomes, transcrições, notas e referências). Com essa base, passou-se à implementação do site no Omeka (criação/registo, configurações iniciais e estrutura de navegação), à criação das coleções como categorias temáticas de marcas e à adoção de tags para ampliar os pontos de acesso e refinar a recuperação. Por fim, realizou-se o cadastro dos itens (upload das imagens e preenchimento descritivo), com revisão para consistência entre registros.

Para a padronização dos termos relativos às marcas e demais nomenclaturas empregadas no catálogo, foram consultadas duas referências complementares. A primeira foi o “Glossário Ilustrado de Livros Raros e Acervos de Memória”, publicado no âmbito do PLANOR/Fundação Biblioteca Nacional, que reúne verbetes acompanhados de imagens e, em formato digital, utiliza hiperlinks para fontes e exemplos, funcionando como instrumento de apoio à descrição, catalogação e elaboração de notas no tratamento de livros raros e acervos de memória. A segunda referência foi o “Glossário de Marcas de Proveniência” disponibilizado na plataforma THESA/UFRGS, concebido como um repertório terminológico especializado para identificação e descrição tipológica das marcas, com relações entre termos

e orientação para uniformização vocabular; o projeto foi estruturado com uma base inicial de descritores e ampliado em rede de relações, respondendo à necessidade de recursos em língua portuguesa para sustentar a descrição técnica dessas evidências.

Com o objetivo de caracterizar o estágio de implementação do produto e oferecer uma visão sintética de sua organização temática, o Quadro 3 apresenta a quantidade de registros cadastrados no catálogo e sua distribuição entre as coleções. O repositório totaliza 126 itens organizados em 14 coleções, refletindo tanto a diversidade tipológica das marcas de proveniência quanto a estratégia de agrupamento adotada para favorecer a navegação e a recuperação da informação.

Quadro 3: Distribuição de itens por coleção no repositório das marcas de proveniência da Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro no Omeka.net

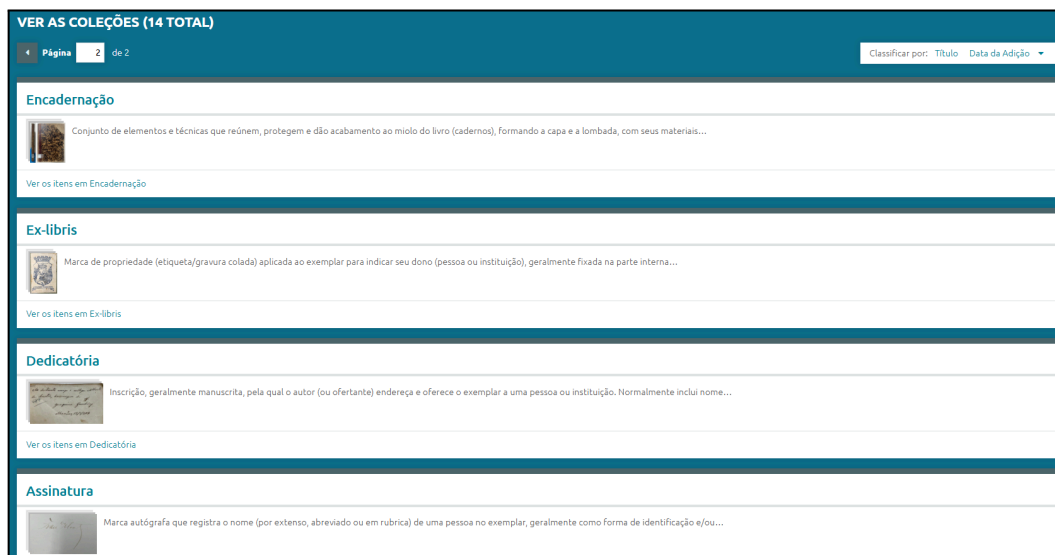
Coleção	Item	% do total
Anotação	30	23,8%
Carimbo úmido	21	16,7%
Dedicatória	17	13,5%
Marcas de Propriedade de Mário Ypiranga Monteiro	13	10,3%
Encadernação	12	9,5%
Ex-libris Manuscrito	8	6,3%
Assinatura	6	4,8%
Documentos Avulsos	6	4,8%
Etiqueta	4	3,2%
Ex-dono	3	2,4%
Ex-libris	1	0,8%
Folha de Guarda	3	2,4%
Desenho	1	0,8%
Filigrana	1	0,8%
Total geral	126	100%

Fonte: A autora, 2026.

Conforme a Figura 27, observa-se a página “Coleções” do repositório, na qual as marcas de proveniência são organizadas em conjuntos temáticos que funcionam como eixos

de navegação e agrupamento tipológico, permitindo ao usuário acessar os registros a partir das categorias adotadas no projeto.

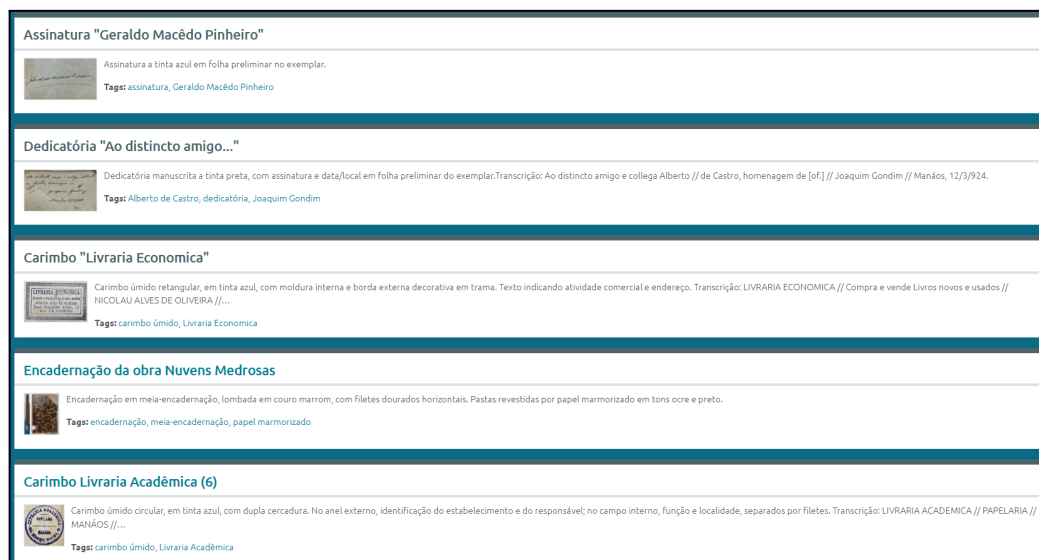
Figura 27: Página de “Coleções” do repositório



Fonte: A autora, 2026.

Na Figura 28 é exibida a página “Itens” do catálogo, que reúne a listagem dos registros cadastrados no repositório e possibilita sua exploração direta por meio da navegação e dos recursos de busca disponíveis, oferecendo uma visão agregada do conteúdo publicado.

Figura 28: Página de “Itens” do repositório



Fonte: A autora, 2026.

Nas próximas seções, serão apresentadas e discutidas as tipologias de marcas de proveniência identificadas no recorte analisado, as quais correspondem às coleções temáticas estruturadas no repositório digital. A seguir, serão apresentadas as anotações manuscritas identificadas nos exemplares analisados no recorte desta pesquisa e indexadas no repositório digital.

5.2.1 Anotação

No âmbito desta pesquisa, foram identificadas 30 marcas classificadas como “Anotação”, constituindo a coleção mais numerosa do repositório, com o maior quantitativo de itens cadastrados.

No estudo das marcas de proveniência, pode-se definir “anotação” como:

[...] Qualquer tipo de nota manuscrita, identificada como sendo da mão do possuidor. Podemos distinguir entre anotações relacionadas ao texto (notas de leitura, marcas de censura), anotações não relacionadas ao texto (notas triviais, notas históricas sobre a história da família de forma mais ampla - notas genealógicas - ou o contexto histórico) (BIBLIOPAT). Diz respeito a todos os tipos de notas manuscritas, identificadas como sendo da mão do proprietário. Podem ser notas inócuas, notas genealógicas (história familiar), notas de leitura ou mesmo marcas de censura ao nome do autor ou a determinadas partes do texto (DELESTRE). Breve explicação ou comentário de um texto ou documento deixados pelo leitor (PINHEIRO-VON HELDE-PEREIRA:29). (Rodrigues; Vian, 2024, p. 24)

As anotações manuscritas identificadas nos exemplares constituem marcas de proveniência que ultrapassam a função de simples “interferência” no suporte: elas registram práticas de leitura, estudo e organização intelectual, revelando modos de apropriação do livro pelo seu usuário. Nesse contexto, tais intervenções permitem observar tanto aspectos materiais (localização no exemplar, instrumento de escrita) quanto indícios interpretativos (comentários, correções), contribuindo para a compreensão do livro como objeto vivido e para a reconstrução de trajetórias de circulação e custódia.

Segundo Pearson (2019, p. 20), a forma mais direta e recorrente de assinalar a posse de um livro é inscrever nele o próprio nome. Essas anotações manuscritas (registradas na página de título, nas guardas ou em outras partes do volume) constituem, com frequência, o tipo de evidência de proveniência mais comum, sendo uma prática amplamente disseminada desde a Idade Média e já observável em manuscritos muito antigos que chegaram até nós. O autor observa ainda que muitos proprietários não se limitavam ao nome: por vezes acrescentavam informações como ocupação, títulos/qualificações, local de residência, valor

pago ou modo de aquisição, enquanto outros recorriam a lemas, monogramas ou a estratégias próprias para marcar páginas específicas. Em sua configuração mais elementar, entretanto, a inscrição resume-se ao nome do dono ou a uma fórmula breve que, de maneira explícita ou equivalente, declare “este livro pertence a X”, conforme as convenções linguísticas e verbais adotadas.

Com o objetivo de sistematizar o corpus de evidências reunidas na coleção, apresenta-se o Quadro 4, que relaciona os 30 itens indexados no repositório, reunindo o título do item, descrição resumida, a autoria (quando identificada) e a fonte em que a anotação foi localizada.

Quadro 4: Relação dos itens da coleção “Anotação” no repositório digital

Título do item	Descrição	Autor	Fonte
Anotação “Só mesmo de portuguez...”	Trecho impresso sublinhado (“portuguez Favella”) com nota marginal vertical a lápis; há rubrica/assinatura de Francisco Monteiro ao pé da página.	MONTEIRO, Francisco	RANGEL, Alberto. <i>Inferno verde: scenas e scenarios do Amazonas</i> . Genova: S.A. I. Clichés Celluloide Bacigalupi, 1908.
Anotação “Piracemas...”	Anotação manuscrita a lápis na margem com equivalências/definições (glosa de leitura).	MONTEIRO, Francisco	RANGEL, Alberto. <i>Inferno verde: scenas e scenarios do Amazonas</i> . Genova: S.A. I. Clichés Celluloide Bacigalupi, 1908.
Anotação “Jaboty”	Anotação manuscrita a lápis abaixo da ilustração (p. 52), atuando como identificação do referente iconográfico (nome popular do animal).	MONTEIRO, Francisco	RANGEL, Alberto. <i>Inferno verde: scenas e scenarios do Amazonas</i> . Genova: S.A. I. Clichés Celluloide Bacigalupi, 1908.

Anotação “Maranhão Sobrinho...”	Nota biográfica a lápis em folha preliminar, atribuída a Mário Ypiranga Monteiro, sintetizando dados sobre o autor do livro.	MONTEIRO, Mário Ypiranga	MARANHÃO SOBRINHO. <i>Victorias-Régias</i> . Manaus: Tip. a vapor da Livraria Comercial J. R. de Mello, 1911.
Anotação “Livro que sai emprestado...”	Anotação manuscrita a tinta azul em folha preliminar (texto rimado de advertência sobre empréstimo), com indicação “M.Y.M.”	MONTEIRO, Mário Ypiranga	JOBIM, Anísio. <i>A intelectualidade no extremo norte: contribuições para a História da Literatura no Amazonas</i> . Manaus: Livraria Clássica J.J. da Câmara, 1934.
Anotação “Herculano Marcos Inglês de Sousa...”	Nota biográfica a tinta azul sobre Herculano Marcos Inglês de Sousa, com complemento posterior; atribuída a Mário Ypiranga Monteiro.	MONTEIRO, Mário Ypiranga	SOUZA, H. Inglês de. <i>Contos Amazônicos</i> . Rio de Janeiro: Laemmert, 1893.
Anotação “Êste romance foi escrito...”	Anotação manuscrita a tinta azul em folha preliminar com comentário sobre a intenção do romance; atribuída a Mário Ypiranga Monteiro.	MONTEIRO, Mário Ypiranga	GALVÃO, Francisco. <i>Terra de ninguém: romance social do Amazonas</i> . Rio de Janeiro: Adersen Editores, [1934].
Anotação “Obra rara”	Anotação manuscrita “Obra rara” a tinta preta com rubrica, atribuída a Mário Ypiranga Monteiro.	MONTEIRO, Mário Ypiranga	PINHEIRO, Aurelio. <i>Gleba tumultuaria: cenas e cenários do Amazonas</i> . Manaus: Clássica, 1927.
Anotação na obra <i>Elles!</i>	Anotação manuscrita a tinta preta na capa; sugere nome de antigo possuidor (não identificado).	Não identificado	VERIDIANO, Heitor. <i>Elles!...</i> Manaus: Imprensa Pública, 19[?].

Anotação “Th Sotero Vaz...”	Nota biográfica a lápis sobre Thaumaturgo Sotero Vaz, atribuída a Mário Ypiranga Monteiro, na margem superior da folha de título/abertura.	MONTEIRO, Mário Ypiranga	VAZ, Thaumaturgo. <i>Cantigas</i> . Manaus: Tip. Universal, 1900.
Anotação na obra <i>Folhas Seccas</i>	Anotação manuscrita a tinta preta na parte superior da capa; aspecto de monograma/rubrica (possíveis iniciais “AC”) com realce em vermelho/rosado.	Não identificado	GONDIM, Joaquim. <i>Folhas seccas: versos</i> . Manaus: Typ. de Aug. Reis, 1924.
Anotações na obra <i>Folhas Seccas</i>	Conjunto de anotações no canto superior esquerdo da folha de rosto (grafite/lápis com intervenções em vermelho/azul), sugerindo marca de controle/organização em momentos distintos.	Não identificado	GONDIM, Joaquim. <i>Folhas seccas: versos</i> . Manaus: Typ. de Aug. Reis, 1924.
Anotação “Raridade”	Anotação a tinta na lateral esquerda da capa; atribuída a Mário Ypiranga Monteiro (com rubrica).	MONTEIRO, Mário Ypiranga	GONDIM, Joaquim. <i>Folhas seccas: versos</i> . Manaus: Typ. de Aug. Reis, 1924.
Anotação “Nasceu no Rio G Norte...”	Nota biográfica extensa sobre Francisco Pereira, atribuída a Mário Ypiranga Monteiro, em tinta azul, com complemento posterior a lápis.	MONTEIRO, Mário Ypiranga	PEREIRA, Francisco. <i>Poemas amazônicos</i> . Manaus: Augusto Reis, 1927.
Anotação na obra <i>Vereda Iluminada</i> (4)	Anotação a lápis na falsa folha de rosto (inscrição curta e numeração).	Não identificado	CABRINHA, Hemetério. <i>Vereda iluminada: versos</i> . Manaus: Imprensa Pública, 1932.
Anotação na obra <i>Vereda Iluminada</i> (3)	Folha de rosto produzida manualmente, com letras decorativas e dados de imprensa manuscritos; funciona como reconstituição/identificação do exemplar.	Não identificado	CABRINHA, Hemetério. <i>Vereda iluminada: versos</i> . Manaus: Imprensa Pública, 1932.

Anotação “Não cantes...”	Poema/soneto manuscrito a tinta preta, datado (1941), com assinatura ilegível.	Não identificado	CABRINHA, Hemetério. <i>Vereda iluminada: versos</i> . Manaus: Imprensa Pública, 1932.
Anotação na obra <i>Vereda iluminada</i> (2)	Anotação manuscrita a tinta; possível nome de antigo possuidor (ilegível).	Não identificado	CABRINHA, Hemetério. <i>Vereda iluminada: versos</i> . Manaus: Imprensa Pública, 1932.
Anotação na obra <i>Vereda iluminada</i>	Anotação manuscrita a tinta; possível nome de antigo possuidor (ilegível).	Não identificado	CABRINHA, Hemetério. <i>Vereda iluminada: versos</i> . Manaus: Imprensa Pública, 1932.
Anotação “Lido”	Anotação manuscrita a lápis na folha de rosto indicando leitura; o próprio registro descreve como provável letra de Mário Ypiranga Monteiro.	MONTEIRO, Mário Ypiranga (atribuído na descrição)	FLOREAL, Sylvio. <i>O Brasil trágico: impressões, visões e misterios de Matto-Grosso</i> . São Paulo: EGR, 1928.
Anotação na obra <i>O Brasil trágico</i>	Anotação manuscrita a tinta na parte superior da folha de rosto.	Não identificado	FLOREAL, Sylvio. <i>O Brasil trágico: impressões, visões e misterios de Matto-Grosso</i> . São Paulo: EGR, 1928.
Anotação “Raul”	Anotação manuscrita “Raul” a tinta no início do texto (primeiro capítulo), sugerindo indicação de antigo possuidor.	Não identificado	PESSÔA, Pinto. <i>Selva Selvagem: no país das amazonas</i> . Rio de Janeiro: O norte, 1923.
Anotação “Reg. protocolo nº 295...”	Anotação manuscrita a tinta preta na parte superior da folha de rosto; descrita como prática de controle do acervo, atribuída a Mário Ypiranga Monteiro.	MONTEIRO, Mário Ypiranga	DANTAS, Lecticio de Campos. <i>Rumo ao Cabaret: comedia em 3 actos</i> . Manaus: [s.n.], 1935.
Anotação na obra <i>Sob o céu de Manáos</i>	Anotação manuscrita no canto superior direito da capa; conteúdo ilegível.	Não identificado	LIMA, Orlando. <i>Sob o céu de Manáos</i> . Belém: Instituto Lauro Sodré, 1936.

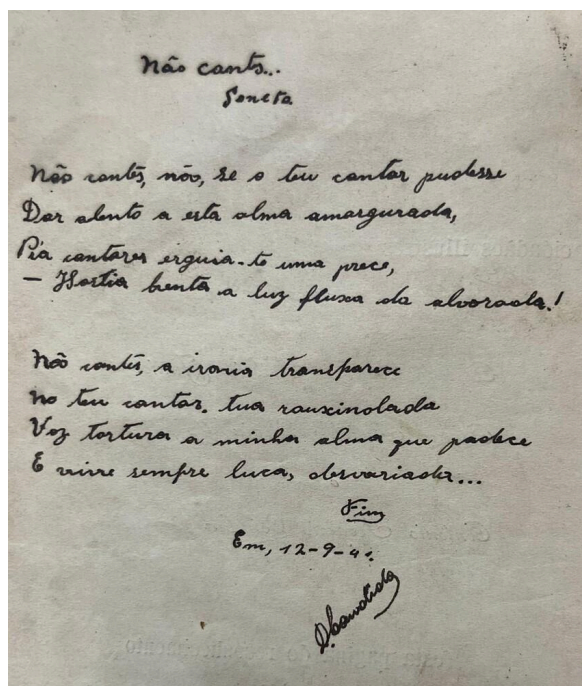
Anotação “Est. 2...”	Anotação manuscrita a tinta azul na última página, interpretada como indicação de localização/arranjo na biblioteca particular (estante/prateleira).	MONTEIRO, Mário Ypiranga	RANGEL, Alberto. <i>Livro de figuras</i> . Tours: Typographia E. Arrault, 1921.
Anotação “DE 1875”	Anotação manuscrita a tinta no início do texto (primeiro capítulo), destacando o ano de 1875.	Não identificado	AMORIM, Francisco Gomes de. <i>Os selvagens</i> . Lisboa: Mattos Moreira, 1875.
Anotação “mario”	Anotação manuscrita a lápis ao centro da folha de rosto.	Não identificado	RANGEL, Alberto. <i>Inferno verde: scenas e scenarios do Amazonas</i> . Genova: S.A. I. Clichés Celluloide Bacigalupi, 1908.
Anotação “Adeo veritatis diligens...”	Anotação manuscrita a tinta preta (frase em latim).	Não identificado	GAVINHO, Elias. <i>Ancias</i> . Manaus: Lino Aguiar e Irmão, 1913.
Anotação “Amicus Plato sed...”	Anotação a tinta preta (frase em latim).	Não identificado	GAVINHO, Elias. <i>Ancias</i> . Manaus: Lino Aguiar e Irmão, 1913.
Anotação “O autor tem uma antipathia...”	Anotação manuscrita a tinta preta.	MONTEIRO, Francisco	RANGEL, Alberto. <i>Inferno verde: scenas e scenarios do Amazonas</i> . Genova: S.A. I. Clichés Celluloide Bacigalupi, 1908.

Fonte: A autora, 2026.

Em alguns casos, foi possível realizar a transcrição das anotações, contudo, nem todas apresentaram condições de legibilidade suficientes e não foi possível identificar a autoria de todas as ocorrências.

Na Figura 29, apresenta-se uma anotação feita na obra “Vereda iluminada”, escrita por Hemetério Cabrinha, publicada em Manaus pela Imprensa Pública em 1932.

Figura 29: Anotação na obra “Vereda iluminada”

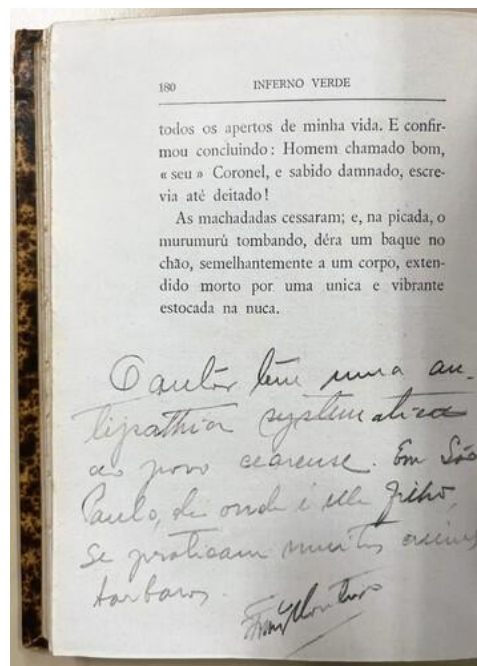


Fonte: A autora, 2026.

A anotação manuscrita feita a tinta preta consiste em um texto poético, identificado pelo próprio escrevente como “Soneto”, com a seguinte transcrição: “Não cantes... // Soneto // Não cantes, não, se o teu cantar pudesse // Dar alento a esta alma amargurada, // P’ra cantares erquia-te uma prece, // - Hostia benta a luz flusca da alvorada! // Não cantes, a ironia transparece // No teu cantar, tua rouxinolada // Voz torturar a minha alma, que padece // E vive sempre luca, desvariada... // Fim // Em, 12-9-41 . // [Assinatura ilegível]”.

Outro exemplo de anotação registrada no repositório pode ser observado na Figura 30, identificada no exemplar “Inferno verde: cenas e escenarios do Amazonas”, de Alberto Rangel, publicado em Genova pela *Clichés Celluloide Bacigalupi*, em 1908.

Figura 30: Anotação de Francisco Monteiro



Fonte: A autora, 2026.

A figura trata-se de uma anotação manuscrita a tinta preta, atribuída a Francisco Monteiro. A inscrição apresenta conteúdo opinativo sobre o autor, com a seguinte transcrição: “O autor tem uma an- // tipathia systematicos // do povo cearense. Em São // Paulo, de onde é elle filho, // se praticam muitos crimes // barbaros. // [Assinatura de Francisco Monteiro]”.

Do ponto de vista contextual, a ocorrência ganha destaque por se vincular à trajetória de formação e transmissão da biblioteca: Francisco Monteiro foi pai de Mário Ypiranga Monteiro, de quem este herdou a biblioteca pessoal, o que indica a presença de camadas geracionais de uso e apropriação nos exemplares. Essa informação contextual foi confirmada por Marita Monteiro, filha de Mário Ypiranga Monteiro, em relato prestado à pesquisadora.

5.2.2 Assinatura

A coleção “Assinatura” reúne marcas autógrafas lançadas nos exemplares (por extenso, abreviadas ou em rubrica), geralmente como forma de identificação e/ou posse, com ocorrência em pontos recorrentes do livro (folha de rosto, folhas preliminares, margens e folhas finais).

O conceito de “assinatura” pode ser entendido como uma “marca pessoal autógrafa, compreendendo o nome da pessoa (ou uma parte dele) geralmente seguido de uns traços,

sempre igual a si mesma, pela qual o autor toma a responsabilidade do documento no qual está aposta. [...] rubrica; firma; jamegão” (Faria; pericão, 2008, p. 76).

No conjunto atualmente cadastrado, a coleção conta com 6 itens, conforme observa-se no Quadro 5.

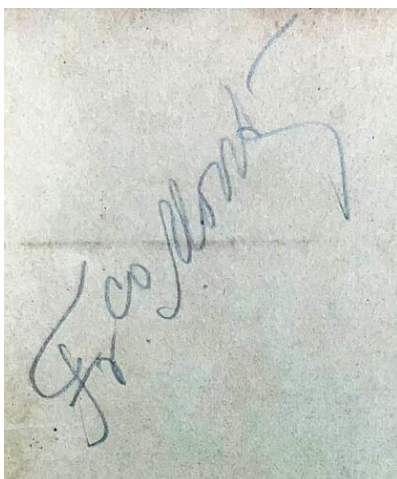
Quadro 5: Relação dos itens da coleção “Assinatura” no repositório digital

Título do item	Descrição	Autor	Fonte
Assinatura “Francisco Monteiro”	Assinatura a lápis no canto superior esquerdo da folha de rosto; o registro inclui informação contextual de que Francisco Monteiro foi pai de Mário Ypiranga Monteiro, que herdou sua biblioteca pessoal.	MONTEIRO, Francisco	OLYMPIO, Julio. <i>Poesias</i> . Fortaleza: Typ. Minerva, 1911.
Assinatura na obra Os selvagens	Assinatura a lápis na lateral esquerda do livro.	Não identificado	AMORIM, Francisco Gomes de. <i>Os selvagens</i> . Lisboa: Mattos Moreira, 1875.
Assinatura na obra Livro de figuras	Assinatura não identificada no canto superior esquerdo da folha de rosto.	Não identificado	RANGEL, Alberto. <i>Livro de figuras</i> . Tours: Typographia E. Arrault, 1921.
Assinatura “Alberto de Castro”	Assinatura a tinta preta na última folha do livro.	CASTRO, Alberto de.	GONDIM, Joaquim. <i>Folhas seccas: versos</i> . Manaus: Typ. de Aug. Reis, 1924.
Assinatura “Francisco Monteiro” (2)	Assinatura feita a tinta no exemplar; o registro inclui informação contextual de que Francisco Monteiro foi pai de Mário Ypiranga Monteiro, que herdou sua biblioteca pessoal.	MONTEIRO, Francisco	RANGEL, Alberto. <i>Inferno verde: scenas e scenarios do Amazonas</i> . Genova: S.A. I. Clichés Celluloide Bacigalupi, 1908.
Assinatura “Geraldo Macêdo Pinheiro”	Assinatura a tinta azul em folha preliminar no exemplar.	PINHEIRO, Geraldo Macêdo	GONDIM, Joaquim. <i>Folhas seccas: versos</i> . Manaus: Typ. de Aug. Reis, 1924.

Fonte: A autora, 2026.

Observa-se que foram identificadas 2 assinaturas de Francisco Monteiro, pai de Mário Ypiranga, em duas obras distintas. Uma delas apresenta-se na Figura 31, cuja assinatura foi identificada na obra “Poesias”, escrita por Julio Olympio e publicada em Fortaleza em 1911.

Figura 31: Assinatura de Francisco Monteiro

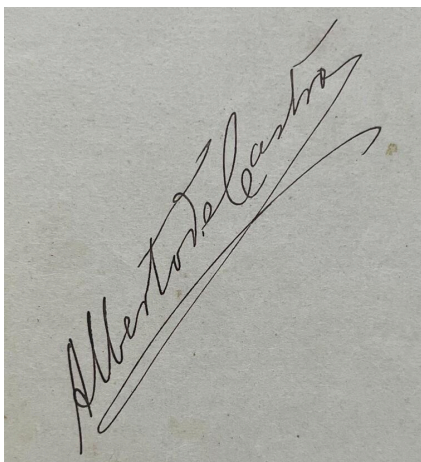
A close-up photograph of a handwritten signature in blue ink on a piece of aged, slightly textured paper. The signature is written in a cursive, flowing style, with the first part appearing to be 'Francisco' and the last part ending in a large, sweeping flourish.

Fonte: A autora, 2026.

A partir de sua identificação, verifica-se que a assinatura de Francisco Monteiro foi escrita a lápis na folha de rosto do exemplar.

Outro exemplo de assinatura registrada no repositório pode ser observado na Figura 32, identificada no exemplar “Folhas secas”, de Joaquim Gondim, publicado em Manaus, no ano de 1924.

Figura 32: Assinatura de Alberto de Castro

A close-up photograph of a handwritten signature in black ink on a piece of aged, slightly textured paper. The signature is written in a cursive, flowing style, with the name 'Alberto de Castro' clearly legible. The signature is underlined with a single, long, sweeping stroke.

Fonte: A autora, 2026.

A assinatura foi realizada a tinta preta na última folha do exemplar e registra o nome “Alberto de Castro”, configurando-se como indício de posse anterior. Contudo, até o momento, não foram localizadas informações contextuais suficientes que permitam identificar com segurança quem foi esse indivíduo ou situá-lo na trajetória de circulação do volume.

5.2.3 Carimbo úmido

Segundo Pinheiro, Von Helde e Pereira (2023), o carimbo pode ser definido como um “objeto confeccionado em metal, madeira ou borracha, utilizado para marcar documentos de origem particular ou institucional. A marca que produz revela-se instrumento de preservação e segurança, pois identifica e legitima seu possuidor” (Pinheiro; Von Helde; Pereira, 2023, p. 67).

Considerou-se necessário adotar a denominação “Carimbo úmido” como título desta coleção, uma vez que se pretende, futuramente, ampliar o repositório com novas marcas identificadas no acervo que possam corresponder a outras tipologias de carimbo, como o carimbo seco²⁴.

A presente coleção reúne marcas produzidas por meio de carimbos a tinta, aplicados em exemplares do acervo e vinculados, em geral, à identificação de estabelecimentos comerciais do livro (livrarias/papelarias), proprietários particulares e serviços especializados, como encadernadores. No repositório, essa tipologia aparece totalizando 21 itens cadastrados, o que evidencia a recorrência como mecanismo de identificação e circulação dos exemplares no universo investigado, conforme observa-se no Quadro 6.

Quadro 6: Relação dos itens da coleção “Carimbo úmido” no repositório digital

Título do item	Descrição	Autor (da marca)	Fonte
Carimbo “Agencia Litteraria”	Carimbo retangular de tinta roxa/violeta, com moldura ornamental em dupla linha e cantos recortados, contendo identificação comercial.	Agencia Litteraria	EQUADOR. Manaus: Papellaria Velho Lino, 1929. (Panorama Literário de hoje, v. 1).

²⁴ Entende-se por carimbo seco como uma “marca realizada sob pressão por meio de um equipamento de uso manual utilizado para o desenvolvimento de alto relevo em superfícies de diversos tipos de papel” (Pinheiro; Von Helde; Pereira, 2023, p. 68).

Carimbo “Agencia Martins”	Carimbo úmido ao centro na parte inferior da folha de rosto da obra.	Agencia Martins	RANGEL, Alberto. <i>Livro de figuras</i> . Tours: Typographia E. Arrault, 1921.
Carimbo “Casa Laulétta”	Carimbo úmido.	Laulléta & Maya (Casa Laulétta)	MARANHÃO, Sobrinho. <i>Papeis velhos</i> . Maranhão: Typografia Frias, 1908.
Carimbo “Dr. João Mendonça de Souza”	Carimbo úmido de tinta violeta/roxa, contendo identificação nominal e endereço.	SOUZA, João Mendonça de	EQUADOR. Manaus: Papellaria Velho Lino, 1929. (Panorama Literário de hoje, v. 1).
Carimbo “Dr. Pires Ribeiro”	Carimbo úmido na cor vermelha. O carimbo é característico de uma biblioteca particular e possui a inscrição “Brasiliana” e uma numeração que possivelmente indica um número de registro/tombo.	RIBEIRO, Pires	SOUZA, H. Inglez de. <i>O missionario</i> . 2 ed. Rio de Janeiro: Laemmert & Cia, 1899.
Carimbo “Encadernação A. Dias de Souza”	Carimbo úmido na cor azul de encadernador.	SOUZA, A. Dias de	TAPAJÓS, Torquato. <i>Nuvens medrosas</i> . [S.l.]: [s.n.], 1874.
Carimbo “Libreria Colombiana”	Carimbo úmido a tinta azul.	Camacho Roldan & Cia. (Libreria Colombiana)	RIVERA, José Eustasio. <i>La voragine</i> . 5 ed. Nova York: Editorial Andes, 1928.
Carimbo “Livraria academica”	Carimbo circular com duplo filete, em tinta escura (aparenta violeta/azul). No anel externo, inscrição de livreria; no centro, indicação “N.º” com linhas pontilhadas para preenchimento e numeração manuscrita (a lápis), ilegível.	Livraria Academica	PESSÔA, Pinto. <i>Selva Selvagem</i> : no país das amazonas. Rio de Janeiro: O norte, 1923.
Carimbo “Livraria Academica” (2)	Carimbo circular com duplo filete, em tinta escura (aparenta violeta/azul). No anel externo, inscrição de livreria; no centro, indicação “N.º” com linhas pontilhadas	Livraria Academica	MORAES, Pericles. <i>Figuras e sensações</i> . Porto: Livreria Chardron, 1923.

	para preenchimento e numeração manuscrita (a lápis), ilegível.		
Carimbo “Livraria Academica” (3)	Carimbo retangular, com moldura linear em tinta azul na folha de rosto.	Livraria Academica	PEREGRINO JUNIOR. <i>Histórias da Amazônia</i> : contos. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1936.
Carimbo “Livraria Academica” (4)	Carimbo úmido retangular em tinta vermelha.	Livraria Academica	GALVÃO, Francisco. <i>Terra de ninguém</i> : romance social do Amazonas. Rio de Janeiro: Adersen Editores, [1934].
Carimbo “Livraria Academica” (5)	Carimbo úmido oval, em tinta azul-violeta, com moldura dupla e contorno externo em friso serrilhado. Texto distribuído em três linhas, com filetes separadores, indicando estabelecimento e endereço.	Livraria Academica	CASTRO, Ferreira de. <i>A selva</i> : romance. [Porto]: [Civilização], [1930].
Carimbo “Livraria Academica” (6)	Carimbo úmido circular, em tinta azul-violeta, com dupla cercadura. No anel externo, identificação do estabelecimento e do responsável; no campo interno, função e localidade, separados por filetes.	Livraria Academica	CASTRO, Ferreira de. <i>A selva</i> : romance. [Porto]: [Civilização], [1930].
Carimbo “Livraria Alfacinha”	Carimbo úmido ao centro da folha de rosto da obra.	FERNANDES, Eduardo A. (Livraria Alfacinha)	CUNHA, Euclides da. <i>À margem da história</i> . Porto: Livraria Chadron de Lello e Irmão, 1909.
Carimbo “Livraria Classica”	Carimbo oval de tinta azul, com borda serrilhada e dupla linha interna, contendo identificação comercial.	CAMARA, J. J. da (Livraria Classica)	SOUZA, H. Inglês de. <i>Contos Amazônicos</i> . Rio de Janeiro: Laemmert, 1893.

Carimbo “Livraria Economica”	Carimbo úmido retangular, em tinta azul, com moldura interna e borda externa decorativa em trama. Texto indicando atividade comercial e endereço.	OLIVEIRA, Nicolau Alves de (Livraria Economica)	BASTOS, Abguar. <i>Certos caminhos do mundo</i> : romance do acre. Rio de Janeiro: Hersen, [s.d.].
Carimbo “Livraria Escolar”	Carimbo oval em tinta violeta/azulada. Há anotação manuscrita a lápis sobreposta acima do carimbo (ilegível).	Gavinho & Gonçalves (Livraria Escolar)	FLOREAL, Sylvio. <i>O Brasil trágico</i> : impressões, visões e misterios de Matto-Grosso. São Paulo: EGR, 1928.
Carimbo “Mario R. Mello”	Carimbo úmido na folha de rosto do livro.	MELLO, Mario R.	RANGEL, Alberto. <i>Livro de figuras</i> . Tours: Typographia E. Arrault, 1921.
Carimbo “Mário Verbicaro”	Carimbo úmido na folha de rosto.	VERBICARO, Mário	ERRECÊPÊ (RCP). <i>Janairí</i> . Belém: Instituto Lauro Sodré, 1937.
Carimbo na obra A Chamma	Carimbo monogramático em tinta violeta, com iniciais entrelaçadas (provavelmente “PS”), em desenho ornamental.	Não identificado	DURAND, Coriolano. <i>A chamma</i> : comédia em 3 atos. Milano: A. Roncati, 1912.

Fonte: A autora, 2026.

No universo da pesquisa, foram identificados seis carimbos úmidos vinculados à Livraria Acadêmica, conforme apresentado na Figura 33, evidenciando a recorrência dessa casa comercial como agente de circulação dos exemplares analisados.

Figura 33: Carimbos da Livraria Acadêmica

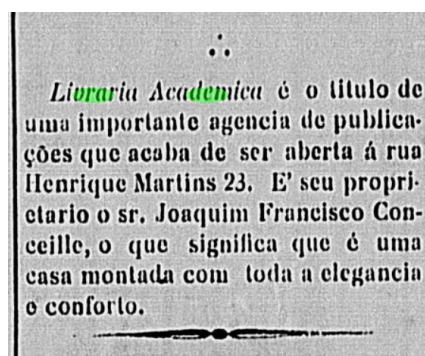


Fonte: A autora, 2026.

As marcas apresentam variações de formato e composição — retangulares, ovais e circulares — e diferentes disposições tipográficas, ora com a indicação “Papeleria” e “Agência de Revistas”, ora com a menção ao endereço em Manaus (Rua Henrique Martins, 25), além de modelos que incluem campo interno para numeração/controle (“Nº”), sugerindo práticas comerciais e administrativas associadas à venda, registro ou movimentação de livros.

Foi possível localizar uma nota da abertura da Livraria Acadêmica em 1912 (grafada “Academica” na imprensa do período) sendo anunciada como uma “importante agência de publicações”, recém-instalada na cidade de Manaus e tendo como proprietário Joaquim Francisco Coceillo, conforme apresenta-se na Figura 34.

Figura 34: Nota sobre a abertura da Livraria Acadêmica no jornal O Correio do Norte

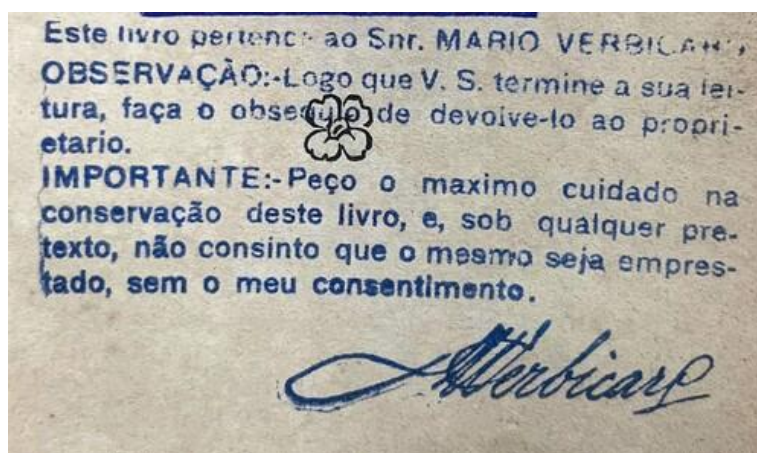


Fonte: O Correio do Norte, 1912

Em registro memorialístico posteriormente reproduzido por Mendonça (2010), a livraria é inserida no circuito livreiro manauara destacando-se a inauguração com grande afluência de público e a consolidação do estabelecimento como ponto de circulação de livros e sociabilidade letrada. A Livraria Acadêmica manteve longa permanência na cidade, encerrando suas atividades em 2009 (Mendonça, 2010).

Na Figura 35, observa-se um carimbo úmido localizado na folha de rosto da obra “Janairí”, publicado em Belém no ano de 1937.

Figura 35: Carimbo de Mario Verbicaro



Fonte: A autora, 2026.

A marca combina a identificação nominal do proprietário com um texto normativo que orienta o leitor a devolver o volume ao proprietário após a leitura e a não emprestá-lo sem consentimento, reforçando um regime de controle sobre a circulação do exemplar. O carimbo apresenta a seguinte transcrição: “Este livro pertence ao Snr. MARIO VERBICARO // OBSERVAÇÃO: Logo que V.S termine a sua lei-// tura, faça o obsequio de devolve-lo ao propri- // etario. // IMPORTANTE: -Peço o maximo cuidado na // conservação deste livro, e, sob qualquer pre- // texto, não consinto que o mesmo seja empres- // tado, sem o meu consentimento. // [Assinatura]”.

A Figura 36 apresenta um carimbo úmido com a inscrição “Brasileira”, associado a Dr. Pires Ribeiro, contendo ainda numeração manuscrita. O carimbo foi localizado na obra “O missionário”, de Inglês de H. Souza, publicado no Rio de Janeiro em 1899.

Figura 36: Carimbo Dr. Pires Ribeiro



Fonte: A autora, 2026.

O carimbo trata-se de uma marca típica de biblioteca particular, na qual o termo “Brasília” sugere a organização do acervo por uma coleção temática e a numeração manuscrita (“472”) indica provável número de registro/tombo ou controle interno.

Na Figura 37, identifica-se um carimbo monogramático em tinta violeta, composto por iniciais entrelaçadas, sem indicação nominal explícita. A marca foi localizada na obra “A Chamma”, de Cariolano Durand, publicada em Milano em 1912.

Figura 37: Carimbo na obra A Chamma



Fonte: A autora, 2026.

O monograma constitui uma marca de caráter distintivo, frequentemente utilizada para sinalizar posse ou identidade institucional/pessoal de forma abreviada e visualmente reconhecível. A ausência de nome por extenso dificulta a atribuição imediata de autoria, mas o desenho das iniciais entrelaçadas pode funcionar como pista de proveniência, especialmente quando comparado a outras ocorrências do mesmo símbolo no acervo, ou confrontado com assinaturas, dedicatórias e marcas de encadernação que possam apontar para o mesmo agente.

5.2.4 Dedicatória

O termo “dedicatória” pode ser definido como uma

Nota de autor que precede o texto de um livro, na qual ele o oferece a um amigo ou protetor como sinal de estima, homenagem, amizade ou gratidão ou como agradecimento de patrocínio. [...] Podem apresentar-se sob duas formas: impressas ou manuscritas. No primeiro caso constam geralmente de uma homenagem sob forma de epístola-dedicatória ou inscrição, que o autor ou editor faz a alguém, enquanto que no segundo caso podem constar apenas de uma oferta (Faria; Pericão, 2008, p. 224)

A dedicatória manuscrita configura-se como uma inscrição elaborada pelo próprio autor da obra ou por alguém que oferece o exemplar a uma pessoa ou instituição. Em geral, apresenta o nome do destinatário, uma mensagem breve de oferecimento, indicação de local e data e, por fim, assinatura ou rubrica do dedicante.

No repositório, a coleção “Dedicatória” reúne 17 itens, constituindo um conjunto expressivo de marcas de proveniência que evidenciam práticas de oferta, circulação e sociabilidade intelectual por meio do exemplar. As dedicatórias aparecem predominantemente manuscritas e registradas em folha de rosto ou em folhas preliminares, frequentemente acompanhadas de data e local.

Conforme sistematizado no Quadro 7, apresentam-se os itens cadastrados na coleção, com seus respectivos títulos, descrições, autoria (quando identificada) e a fonte em que a marca foi registrada.

Quadro 7: Relação dos itens da coleção “Dedicatória” no repositório digital

Título do item	Descrição	Autor	Fonte
Dedicatória "A ilustrada redação..."	Dedicatória manuscrita a tinta preta.	Não identificado	HERCULANO, À. A. <i>Discursos recitados na sessão solemne de inauguração do retrato de Alexandre Herculano, na sala de honra do Gremio Litterario Portuguez no Pará.</i> Belém, 1879.

Dedicatória "A' Illustrada Red. do Jornal do Commercio..."	Dedicatória manuscrita a tinta.	BARRETO SOBRINHO	BARRETO SOBRINHO. <i>Orchestra selvagem.</i> Manaus: Typographia Popular, 1929.
Dedicatória "Ao distinto amigo..."	Dedicatória manuscrita a tinta preta, com assinatura e data/local em folha preliminar do exemplar.	GONDIM, Joaquim	GONDIM, Joaquim. <i>Folhas seccas: versos.</i> Manaus: Typ. de Aug. Reis, 1924.
Dedicatória "Ao Mario..."	Dedicatória manuscrita a tinta preta no canto inferior esquerdo da folha de rosto. Possível dedicatória do autor da obra ao Mário Ypiranga.	DANTAS, Leticio de Campos	DANTAS, Leticio de Campos. <i>Rumo ao Cabaret: comedia em 3 actos.</i> Manaus: [s.n.], 1935.
Dedicatória "Ao Mário Ypiranga..."	Dedicatória manuscrita a tinta azul.	Não identificado	MARANHÃO, Sobrinho. <i>Papeis velhos.</i> Maranhão: Typografia Frias, 1908.
Dedicatória "Ao Nonato..."	Dedicatória manuscrita a tinta preta.	Não identificado	MARANHÃO, Sobrinho. <i>Papeis velhos.</i> Maranhão: Typografia Frias, 1908.
Dedicatória "Ao Oswaldo Paixão..."	Dedicatória manuscrita a tinta preta.	MEDEIROS, Adonai de	MEDEIROS, Adonai de. <i>Jamachi: coisas da Amazônia.</i> São Paulo: Graphica S. José, 1934.
Dedicatória "Ao prof. Mecenaz Dourado..."	Dedicatória manuscrita a tinta preta.	José	CARVALHO, Ilná Pontes de. <i>Terra amante do Equador.</i> [Rio de Janeiro]: Papelaria e Tipografia Coelho, 1931.

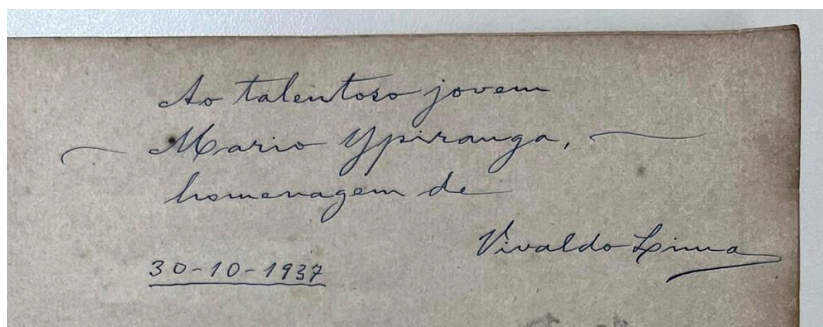
Dedicatória "Ao professor Paulo Eleutherio..."	Dedicatória manuscrita autógrafa a tinta no canto superior esquerdo da folha de rosto.	PEREIRA, Altair	PEREIRA, Altair. <i>Nelumbos: versos, 1919-1920</i> . Manaus: Typografia Cá e Lá, [1920].
Dedicatória "Ao querido Othelo..."	Dedicatória manuscrita a tinta preta na folha de rosto do exemplar. Possivelmente escrita pelo autor da obra.	SARMENTO, Paulo	SARMENTO, Paulo. <i>Clarins de ouro</i> . Manaus: [s.n.], [1936].
Dedicatória "Ao talentoso jovem Mario Ypiranga..."	Dedicatória manuscrita a tinta azul. Informações contextuais: Vivaldo Palma Lima (1877–1949) foi professor, farmacêutico e médico, com atuação política no Amazonas.	LIMA, Vivaldo	LIMA, Vivaldo. <i>A epopéia de Ajuricaba</i> . Manaus, 1937.
Dedicatória "Dr. Alfredo da Mata"	Dedicatória manuscrita a tinta preta. Informações contextuais: Dr. Alfredo da Mata (1870–1954) formou-se em Medicina (1893) e atuou em Manaus no combate a enfermidades, com destaque para ações de saúde pública; sua trajetória é associada à criação do Dispensário “Alfredo da Mata”, origem da atual Fundação Hospitalar homônima.	DINIZ, Alberto	DINIZ, Alberto. <i>No coração do "inferno verde": paginas de saudade</i> . Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, 1927.
Dedicatória "Francisco N. dos Santos"	Dedicatória de Francisco N. dos Santos a Carlos Amorim, em tinta preta.	SANTOS, Francisco N. dos	TAPAJÓS, Torquato. <i>Nuens medrosas</i> . [S.l.]: [s.n.], 1874.
Dedicatória de Orlando Lima	Dedicatória manuscrita a tinta preta no canto superior direito da folha de rosto.	LIMA, Orlando	LIMA, Orlando. <i>Sob o céu de Manáos</i> . Belém: Instituto Lauro Sodré, 1936.

Dedicatória de Oswaldo Orico para Álvaro Maia	Dedicatória manuscrita autógrafa a tinta preta, na folha de rosto.	ORICO, Oswaldo	ORICO, Oswaldo. <i>O demônio da rejeição</i> . São Paulo: Editora Nacional, 1930.
Dedicatória de Ramayana	Dedicatória manuscrita autógrafa a tinta preta, na folha de rosto.	CHEVALIER, Ramayana de	CHEVALIER, Ramayana de. <i>No circo sem teto da Amazônia: o drama social dos seringas</i> . Rio de Janeiro: Moderna, [s. d.].
Dedicatória de Ramayana para Álvaro Maia	Dedicatória manuscrita autógrafa a tinta preta, na folha de rosto.	CHEVALIER, Ramayana de	CHEVALIER, Ramayana de. <i>No circo sem teto da Amazônia: o drama social dos seringas</i> . Rio de Janeiro: Moderna, [s. d.].

Fonte: A autora, 2026.

Observa-se na Figura 38 uma dedicatória manuscrita a tinta ao Mário Ypiranga Monteiro, na obra “A epopéia de Ajuricaba”, publicada em Manaus no ano de 1937.

Figura 38: Dedicatória manuscrita ao Mário Ypiranga Monteiro

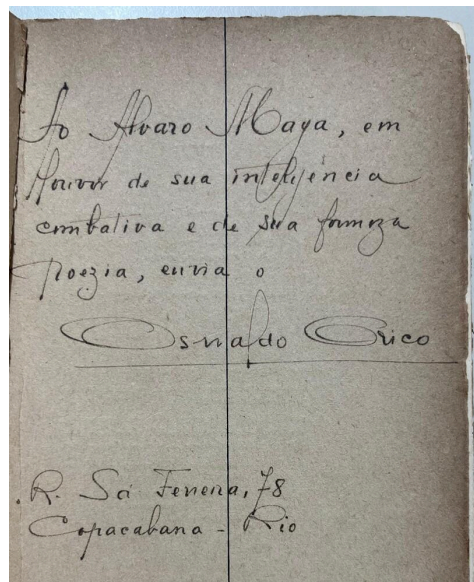


Fonte: A autora, 2026.

A dedicatória foi realizada pelo autor Vivaldo Palma Lima (1877–1949), que foi um escritor, professor, farmacêutico e médico, com atuação política no Amazonas. Verificou-se a seguinte transcrição: “Ao talentoso jovem // [traço] Mario Ypiranga, [traço] // homenagem de // Vivaldo Lima // 30-10-1937”.

Na Figura 39, apresenta-se uma dedicatória manuscrita a tinta, lançada na folha de rosto do exemplar de “O demônio da rejeição”, do autor Oswaldo Orico, publicado em São Paulo em 1930, na qual o autor homenageia Álvaro Maia.

Figura 39: Dedicatória manuscrita ao Álvaro Maia



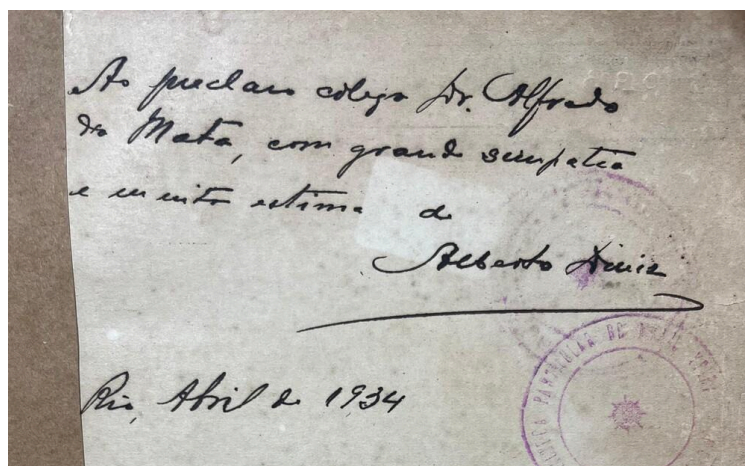
Fonte: A autora, 2026.

A dedicatória apresentada foi realizada pelo autor da obra, com a seguinte transcrição: “Ao Alvaro Maya, em // [Louvor?] de sua inteliencia // combativa e de sua formosa // Poezia, envia o // Oswaldo Orico // R. Sá Tereza, 78 // Copacabana – Rio”.

Como informação contextual, trata-se de uma inscrição que articula dois nomes relevantes do meio intelectual e público: Orico, escritor/jornalista e figura com atuação política, e Álvaro Maia, jornalista, poeta e político amazonense.

A Figura 40 exibe uma dedicatória manuscrita a tinta, registrada no exemplar do livro “No coração do inferno verde”, do escritor Alberto Diniz e publicado no Rio de Janeiro em 1927.

Figura 40: Dedicatória manuscrita ao Alfredo da Mata



Fonte: A autora, 2026.

Observa-se que a dedicatória foi autografada pelo autor da obra, sendo possível fazer a sua transcrição: “Ao preclaro collega Dr. Alfredo // da Mata, com grande simpatia // e muita estima de // Alberto Diniz // Rio, Abril de 1934”.

Em termos contextuais, Alfredo da Matta (1870–1954) destacou-se na medicina no Amazonas, com atuação em profilaxia e dermatologia e participação em ações de saúde pública; sua trajetória dá lastro histórico à dedicatória e à rede de sociabilidade profissional sugerida pela marca.

5.2.5 Desenho

A coleção “Desenho” reúne intervenções visuais executadas manualmente nos exemplares, aplicadas diretamente no papel em um exemplar, assinadas ou não, e que registram práticas de uso e apropriação do livro, com potencial para indicar autoria, gosto estético, contexto de leitura e circulação do exemplar. Seu conceito pode ser entendido como uma “representação de formas, obtidas por meio de linhas, pontos e manchas, utilizando lápis, pincel ou tinta” (Pinheiro; Von Helde; Pereira, 2023, p. 88).

No universo desta pesquisa, a coleção possui apenas 1 item cadastrado, conforme apresentado no Quadro 8, o que sugere que esse tipo de marca foi menos recorrente no recorte analisado, em contraste com categorias mais frequentes (como anotações, carimbos ou assinaturas).

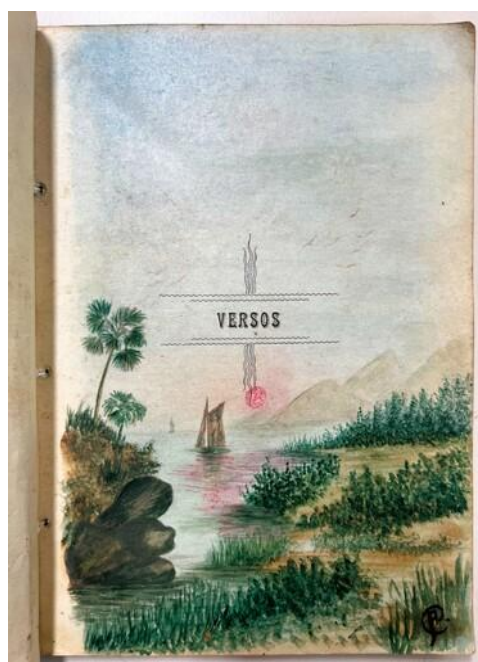
Quadro 8: Relação dos itens da coleção “Desenho” no repositório digital

Título do item	Descrição	Autor	Fonte
Desenho na obra Folhas Seccas	Desenho/pintura em página interna, ocupando quase toda a folha, representando uma paisagem.	Não identificado	GONDIM, Joaquim. <i>Folhas seccas: versos</i> . Manaus: Typ. de Aug. Reis, 1924.

Fonte: A autora, 2026.

A Figura 41 apresenta o desenho identificado no exemplar “Folhas seccas”, de Joaquim Gondim, publicado em Manaus em 1924.

Figura 41: Desenho na obra Folhas Seccas



Fonte: A autora, 2026.

O desenho/pintura na figura anterior foi executada diretamente no papel na página 8 do exemplar, ocupando quase toda a página. A composição representa uma paisagem fluvial/lacustre: margem com vegetação (arbustos e palmeiras), afloramento rochoso em primeiro plano, corpo d’água com uma embarcação à vela ao centro e, ao fundo, montanhas sob céu claro. Há um sol destacado em vermelho/rosado, com reflexos na água. O desenho parece combinar grafite (traços de contorno) e pintura/coloração com aspecto de aquarela (tons de verde, marrom, cinza e rosa), com pinceladas suaves e transparência típica de tinta

aguada. No canto inferior direito observa-se monograma/assinatura (com traço curvo), indicando possível autoria do desenho.

5.2.6 Documentos avulsos

Durante a pesquisa, verificou-se a necessidade de criar uma coleção chamada de “Documentos Avulsos”, que reúne materiais não integrantes do corpo editorial do livro e que foram encontrados associados ao exemplar (soltos, encartados ou colados), tais como bilhetes, cartões, recortes e outros papéis. Por registrarem práticas de uso, circulação e sociabilidade, esses vestígios funcionam como evidências para os estudos de proveniência, uma vez que ampliam a leitura do livro para além do texto impresso, incorporando marcas decorrentes de trajetórias de posse, leitura e apropriação.

No universo desta pesquisa, a coleção conta com 6 itens cadastrados, conforme apresentado no Quadro 9.

Quadro 9: Relação dos itens da coleção “Documentos Avulsos” no repositório digital

Título do item	Descrição	Autor	Fonte
Anotação “Capa Yayá Castro...”	Anotação a tinta azul em papel avulso colado na folha de guarda; nota atribuída a Mário Ypiranga Monteiro.	MONTEIRO, Mário Ypiranga	CASTRO, Yayá. <i>Preito de intellectuaes do Amazonas à surpreendente artista.</i> [Manaus]: [Typ. do Cá e Lá], [s.d.].
Cartão de oferecimento “Farias Gama”	Cartão impresso de oferecimento encontrado na guarda anterior; preenchido manualmente com o nome do destinatário e assinado pelo autor; há anotação numérica no canto inferior.	GAMA, Farias	GAMA, Farias. <i>Scenographias de um país de águas e selvas.</i> Belém: [s.n.], 1924.

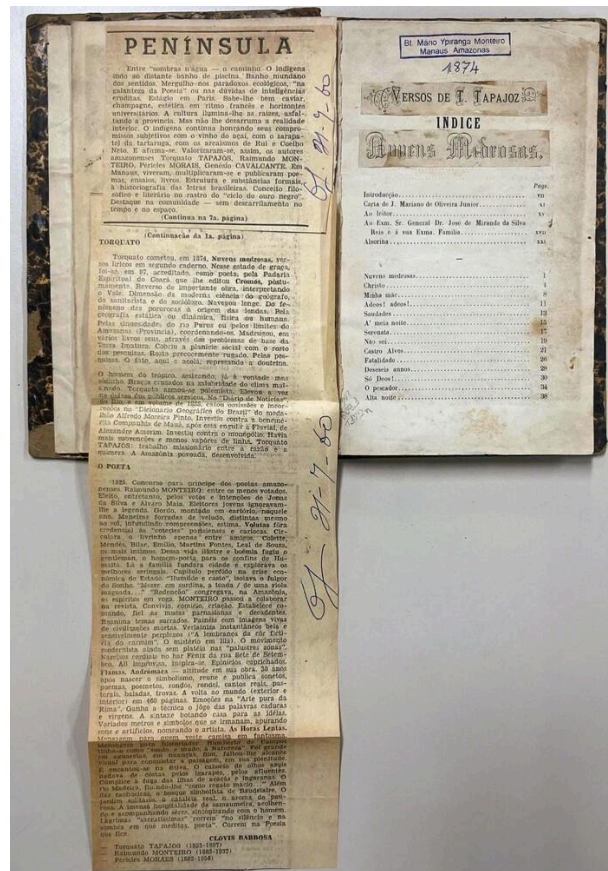
Documento avulso colado na obra <i>Cantigas</i>	Folha de papel quadriculado colada à primeira folha do exemplar, com texto manuscrito em forma de composição poética; apresenta título (“No mar”), dedicatória, indicação de procedência (“Bordo do ‘Minas Geraes’”), data e rubrica.	VAZ, Thaumaturgo	VAZ, Thaumaturgo. <i>Cantigas</i> . Manaus: Tip. Universal, 1900.
Fotografia colada na obra <i>Certos caminhos do mundo</i>	Fotografia de pequeno formato (tipo retrato 3×4), em preto e branco/tonalidade sépia, colada na folha de rosto; retrato frontal de um homem.	Não identificado	BASTOS, Abguar. <i>Certos caminhos do mundo: romance do Acre</i> . Rio de Janeiro: Hersen, [s.d.].
Papeleta colado na obra <i>Folhas seccas</i>	Recorte retangular de papel colado na parte superior da folha de rosto, com anotação manuscrita em tinta azul indicando referência de registro/classificação e observação de leitura; rubrica/assinatura ilegível.	Não identificado	GONDIM, Joaquim. <i>Folhas seccas: versos</i> . Manaus: Typ. de Aug. Reis, 1924.
Recorte de jornal na obra <i>Nuven medrosas</i>	Recorte de jornal impresso colado na folha de guarda anterior.	BARBOSA, Clóvis (texto do recorte)	TAPAJÓS, Torquato. <i>Nuven medrosas</i> . [S.l.]: [s.n.], 1874.

Fonte: A autora, 2026.

Observa-se uma variedade tipológica: cartão de oferecimento preenchido e assinado (com destinatário identificado), anotação em papel avulso colado, papeleta/recorte manuscrito com registro de leitura/classificação, folha quadriculada colada com composição poética e dedicatória, fotografia fixada à folha de rosto e recorte de jornal com conteúdo crítico-literário e intervenções manuscritas nas margens.

Na Figura 42, observa-se um recorte de jornal encontrado e colado na folha de guarda anterior do exemplar “*Nuven medrosas*”, de Torquato Tapajós, publicado em 1874.

Figura 42: Recorte de jornal na obra Nuvens Medrosas

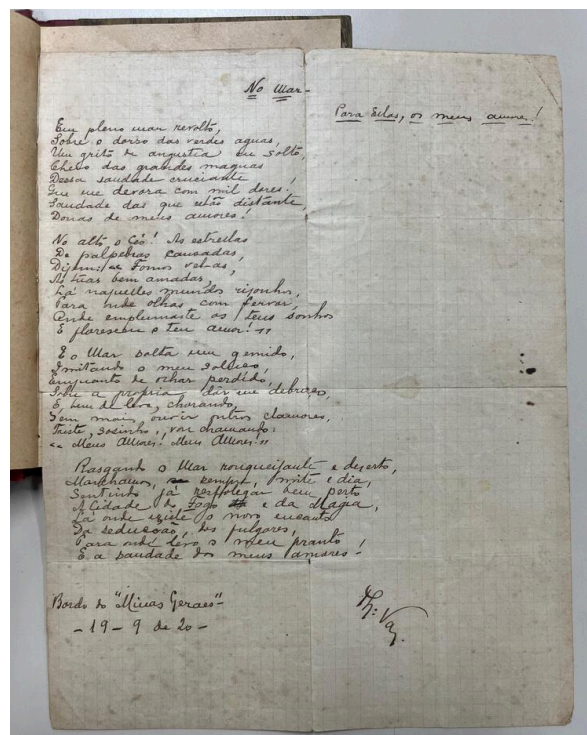


Fonte: A autora, 2026.

O recorte do jornal impresso foi identificado colado na folha de guarda anterior do exemplar. O documento apresenta formato retangular com bordas irregulares (corte manual). O conteúdo corresponde a uma seção/coluna intitulada “PENÍNSULA”, seguida de texto crítico-literário, com destaque para o item “TORQUATO”, no qual se comenta a trajetória e a produção do autor Torquato Tapajós, incluindo referência à obra “Nuvens medrosas”. Ao final, consta a identificação do responsável pelo texto (Clóvis Barbosa) e uma lista nominal com datas. Há, ainda, anotações manuscritas ao longo da margem do recorte, indicando intervenção de leitor/proprietário (possivelmente Mário Ypiranga Monteiro).

Outro exemplo de documento avulso identificado na pesquisa e registrado no repositório apresenta-se na Figura 43. O documento foi localizado em folha preliminar do exemplar “Cantigas”, escrito por Thaumaturgo Vaz e publicado em Manaus em 1900.

Figura 43: Papel colado na obra Cantigas



Fonte: A autora, 2026.

Observa-se na figura anterior um folha de papel quadriculado com texto manuscrito em tinta escura, estruturado como composição poética. O registro inclui título (“No mar”) e expressão dedicatória (“Para elas, os meus amores!”), além de indicação de procedência circunstancial (“Bordo do ‘Minas Geraes’”), seguida de data (registrada como “19-9 de 20”) e possível rubrica do autor da obra, Thaumaturgo Vaz.

5.2.7 Encadernação

Em pesquisas de proveniência, as características físicas das encadernações podem ser entendidas como ferramentas para rastrear a trajetória de um livro. Segundo David Pearson,

Existem muitas maneiras pelas quais as evidências materiais manifestadas nas encadernações podem auxiliar na pesquisa de proveniência. Até que a mecanização começasse a dominar o comércio de encadernação no segundo quarto do século XIX, a encadernação era um processo artesanal, e cada livro produzido era, nesse sentido, um objeto único. Havia inúmeras maneiras pelas quais os indivíduos podiam marcar sua propriedade tanto na parte externa quanto na interna, e as escolhas feitas em relação à qualidade de uma encadernação podem fornecer pistas sobre a riqueza ou a origem do comprador (Pearson, 2019, p. 124, tradução nossa).

Até cerca de 1850, os livros eram frequentemente vendidos em folhas soltas ou com encadernações temporárias e seu comprador levava o exemplar a um encadernador de sua preferência. No âmbito da História do Livro, a encadernação era um símbolo de status, conforme observa Faria e Pericão (2008):

A encadernação remonta ao aparecimento do códice e o seu aspecto primitivo deve ter sido o de umas tabuinhas de madeira, vulgarmente cedro, com umas bandas de couro a envolver o texto e uma correia com que se apertava o conjunto. Começou, portanto, por ser uma simples técnica de proteção tendo acabado por evoluir gradualmente para a confecção de verdadeiras obras de arte executadas com uma técnica apurada, em que eram usadas matérias-primas de qualidade. As encadernações dos códices mais ricos eram com frequência ornamentadas com ouro, pedras preciosas e esmaltes (Faria; Pericão, 2008, p. 280).

De uma forma mais simples, a encadernação é uma “operação que consiste em juntar todas as folhas em cadernos, costurar e colocar uma capa mais grossa, com vistas a facilitar a leitura e também com a finalidade de preservar e proteger a obra” (Pinheiro; Von Helde, Pereira, 2023, p. 95).

No âmbito desta pesquisa, a coleção “Encadernação” reúne 12 itens cadastrados no repositório, descrevendo intervenções e características materiais do revestimento (capa/lombada) observadas nos exemplares analisados e pode ser verificado no Quadro 10 a seguir:

Quadro 10: Relação dos itens da coleção “Encadernação” no repositório digital

Título do item	Descrição	Autor	Fonte
Encadernação “F.L”	Meia encadernação, com lombada e cantos em couro preto e pastas em papel azul-escuro; lombada com nervuras, douração, filetes, florões, motivo ornamental central e monograma “F. L.” no pé da lombada.	Não identificado	BASTOS, Abguar. <i>Certos caminhos do mundo: romance do acre</i> . Rio de Janeiro: Hersen, [s. d.].
Encadernação “P. R”	Meia encadernação com lombada em couro e pastas revestidas em papel marmorizado; quatro nervuras na lombada e iniciais “P.R.” gravadas em dourado.	Não informado no item	SOUZA, H. Inglês de. <i>O missionario</i> . 2 ed. Rio de Janeiro: Laemmert & Cia, 1899.

Encadernação da obra A Chamma	Meia encadernação com lombada em couro marrom; pastas em papel decorado salpicado/pontilhado; lombada com nervuras, com douração em campos, filetes e florões dourados repetidos.	Não identificado	DURAND, Coriolano. <i>A chamma: comédia em 3 atos</i> . Milano: A. Roncati, 1912.
Encadernação da obra Cantigas	Meia encadernação com lombada em tecido (tipo percalina) vermelho, lisa; pastas em papel decorado/marmorizado com padrão amadeirado em tons de ocre e preto.	Não identificado	VAZ, Thaumaturgo. <i>Cantigas</i> . Manaus: Tip. Universal, 1900.
Encadernação da obra Equador	Meia encadernação com lombada em tecido (tipo percalina) vermelho, lisa; pastas em papel decorado/marmorizado em tons de azul e preto.	Não identificado	<i>EQUADOR</i> . Manaus: Papelaria Velho Lino, 1929. (Panorama Literário de hoje, v. 1).
Encadernação da obra Nuvens Medrosas	Meia encadernação com lombada em couro marrom; filetes dourados horizontais; pastas em papel marmorizado em tons ocre e preto.	Não identificado	TAPAJÓS, Torquato. <i>Nuvens medrosas</i> . [S.l.]: [s.n.], 1874.
Encadernação da obra O Circo sem teto	Meia encadernação com lombada em couro (ou material semelhante) verde; capa em papel marmorizado verde; lombada com nervuras, douração (autor e título) e filetes.	Não informado no item	Não informado no item
Encadernação da obra Scenographias de um país...	Encadernação inteira em tecido (linho cru), bege, com lombada arredondada, sem nervuras aparentes.	Não identificado	GAMA, Farias. <i>Scenographias de um país de águas e selvas</i> . Belém: [s.n.], 1924.
Encadernação da obra Theatro de Francisco Gomes...	Meia encadernação com lombada em tecido (tipo percalina) vermelho, lisa; pastas em papel decorado (marmorizado com padrão amadeirado em tons de ocre e preto).	Não identificado	AMORIM, Francisco Gomes de. <i>Theatro: o cedro vermelho I</i> . Lisboa: Imprensa Nacional, 1874.

Encadernação da obra <i>Vereda Iluminada</i>	Meia encadernação com cantos em tecido (percalina/linho) cru; pastas em revestimento vermelho com padrão craquelê/couro.	Não identificado	CABRINHA, Hemetério. <i>Vereda iluminada: versos</i> . Manaus: Imprensa Pública, 1932.
Encadernação de Mário Ypiranga Monteiro	Meia encadernação com lombada em tecido, pastas em papel marmorizado. Inscrição “M.Y.M” no pé da lombada.	Não informado no item	RANGEL, Alberto. <i>Inferno verde: scenas e scenarios do Amazonas</i> . Genova: S.A.I. Clichés Celluloide Bacigalupi, 1908.
Encadernação na obra <i>Selva selvagem</i>	Meia encadernação com cantos; lombada e cantos em couro escuro e pastas em papel marmorizado azul; lombada com douração (autor e título), filetes e florão ²⁵ central.	Não identificado	PESSÔA, Pinto. <i>Selva Selvagem: no país das amazonas</i> . Rio de Janeiro: O norte, 1923.

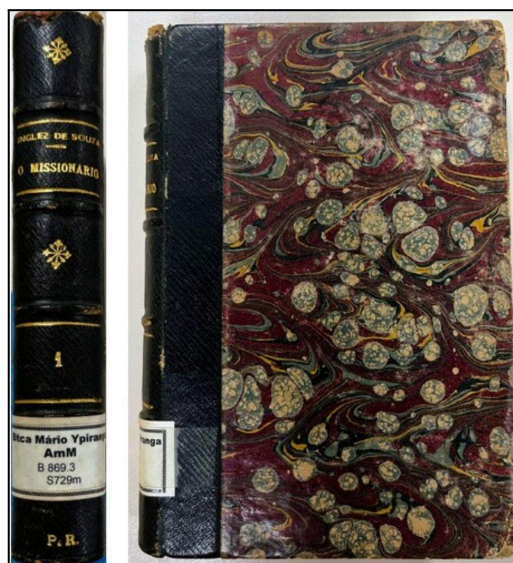
Fonte: A autora, 2026.

A meia encadernação, tipo predominante entre as obras analisadas, tem como conceito “aquela em que a lombada é revestida por um material diferente do das pastas: couro e papel, couro e pano, pano e papel” (Faria; Pericão, 2008, p. 490).

Na Figura 44, observa-se a encadernação da obra “O missionário” de H. Inglez de Souza, publicado no Rio de Janeiro em 1899.

²⁵ O florão é uma “vinheta ornamental de desenho semelhante ao de uma flor, utilizada como elemento decorativo na composição tipográfica” (Faria; Pericão, 2008, p. 338).

Figura 44: Encadernação na obra O Missionário

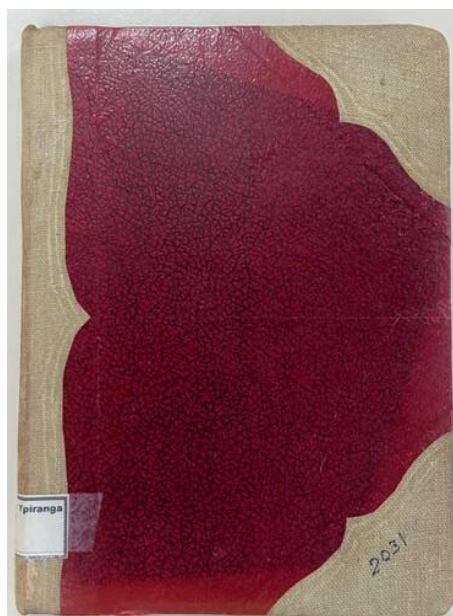


Fonte: A autora, 2026.

A encadernação é do tipo meia encadernação, com lombada em couro escuro e pastas em papel marmorizado em tons de vinho, verde e ocre. A lombada apresenta nervuras, dourações (autor e título) e florões, além das iniciais “P.R.” no pé da lombada, sugerindo marca de identificação associada ao antigo possuidor.

A Figura 45 exibe um outro exemplo de encadernação indexado no repositório, da obra “Vereda iluminada”, de Hemetério Cabrinha, publicada em Manaus em 1932.

Figura 45: Encadernação na obra Vereda Iluminada



Fonte: A autora, 2026.

O exemplar apresenta meia encadernação com lombada e cantos em tecido, com pastas revestidas em material vermelho de padrão craquelê, semelhante ao couro. Não foram identificadas, até o momento, pistas documentais que permitam atribuir com segurança a encadernação a um encadernador específico e/ou vinculá-la a um proprietário determinado como responsável por essa personalização.

5.2.8 Folha de guarda

No contexto da encadernação e da pesquisa de proveniência, a folha de guarda (ou simplesmente "guarda") é entendida como um elemento estrutural e decorativo. Nessa perspectiva, Pinheiro, Von Helde e Pereira (2023), definem como:

Folha de papel branco, colorida ou decorada (personalizada, marmorizadas, caracóis, gotas, pentes), que tem como objetivo unir a capa ao corpo do livro e como a função principal proteger o miolo do livro, assim como cobrir os acabamentos da encadernação. De acordo com o papel utilizado na encadernação, é possível determinar a data em que o mesmo foi encadernado, isto quando o item possui sua encadernação original. Podemos encontrar guardas em pergaminho em encadernações mais antigas, em exemplares luxuosos, com guardas em tecido como a seda, e também itens com as guardas em papel colorido ou decorado, cuja técnica surgiu no final do século XVI, perdurando até o século XIX (Pinheiro; Von Helde; Pereira, 2023, p. 134).

No âmbito dessa pesquisa, a coleção “Folha de guarda” conta com 3 itens cadastrados, todos relacionados a guardas decoradas (padrões marmorizados e motivos geométrico-florais), registradas como evidências materiais, conforme visto no Quadro 11.

Quadro 11: Relação dos itens da coleção “Folha de guarda” no repositório digital

Título do item	Descrição	Autor	Fonte
Folha de guarda da obra <i>À margem da história</i>	Guardas decorada com fundo branco e padrão repetitivo de motivos geométrico-florais nas cores marrom, bordô e dourado.	Não identificado	CUNHA, Euclides da. <i>À margem da história</i> . Porto: Livraria Chadron de Lello e Irmão, 1909.
Folha de Guarda na obra <i>Selva selvagem</i>	Guardas em papel marmorizado, nas cores vermelho e preto, com padrão mesclado.	Não identificado	PESSÔA, Pinto. <i>Selva Selvagem: no país das Amazonas</i> . Rio de Janeiro: O norte, 1923.

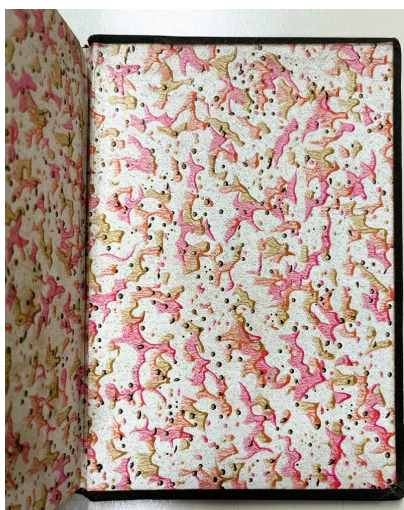
Folha de guarda da obra Terra de Icambiaba	Guardas em papel marmorizado de fundo claro, com arabescos/veios em tons rosa, laranja e ocre, pontuados por salpicos escuros; apresenta guarda fixa colada à pasta e guarda correspondente.	Não identificado	BASTOS, Abguar. <i>Terra de Icambiaba: romance da Amazônia</i> . 2. ed. Rio de Janeiro: Andersen, 1934.
--	--	------------------	---

Fonte: A autora, 2026.

Embora, nesses casos, não haja autoria identificada do agente produtor do papel decorado, o registro das guardas é relevante porque tais elementos podem indicar opções de encadernação, intervenções posteriores e padrões de acabamento recorrentes no conjunto analisado, compondo a leitura do exemplar como objeto material e apoiando a análise de proveniência em articulação com outras marcas (carimbos, assinaturas, anotações etc.).

Na Figura 46, observa-se a folha de guarda na obra “Terra de Icambiaba”, do escritor Abguar Bastos, publicada no Rio de Janeiro em 1934.

Figura 46: Folha de guarda na obra Terra de Icambiaba



Fonte: A autora, 2026.

A guarda analisada na figura anterior possui padrão marmorizado sobre fundo claro, composta por veios sinuosos em tons rosa, laranja e ocre, com salpicos escuros distribuídos ao longo da superfície, evidenciando acabamento ornamental associado à encadernação.

A Figura 47 apresenta a folha de guarda da obra “Selva selvagem”, do autor Pinto Pessôa, publicada em 1923.

Figura 47: Folha de guarda na obra Selva Selvagem



Fonte: A autora, 2026.

A folha de guarda analisada possui o padrão marmorizado em tons de vermelho e preto, formando manchas difusas e mescladas, característica de guarda decorativa utilizada como elemento de reforço e acabamento do volume.

Na Figura 48, identifica-se a folha de guarda da obra “À margem da história”, de Euclides da Cunha, publicada em 1909.

Figura 48: Folha de guarda na obra À Margem da História



Fonte: A autora, 2026.

Nota-se na figura anterior uma folha de guarda de padrão repetitivo de motivos geométrico-florais (rosetas e elementos radiais) em marrom, bordô e dourado sobre fundo claro, compondo uma guarda decorada de caráter mais regular e simétrico.

5.2.9 Etiqueta

No repositório, a coleção “Etiqueta” é definida como um rótulo (geralmente em papel) colado em partes do exemplar — lombada, capa, folha de guarda ou folha de rosto — com finalidade de identificação, controle ou registro. Observa-se no “Glossário de Marcas de Proveniência” que o termo pode ter vários significados:

Pedaco de papel afixado na frente ou, mais frequentemente, na lombada de um item (maço, registo, caixa, pasta ou livro), onde está inscrita uma cota ou outra informação que permite a sua rápida localização. - Letreiro. Rótulo; na remoção de etiquetas antigas, deve ser empregado um produto próprio para amolecer a cola, de modo a não arrancar, juntamente com a etiqueta, parte da superfície onde esta assenta (FARIA PERICÃO:511). Um pequeno pedaço de papel, tecido ou outro material no qual as informações podem ser escritas, digitadas ou impressas, destinado a ser afixado na superfície de um item como um livro, geralmente para fins de identificação, classificação ou descrição. As bibliotecas usam etiquetas extensivamente no processamento técnico. Estas encontram-se disponíveis, pré-cortadas em fornecedores de bibliotecas em diversas cores, formatos e tamanhos, em branco ou pré-impressas, com ou sem adesivo. A fita de etiquetagem também está disponível para fazer etiquetas personalizadas mecanicamente. Quando as etiquetas são usadas na preservação, devem ser isentas de ácido. Num sentido mais amplo, qualquer marca de identificação anexada a uma coisa, geralmente para diferenciá-la ou fornecer informações àqueles que a usam ou visualizam. Como coisas efêmeras, as etiquetas impressas são, por vezes, recolhidas por razões históricas. [...] Também se refere a um pedaço de material (couro, pergaminho ou papel) não integrante da capa de um livro que é impresso, carimbado ou gravado, geralmente com o título e nome do autor, afixado na lombada ou na capa (REITZ2). Um pedaço quadrado ou retangular de couro, tecido ou papel, geralmente de uma cor diferente daquela usada para cobertura, e preso à lombada ou (ocasionalmente) à capa de um livro. As etiquetas exibem, geralmente em relevo dourado, o título do livro, o número do volume (se houver), o nome do autor (esporadicamente antes do final do século XVIII, mas regularmente desde então) e, desde cerca de 1800, a data de publicação. As etiquetas começaram a ser usadas na Inglaterra, por volta de 1680, e, em 1700, geralmente, substituíam as letras diretas na lombada dos livros. Duas etiquetas, uma para o título e a segunda para o número do volume, entraram em uso na Inglaterra (provavelmente, da França) por volta de 1730. A etiqueta do título era geralmente vermelha e a etiqueta do volume azul e, mais tarde, verde. Etiquetas vermelhas e pretas também foram usadas. A chamada etiqueta de lado aberto, ou seja, sem filetes laterais verticais, era incomum antes de 1795, provavelmente foi introduzida por Roger Payne. Originalmente, as etiquetas eram quase sempre de couro, geralmente uma pele finamente aparada, e mais tarde skiver. Etiquetas de papel, impressas, ou ocasionalmente gravadas, começaram a ser usadas na segunda metade do século XVIII nas lombadas de livros encadernados (os primeiros exemplos conhecidos datam de 1765). Eles continuaram a ser o método usual de titulação de livros encadernados, mesmo depois que esse estilo de encadernação foi, em grande parte, substituído pelo tecido, ou seja, no primeiro quartel do século XIX. Elas também foram usadas nas primeiras encadernações de tecido, com frequência

decrecente 79 após 1832, quando a técnica de aplicação de ouro, diretamente no tecido, se tornou viável (ROBERTS-ETHERINGTON). Etiquetas adesivas de todos os tipos (T-PRO) (Rodrigues; Vian, 2024, p. 79).

Nesse caso, a etiqueta como marca de proveniência pode indicar circulação, posse e propriedade (por exemplo, livrarias e oficinas, identificação patrimonial etc.). No Quadro 12 apresenta-se 4 itens cadastrados nessa coleção do repositório.

Quadro 12: Relação dos itens da coleção “Etiqueta” no repositório digital

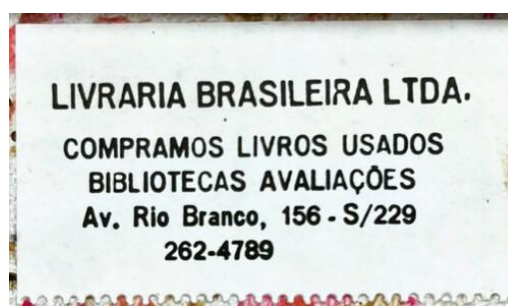
Título do item	Descrição	Autor (associado à etiqueta)	Fonte
Etiqueta “557”	Etiqueta branca com numeração manuscrita a tinta azul (“557”), colada no canto inferior direito da folha de rosto; registrada como prática recorrente no acervo para fins de controle/registro do item.	MONTEIRO, Mário Ypiranga	RANGEL, Alberto. <i>Inferno verde: cenas e cenários do Amazonas</i> . Genova: S.A. I. Clichés Celluloide Bacigalupi, 1908.
Etiqueta “Encadernação Moderna”	Etiqueta de encadernador colada na folha de guarda.	VILHENA, A. (Encadernação Moderna)	RANGEL, Alberto. <i>Inferno verde: cenas e cenários do Amazonas</i> . Genova: S.A. I. Clichés Celluloide Bacigalupi, 1908.
Etiqueta “Livraria Brasileira”	Etiqueta de livraria colada na folha de guarda.	Livraria Brasileira	BASTOS, Abguar. <i>Safrá</i> . Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1937. (Os Romances da Amazonia).

Etiqueta de lombada “115”	Etiqueta aplicada no pé da lombada, com numeração manuscrita em tinta preta (“115”); descrita como recurso recorrente na biblioteca particular do titular para controle e recuperação.	MONTEIRO, Mário Ypiranga	RIVERA, José Eustasio. <i>La voragine</i> . 5. ed. Nova York: Editorial Andes, 1928.
---------------------------	--	--------------------------	--

Fonte: A autora, 2026.

Na Figura 49, observa-se uma etiqueta comercial da Livraria Brasileira, colada na folha de guarda da obra “Safra”, de Abguar Bastos, publicada no Rio de Janeiro em 1937.

Figura 49: Etiqueta de Livraria



Fonte: A autora, 2026.

5.2.10 Ex-dono

A coleção “Ex-dono” reúne registros utilizados para indicar antigo proprietário de um exemplar, isto é, alguém que deteve o livro anteriormente, antes do proprietário atual ou antes de sua incorporação ao acervo. O termo vem do latim, *ex dono* "recebido como uma doação de", "da doação de", "proveniente da doação de" e define-se como uma “inscrição manuscrita (assinatura, frase ou pequeno texto) colocada em uma obra por quem a possui, a fim de identificar a procedência” (Pinheiro; Von Helde; Pereira, 2023, p. 103).

No recorte documentado no repositório, a coleção conta com 3 itens, podendo ser verificado no Quadro 13 a seguir.

Quadro 13: Relação dos itens da coleção “Ex-dono” no repositório digital

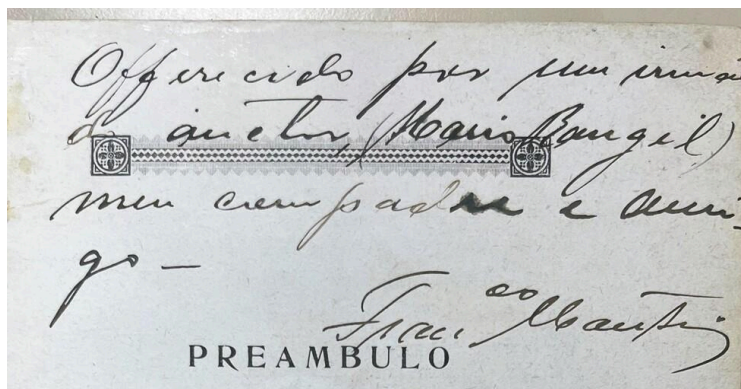
Título do item	Descrição	Autor (da inscrição)	Fonte
Ex-dono “Hemetério Cabrinha”	Inscrição manuscrita em tinta azul, lançada por Mário Ypiranga Monteiro, informando a posse anterior do exemplar por Hemetério Cabrinha.	MONTEIRO, Mário Ypiranga	CABRINHA, Hemetério. <i>Vereda iluminada: versos</i> . Manaus: Imprensa Pública, 1932.
Ex-dono “Maria Miranda Leão”	Inscrição manuscrita a lápis, na folha de rosto, indicando posse anterior/oferta associada a Maria Miranda Leão, com data (1939).	Não identificado	FIGUEIREDO, Heitor de. <i>Nevoeiros: sonetos</i> . Manaus: Typografia cá e lá, 1918.
Ex-dono “Mario Rangel”	Inscrição manuscrita em tinta preta, assinado por Francisco Monteiro, indicando o vínculo do exemplar com Mario Rangel.	RANGEL, Mario	RANGEL, Alberto. <i>Inferno verde: cenas e cenários do Amazonas</i> . Genova: S.A. I. Clichés Celluloide Bacigalupi, 1908.

Fonte: A autora, 2026.

O registro manuscrito de ex-dono é frequentemente lançado pelo próprio beneficiário e, em alguns casos, pode ser feito muito tempo após a doação, funcionando como uma forma de homenagem e reconhecimento ao doador.

Na Figura 50, observa-se um ex-dono na obra “Inferno Verde” de Alberto Rangel, publicada em 1908.

Figura 50: Ex-dono na obra Inferno Verde

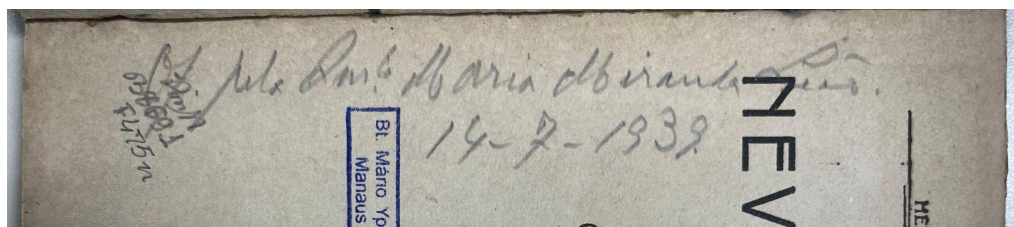


Fonte: A autora, 2026.

A inscrição na figura anterior é de Francisco Monteiro, pai de Mário Ypiranga, e possui a seguinte transcrição: “Offerecido por um irmão // do autor, Mario Rangel // meu compadre e ami- // go // [Assinatura de Francisco Monteiro]”.

A Figura 51 apresenta um ex-dono escrito a lápis na folha de rosto da obra “Nevoeiros”, de Heitor de Figueiredo, publicada em Manaus no ano de 1939.

Figura 51: Ex-dono na obra Nevoeiros



Fonte: A autora, 2026.

A marca funciona como evidência direta de posse/doação anterior e contribui para situar cronologicamente uma etapa da trajetória do exemplar. Foi possível fazer uma transcrição parcial da inscrição: “Of. pela [ilegível] Maria Miranda Leão. // 14-7-1939”. O item do repositório acrescenta ainda contextualização biográfica de Maria de Miranda Leão (1887–1976), destacando sua atuação no Amazonas como professora, enfermeira e assistente social, ligada a iniciativas de assistência à maternidade e à infância em Manaus.

5.2.11 Ex-libris

A coleção “Ex-libris” reúne marcas de propriedade do tipo etiqueta/gravura colada no exemplar, geralmente aplicada na parte interna do livro (folha de guarda ou verso da capa), com a função de identificar o proprietário (pessoa ou instituição).

Conforme observa Pearson (2019, p. 68), a prática de utilizar etiquetas de papel gravadas ou impressas, contendo a identificação do proprietário, para assinalar a posse ou a doação de um livro é praticamente tão antiga quanto a própria imprensa, constituindo um dos indícios de propriedade mais recorrentes e reconhecíveis nos estudos de proveniência. O autor assinala ainda que o uso de ex-libris se consolidou inicialmente na Alemanha, ao final do século XV. Entre os exemplos mais antigos, cita-se uma etiqueta impressa, posteriormente colorida à mão, aplicada em volumes doados ao mosteiro de Buxheim por Hildebrand Brandenburg, por volta de 1480.

O termo ex-libris tem origem do latim e significa literalmente “dos livros de”, podendo ser manuscrito, impresso ou gravado e figurar em qualquer lugar do livro (Faria Pericão, 2008, p. 321). Dentre suas características, essa marca pode conter

[...] o nome ou as iniciais do proprietário e pode, por meio de uma imagem ou texto, indicar sua profissão, seus gostos, seus ideais, sua posição social etc. Possuem desde a sua criação aspectos muito diversos, tais como o nome do proprietário, escudos de armas, monogramas, assinaturas, emblemas e alegorias com iniciais e inscrições, além de nu - merações. Os bibliófilos e os leitores afeiçoados a seus livros costumam utilizá-los para identifica-los e personaliza-los (Pinheiro; Von Helde; Pereira, 2023, p. 105).

No repositório, a coleção conta com 1 item cadastrado, conforme observa-se no Quadro 14.

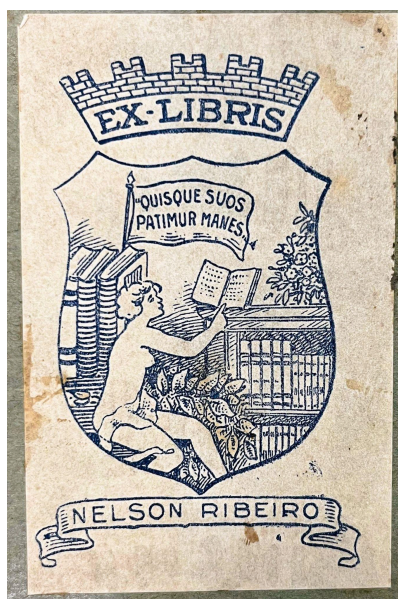
Quadro 14: Relação dos itens da coleção “Ex-libris” no repositório digital

Título do item	Descrição	Autor (titular do ex-libris)	Fonte
Ex-libris “Nelson Ribeiro”	Ex-libris pessoal gravado, colado no verso da capa, (biblioteca/estantes, figura humana em leitura e brasão) e presença de lema em latim (com tradução indicada no item).	RIBEIRO, Nelson	SOUZA, H. Inglez de. <i>O missionario</i> . 2. ed. Rio de Janeiro: Laemmert & Cia, 1899.

Fonte: A autora, 2026.

Na Figura 52, apresenta-se o ex-libris identificado na obra “O missionário”, de H. Inglez de Souza, publicado em 1899.

Figura 52: Ex-Libris de Nelson Ribeiro



Fonte: A autora, 2026.

Observa-se que o ex-libris teve sua impressão monocromática na cor azul, em papel retangular. A composição central assume a forma de escudo heráldico, encabeçado por uma coroa mural e pela inscrição “EX-LIBRIS”. No interior do escudo, observa-se uma cena associada ao universo do livro e da leitura: uma figura humana em atitude de consulta/leitura diante de um volume aberto, acompanhada de pilhas de livros e de uma estante ao fundo,

além de elementos vegetais que integram o campo decorativo. Acima da cena, uma faixa (estandarte) traz um lema em latim (“Quisque suos patimur manes” que significa “Cada um suporta os seus próprios fantasmas”). Na base, em cartela, aparece o nome do proprietário, “NELSON RIBEIRO”.

Do ponto de vista da pesquisa de proveniência, ex-libris funciona como marca direta e intencional de pertencimento, indicando uma camada de posse anterior e contribuindo para mapear a circulação do exemplar em bibliotecas particulares.

5.2.12 Ex-libris manuscrito

O termo desta coleção trata-se de uma marca de propriedade manuscrita registrada diretamente no livro, geralmente na forma de uma menção simples ao nome do proprietário. Esse registro pode vir acompanhado de informações complementares, como título ou função do possuidor, data de aquisição do exemplar, fórmulas que indicam pertencimento ou vínculo a um grupo, ou ainda advertências solicitando a devolução do volume ao seu legítimo dono (Rodrigues; Vian; 2024, p. 121).

No universo desta pesquisa, a coleção “Ex-libris manuscrito” reúne 8 itens cadastrados, conforme verifica-se no Quadro 15.

Quadro 15: Relação dos itens da coleção “Ex-libris manuscrito” no repositório digital

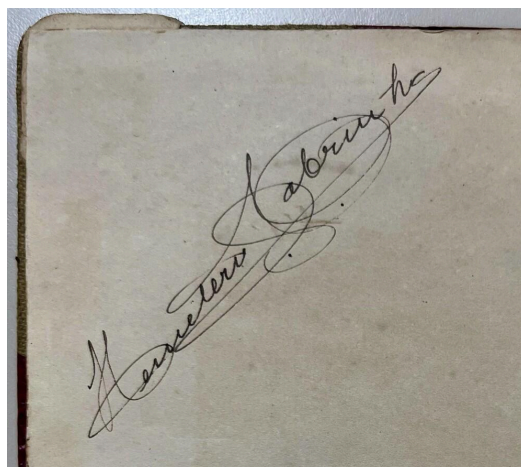
Título do item	Descrição	Autor	Fonte
Ex-libris manuscrito "Carlos Amorim"	Ex-libris manuscrito a tinta preta, acompanhado de data registrada abaixo.	AMORIM, Carlos	TAPAJÓS, Torquato. <i>Nuvens medrosas</i> . [S.l.]: [s.n.], 1874.
Ex-libris manuscrito "Francisco Monteiro"	Ex-libris manuscrito a tinta preta, lançado na parte superior da folha de rosto, com registro de data e assinatura.	MONTEIRO, Francisco	RANGEL, Alberto. <i>Inferno verde: cenas e cenários do Amazonas</i> . Genova: S.A. I. Clichés Celluloide Bacigalupi, 1908.
Ex-libris manuscrito "Hemetério Cabrinha"	Ex-libris manuscrito a tinta preta lançada na última página do livro.	CABRINHA, Hemetério	CABRINHA, Hemetério. <i>Vereda iluminada: versos</i> . Manaus: Imprensa Pública, 1932.

Ex-libris manuscrito “J.B.”	Ex-libris manuscrito a tinta na folha de rosto, registrado como iniciais com grafia parcialmente ilegível.	Não identificado	LOBATO, Manuel. <i>Bodas de Ouro</i> . Manaus: Freitas, 1909.
Ex-libris manuscrito na obra Equador	Ex-libris manuscrito a tinta preta no canto superior esquerdo da folha de rosto, com indicação de local (“Manaus”) e data parcialmente legível.	Não identificado	<i>EQUADOR</i> . Manaus: Papelaria Velho Lino, 1929. (Panorama Literário de hoje, v. 1).
Ex-libris manuscrito na obra O turbilhão	Ex-libris manuscrito a tinta azul ao centro da folha de rosto, com data numérica registrada.	Não identificado	MARANHÃO, Petrarcha. <i>O turbilhão: ensaios</i> . Rio de Janeiro: Gráfica Alba, 1936.
Ex-libris manuscrito na obra Terra Imatura	Ex-libris manuscrito a tinta na lateral esquerda da folha de rosto, com indicação de local e data.	Não identificado	LADISLAU, Alfredo. <i>Terra immatura</i> . Belém: Clássica, 1923.
Exlibris manuscrito na obra Certos caminhos do mundo	Registro identificado como possível ex-libris manuscrito em tinta preta na folha de rosto, com data grafada; nome não identificado.	Não identificado	BASTOS, Abgvar. <i>Certos caminhos do mundo: romance do acre</i> . Rio de Janeiro: Hersen, [s. d.].

Fonte: A autora, 2026.

Na Figura 53, observa-se um ex-libris manuscrito na forma de assinatura lançada diretamente no papel, sendo a última página do livro “Vereda iluminada”, com grafia cursiva e traços ornamentais. A inscrição é legível como “Hemetério Cabrinha”, funcionando como marca de propriedade e evidência de que o exemplar esteve sob a custódia desse possuidor.

Figura 53: Ex-Libris manuscrito de Hemetério Cabrinha

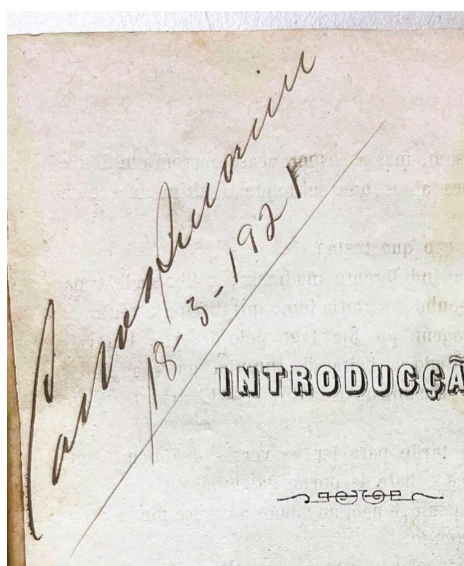


Fonte: A autora, 2026.

Hemetério José dos Santos (1892–1959), conhecido como Cabrinha, nasceu em Fortaleza e estabeleceu-se em Manaus a partir de 1916. Atuou como carpinteiro e espírita, mas notabilizou-se sobretudo no campo intelectual, como poeta, escritor e orador, integrando o circuito literário amazonense. (Melo, 2014).

Na Figura 54, apresenta-se outro ex-libris manuscrito, também na forma de assinatura, acompanhada de data, na obra “Nuvens medrosas”, de Torquato Tapajós, publicado em 1874.

Figura 54: Ex-Libris manuscrito de Carlos Amorim

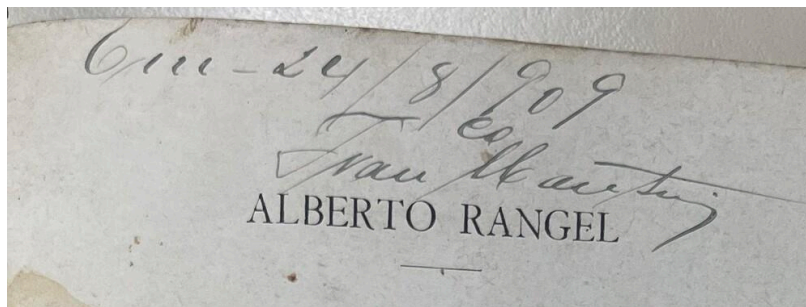


Fonte: A autora, 2026.

Na figura anterior, observa-se a inscrição “Carlos Amorim” a tinta, com a data “18-3-1921” abaixo.

Foi identificado um ex-libris manuscrito do pai de Mário Ypiranga, Francisco Monteiro, na obra “Inferno verde”, apresentado na Figura 55.

Figura 55: Ex-Libris manuscrito de Francisco Monteiro



Fonte: A autora, 2026.

Observa-se na figura anterior, que a inscrição foi feita a tinta na parte superior da folha de rosto, com a seguinte transcrição: “Em - 24/8/909 // [Rubrica de Francisco Monteiro]”.

5.2.13 Filigrana

No repositório, “Filigrana” pode ser entendida como um

Ornamento em forma de desenhos e letras, elaborado com fios finos de material metálico, bordados ou aplicados sobre a superfície da trama preexistente, com objetivo de representar a marca do fabricante do papel. A filigrana dá origem a uma marca na folha de papel no momento da sua produção, chamada marca d’água. Com a industrialização e o surgimento dos rolos filigranadores, o processo foi modernizado (Pinheiro; Von Helde; Pereira, 2023, p. 110).

No universo desta pesquisa, a coleção apresenta 1 item cadastrado (apresentado no Quadro 16), o que sugere baixa recorrência dessa evidência no recorte analisado. Ainda assim, a filigrana constitui um dado material, pois amplia a análise de proveniência para o campo da manufatura do suporte (papel), podendo indicar circuitos de produção e circulação do impresso.

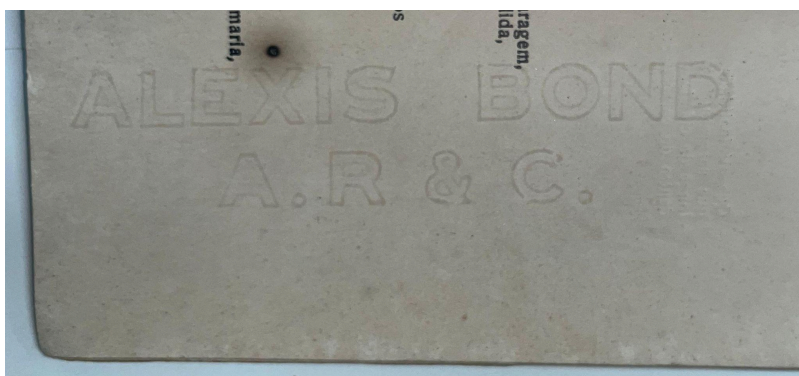
Quadro 16: Relação dos itens da coleção “Filigrana” no repositório digital

Título do item	Descrição	Autor	Fonte (obra)
Filigrana “Alexis Bond”	Filigrana (marca d’água) com inscrição em letras maiúsculas “ALEXIS BOND” e, abaixo, “A.R. & C.”	Não identificado	BARRETO SOBRINHO. <i>Orchestra selvagem</i> . Manaus: Typographia Popular, 1929.

Fonte: A autora, 2026.

Na Figura 56, observa-se a filigrana identificada no papel do exemplar com a inscrição “ALEXIS BOND” e, logo abaixo, “A.R. & C.”

Figura 56: Filigrana Alexis Bond



Fonte: A autora, 2026.

A imagem trata-se de um indício material ligado à fabricação do suporte, útil para estudos de proveniência por permitir levantar hipóteses sobre procedência do papel, cadeia de produção e, em alguns casos, auxiliar na datação e na identificação de fornecedores empregados na impressão da obra.

A seção a seguir volta-se às marcas diretamente associadas ao titular do acervo, Mário Ypiranga Monteiro, as quais também encontram-se indexadas no repositório, sendo parte das obras levantadas nesta pesquisa.

5.3 As marcas de Mário Ypiranga Monteiro

Serão examinadas, nesta seção, as evidências identificadas e atribuídas a Mário Ypiranga Monteiro: aquelas que registram sua propriedade sobre os exemplares e as que decorrem de seu uso, expressas em práticas de leitura e manuseio.

5.3.1 Marcas de propriedade

Considerando a especificidade do acervo e a recorrência de evidências relacionadas ao próprio titular, tornou-se necessário criar uma coleção específica para reunir as “Marcas de Propriedade de Mário Ypiranga Monteiro”, concentrando registros produzidos ou atribuídos a ele. Essa coleção é apresentada a seguir.

A coleção foi colocada em destaque no repositório por reunir marcas produzidas e lançadas pelo próprio Mário Ypiranga Monteiro, titular do acervo e figura central para a compreensão da trajetória de formação, organização e circulação de sua biblioteca pessoal. Trata-se, portanto, de um conjunto particularmente significativo, pois materializa práticas de identificação e de controle de custódia adotadas pelo proprietário, permitindo reconhecer, com maior segurança, os exemplares que integram sua biblioteca e as estratégias utilizadas para afirmar o pertencimento.

A pesquisa identificou 13 marcas atribuídas ao próprio titular do acervo, organizadas em quatro tipologias. Nesse conjunto, foram catalogados 5 ex-libris manuscritos, 2 carimbos pessoais, 3 carimbos de biblioteca e 3 marcas associadas à encadernação.

Na Figura 57 observa-se seus ex-libris manuscritos, os quais totalizam 5 registros.

Figura 57: Ex-libris manuscrito de Mário Ypiranga Monteiro



Fonte: A autora, 2026.

Os ex-libris manuscritos de Mário Ypiranga aparecem como uma marca autógrafa de propriedade aplicada de modo recorrente na folha de rosto. Observam-se maneiras variadas de registro como o nome por extenso (por vezes acompanhado de local e data), e também formas abreviadas, como rubricas e assinaturas simplificadas, incluindo o uso mais direto do sobrenome (“Monteiro”). A presença de diferentes tintas e de variações caligráficas sugere que essas inscrições podem ter sido realizadas em momentos distintos.

Conforme se observa na Figura 58, Monteiro utilizava carimbos pessoais como marca de propriedade e identificação.

Figura 58: Carimbos pessoais de Mário Ypiranga Monteiro



Fonte: A autora, 2026.

Foram identificados dois tipos de carimbos úmidos com em duas variações principais: uma com o nome “MARIO YPIRANGA MONTEIRO” e outra que acrescenta, abaixo, a qualificação profissional “ADVOGADO”. A coexistência de modelos distintos sugere usos em contextos e momentos diferentes.

Na Figura 59, apresentam-se dois carimbos de propriedade associados à biblioteca pessoal de Mário Ypiranga Monteiro.

Figura 59: Carimbos “Biblioteca Particular de Mário Ypiranga Monteiro”



Fonte: A autora, 2026.

Em ambos os carimbos úmidos com composição circular, e legenda em caixa-alta indicando “BIBLIOTECA PARTICULAR DE MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO”, reforçando explicitamente a natureza privada do acervo e a relação direta de posse com o titular. Observa-se, contudo, a existência de variações gráficas: no primeiro modelo, o elemento central é um motivo solar, no segundo, o centro traz um ornamento floral/geométrico, sugerindo uma alternativa de uso possivelmente vinculada a diferentes fases de organização do acervo ou a diferentes lotes de aquisição e carimbagem.

Como se observa na Figura 60, foram identificados exemplares do acervo que apresenta encadernações associadas à prática de organização e conservação adotada por Monteiro em sua biblioteca.

Figura 60: Encadernação de Mário Ypiranga Monteiro



Fonte: A autora, 2026.

Verifica-se que as encadernações são do tipo “meia encadernação”, com lombada em tecido e planos revestidos por papel marmorizado de diferentes cores. Na lombada, observa-se títulos e autores inscritos, filetes horizontais e florão decorativo, bem como as iniciais “M.Y.M.”, o que indica uma preocupação com proteção física e padronização visual.

5.3.2 Marcas de uso

As marcas de uso podem ser entendidas como qualquer indício material ou informacional associado ao livro — presente no próprio exemplar e, em alguns casos, também em documentos externos relacionados a ele — que permita reconstituir sua procedência (ou seja, por onde circulou, quem o possuiu e em que contextos foi utilizado). Por essa razão, constituem evidências particularmente relevantes para a história do livro e para a história da leitura (Rodrigues; Vian, 2024, p. 183).

O Quadro 17 sistematiza as marcas de uso atribuídas a Mário Ypiranga Monteiro registradas no repositório digital da pesquisa, totalizando 15 itens. Para cada ocorrência, são apresentados o título do item no Omeka, descrição, a tipologia da marca de uso e a fonte (exemplar) na qual a evidência foi identificada.

Quadro 17: Marcas de uso atribuídas a Mário Ypiranga Monteiro no repositório digital

Título do item	Descrição (conforme item)	Tipologia da marca	Fonte (obra em que foi identificada)
Anotação "Maranhão Sobrinho..."	Anotação manuscrita a lápis na folha preliminar, com caráter de nota biográfica; letra atribuída a Mário Ypiranga. Transcrição: "Maranhão Sobrinho, nasceu na Barra // da Corda, Maranhão, a 25 de dezembro // de 1879..."	Anotação manuscrita	MARANHÃO SOBRINHO. <i>Victorias-Régias</i> . Manaus: Tip. a vapor da Livraria Comercial J. R. de Mello, 1911.
Anotação "Livro que sai emprestado..."	Anotação manuscrita a tinta azul em folha preliminar; letra atribuída a Mário Ypiranga. Transcrição: "Livro que sai emprestado // perde a asa e perde a perna... // M.Y.M."	Anotação manuscrita	JOBIM, Anísio. <i>A inte l lectualidade no extremo norte: contribuições para a Historia da Literatura no Amazonas</i> . Manaus: Livraria Clássica J.J. da Câmara, 1934.
Anotação "Herculano Marcos Inglês de Sousa..."	Anotação manuscrita a tinta azul em folha preliminar, com conteúdo biográfico; há complemento a lápis (possível momento posterior); letra atribuída a Mário Ypiranga. Transcrição: "Herculano Marcos Inglês de Sousa... nas. Óbidos em 1853..."	Anotação manuscrita	SOUZA, H. Inglês de. <i>Contos Amazônicos</i> . Rio de Janeiro: Laemmert, 1893.
Anotação "Este romance foi escrito..."	Anotação manuscrita a tinta azul em folha preliminar. Transcrição: "Este romance foi escrito // para esculhambar o Dr. // Alvaro Maia. // M. Y. Monteiro".	Anotação manuscrita	GALVÃO, Francisco. <i>Terra de ninguém: romance social do Amazonas</i> . Rio de Janeiro: Adersen Editores, [1934].

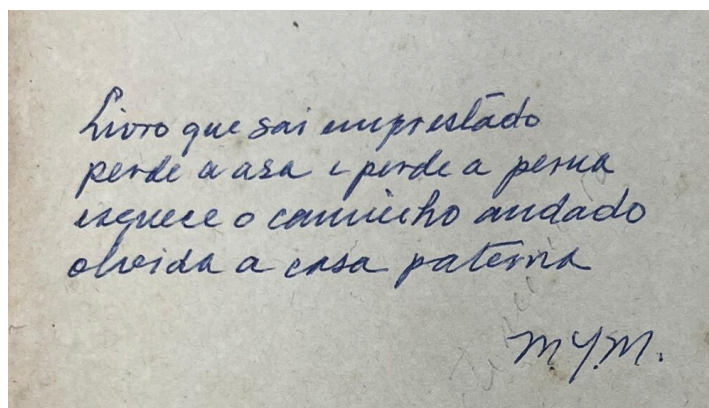
Anotação "Obra rara"	Anotação manuscrita a tinta preta; letra atribuída a Mário Ypiranga. Transcrição: "Obra rara // [rubrica de Mário Ypiranga]".	Anotação manuscrita	PINHEIRO, Aurelio. <i>Gleba tumultuaria: scenas e scenarios do Amazonas</i> . Manaus: Clássica, 1927.
Anotação "Th Sotero Vaz..."	Anotação manuscrita a lápis (nota biográfica sobre Thaumaturgo Sotero Vaz), atribuída a Mário Ypiranga, na margem superior da folha de título. Transcrição: "Th. Sotero Vaz – nasceu no Piauí, // a 30 de julho de 1869...".	Anotação manuscrita	VAZ, Thaumaturgo. <i>Cantigas</i> . Manaus: Tip. Universal, 1900.
Anotação "Raridade"	Anotação manuscrita a tinta na lateral esquerda da capa; letra atribuída a Mário Ypiranga. Transcrição: "Raridade // [Rubrica de Monteiro]".	Anotação manuscrita	GONDIM, Joaquim. <i>Folhas seccas: versos</i> . Manaus: Typ. de Aug. Reis, 1924.
Anotação "Nasceu no Rio G Norte..."	Anotação manuscrita (nota biográfica sobre o autor), atribuída a Mário Ypiranga, em tinta azul, com complemento a lápis. O texto registra dados biográficos de Francisco Pereira e o qualifica como precursor do modernismo no Amazonas.	Anotação manuscrita	PEREIRA, Francisco. <i>Poemas amazônicos</i> . Manaus: Augusto Reis, 1927.
Anotação "Lido"	Anotação manuscrita a lápis na folha de rosto; provável letra de Mário Ypiranga, indicando leitura. Transcrição: "Lido".	Anotação manuscrita	FLOREAL, Sylvio. <i>O Brasil trágico: impressões, visões e mysterios de Matto-Grosso</i> . São Paulo: EGR, 1928.
Anotação "Reg. protocolo nº 295..."	Anotação a tinta preta na parte superior da folha de rosto; letra atribuída a Mário Ypiranga; prática de controle do acervo. Transcrição: "Reg. protocolo nº295 (Folha 30)".	Anotação manuscrita	DANTAS, Leticio de Campos. <i>Rumo ao Cabaret: comedia em 3 actos</i> . Manaus: [s.n.], 1935.

Anotação "Est. 2..."	Anotação a tinta azul na última página. Transcrição: "Est. 2 // Fila E // Início". O item interpreta como indicação de localização na biblioteca particular (estante/prateleira).	Anotação manuscrita	RANGEL, Alberto. <i>Livro de figuras</i> . Tours: Typographia E. Arrault, 1921.
Ex-dono "Hemetério Cabrinha"	Registro manuscrito por Mário Ypiranga (tinta azul) informando posse anterior e oferta do exemplar. Transcrição: "Êste exemplar pertenceu ao poeta // Hemetério Cabrinha, que // mo ofertou // [Assinatura de Mário Ypiranga Monteiro]"	Ex-dono	CABRINHA, Hemetério. <i>Vereda iluminada: versos</i> . Manaus: Imprensa Pública, 1932.
Anotação "Capa Yayá Castro..."	Anotação a tinta azul em papel avulso colado na folha de guarda; nota atribuída a Mário Ypiranga. Transcrição: "Capa: // Yayá Castro. Preto de intelec- // tuais amazonenses à sur- // preendente artista".	Anotação manuscrita (documento avulso)	CASTRO, Yayá. <i>Preito de intellectuaes do Amazonas à surprehendente artista</i> . [Manaus]: [Typ. do Cá e Lá], [s.d.].
Etiqueta "557"	Etiqueta branca com numeração manuscrita a tinta azul ("557"), colada no canto inferior direito da folha de rosto; registrada como prática recorrente no acervo para fins de controle/registro do item.	Etiqueta	RANGEL, Alberto. <i>Inferno verde: scenas e scenarios do Amazonas</i> . Genova: S.A. I. Clichés Celluloide Bacigalupi, 1908.
Etiqueta de lombada "115"	Etiqueta aplicada no pé da lombada, com numeração manuscrita em tinta preta ("115"); descrita como recurso recorrente na biblioteca particular do titular para controle e recuperação.	Etiqueta	RIVERA, José Eustasio. <i>La voragine</i> . 5. ed. Nova York: Editorial Andes, 1928.

Fonte: A autora, 2026.

Na Figura 61, apresenta-se uma anotação manuscrita identificada na obra "A intellectualidade no extremo norte, escrita por Anísio Jobim e publicada em 1934.

Figura 61: Anotação “Livro que sai emprestado...”



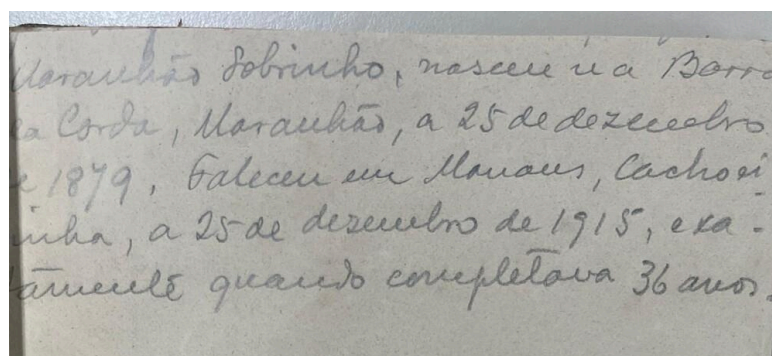
Fonte: A autora, 2026.

A anotação foi feita em folha preliminar do exemplar e possui a seguinte transcrição: “Livro que sai emprestado // perde a asa e perde a perna // esquece o caminho andado // olvida a casa paterna // M.Y.M.”.

Essa anotação não constitui um registro isolado pois observa-se no conjunto do acervo, que o mesmo enunciado aparece em outros exemplares, o que indica uma prática reiterada de Mário Ypiranga Monteiro ao lidar com o empréstimo de livros.

Observa-se uma prática recorrente que Monteiro habitualmente registrava nas folhas preliminares dos exemplares de sua biblioteca: breves notas biográficas sobre os autores das obras, conforme apresenta a Figura 62.

Figura 62: Anotação “Maranhão sobrinho nasceu...”



Fonte: A autora, 2026.

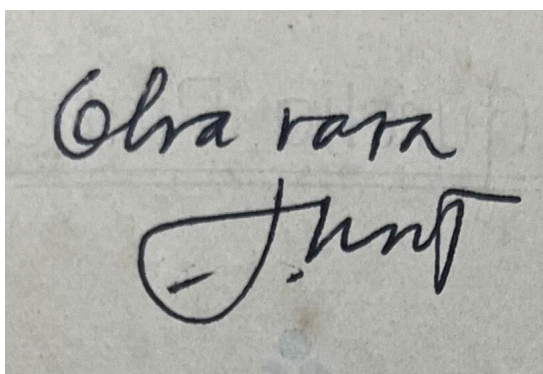
A nota biográfica da figura anterior foi realizada na obra “Victorias-régias”, do escritor Maranhão Sobrinho, publicada em Manaus, em 1911. A anotação, escrita a lápis, possui a seguinte transcrição: “Maranhão Sobrinho, nasceu na Barra // da Corda, Maranhão, a

25 de dezembro // de 1879. Faleceu em Manaus, Cachoei - // rinha, a 25 de dezembro de 1915, exa- // tamente quando completava 36 anos.

Esse tipo de inscrição pode ser entendido como uma prática de leitura e de estudo em que o proprietário contextualiza o autor diretamente no exemplar. No caso, a nota recupera elementos centrais da trajetória de Maranhão Sobrinho (José Américo Augusto Olímpio Cavalcanti dos Albuquerque Maranhão Sobrinho), escritor e jornalista, associado ao simbolismo e fundador da Academia Maranhense de Letras, nascido em Barra do Corda e falecido em Manaus em 1915 (AML, s.d.).

Outros exemplos de anotação manuscrita peculiar de Monteiro podem ser observados nas Figuras 63 e 64. A seguir, verifica-se uma inscrição na qual o proprietário registra, de modo breve e acompanhado de rubrica, uma informação avaliativa sobre o exemplar.

Figura 63: Anotação “Obra rara”

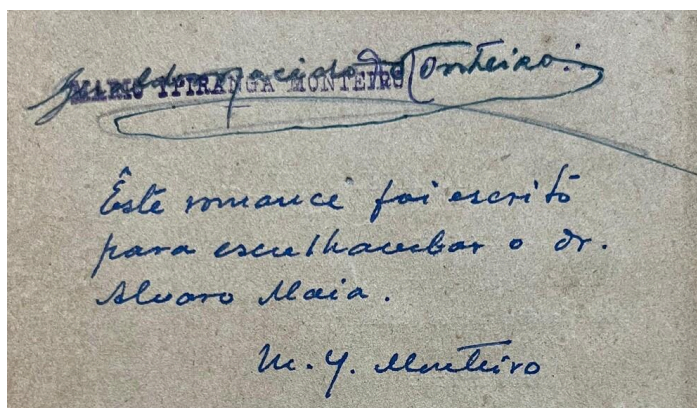


Fonte: A autora, 2026.

A anotação “Obra rara”, apresentada na figura anterior, constitui uma marca de uso com função informativa, registrada no próprio exemplar como um juízo de raridade, reforçada ainda pela rubrica. Essa evidência está associada ao exemplar de Aurelio Pinheiro na obra “Gleba tumultuaria: cenas e cenários do Amazonas”, publicada em Manaus em 1927. Aurélio Waldomiro Pinheiro (1882–1938) foi um médico, escritor e jornalista nascido no Rio Grande do Norte, construiu parte decisiva de sua trajetória no Amazonas, atuando no interior e na capital e foi um dos fundadores da Academia Amazonense de Letras.

Na Figura 64, observa-se uma anotação manuscrita registrada em folha preliminar do exemplar “Terra de ninguém”, do escritor Francisco Galvão, publicado no Rio de Janeiro em 1934.

Figura 64: Anotação “Êste romance foi escrito...”

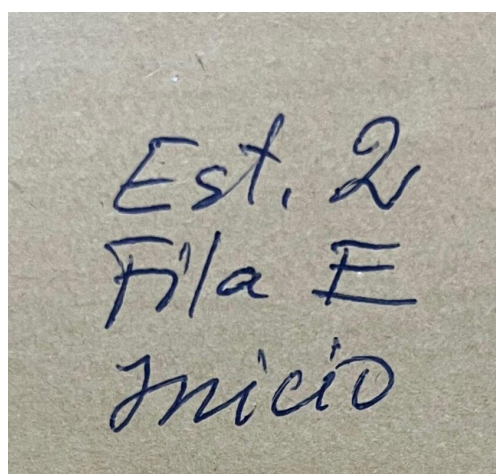


Fonte: A autora, 2026.

Verifica-se nessa anotação a seguinte transcrição: “Êste romance foi escrito // para esculhambar o Dr. // Alvaro Maia. // M. Y. Monteiro”. Mário Ypiranga explicita seu próprio entendimento acerca do texto e registra no exemplar uma leitura interpretativa e crítica. Esse comentário escrito propõe um enquadramento interpretativo que orienta a compreensão do conteúdo e do contexto evocado pelo enredo, articulando o romance a uma intenção satírica e a referências externas ao texto.

Além dessas marcas, identificam-se, na Biblioteca Mário Ypiranga, vestígios materiais das práticas de gestão e organização empreendidas pelo próprio Mário Ypiranga. Verificou-se marcas voltadas ao controle, localização e ordenamento dos exemplares, evidenciando um modo de administrar sua biblioteca pessoal, como se observa a seguir na Figura 65.

Figura 65: Anotação de localização do livro feita por Mário Ypiranga

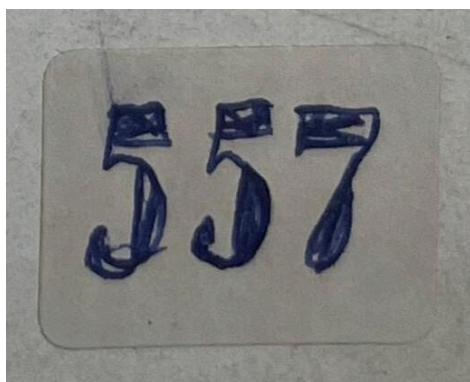


Fonte: A autora, 2026.

Observa-se na figura anterior uma anotação a tinta azul registrada na última página do exemplar, indicando uma referência interna de localização do volume em sua biblioteca particular, com a seguinte transcrição: “Est. 2 // Fila E // Início”. A anotação é interpretada como marca de arranjo físico (estante/prateleira), sugerindo que o exemplar estaria no “início da estante 2, na prateleira E”, o que explicita uma prática de organização e recuperação do acervo²⁶.

A Figura 66 apresenta uma etiqueta branca com numeração manuscrita “557” a tinta azul, colada no canto inferior direito da folha de rosto, outro exemplo associado a fins de controle do acervo (número de registro/tombo do item).

Figura 66: Etiqueta com número de registro de livro feita por Mário Ypiranga Monteiro

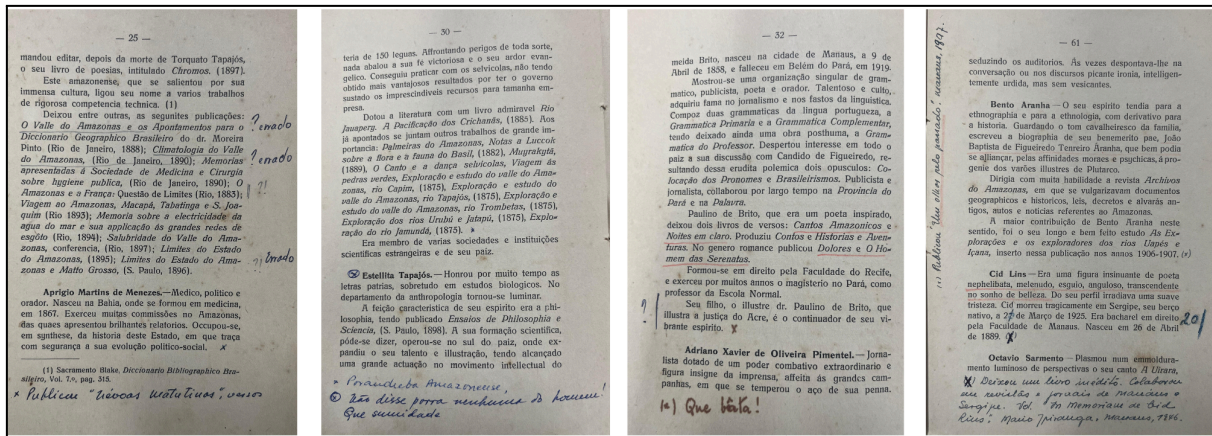


Fonte: A autora, 2026.

Além das marcas voltadas ao controle e à organização física da biblioteca, também se observam, no acervo pessoal de Mário Ypiranga Monteiro, marcas de uso diretamente relacionadas à leitura, como marginália, anotações, grifos e sublinhados, conforme observa-se na Figura 67.

²⁶ Essa prática de organização, já discutida no seção 3, pode ser exemplificada pela ficha catalográfica elaborada por Mário Ypiranga Monteiro, apresentada na Figura 15. Nela, observam-se tanto dados de identificação da obra (como autor e título) quanto indicações de localização no acervo, evidenciando um procedimento de registro que articulava descrição e controle físico dos exemplares, conforme ilustrado nas Figuras 65 e 66.

Figura 67: Anotações e marginais de Mário Ypiranga Monteiro



Fonte: A autora, 2026.

No exemplar “A intellectualidade no extremo norte”, do escritor Anísio Jobim, publicado em Manaus em 1934, a figura anterior exibe quatro páginas da obra que evidenciam uma leitura ativa, onde há passagens destacadas por sublinhado, comentários manuscritos nas margens e no rodapé com complementações biográficas, além de interrogações e apontamentos corretivos (indicações do tipo “errado”), sugerindo verificação, discordância ou dúvida diante de determinadas informações do texto.

A análise das marcas de propriedade e de uso atribuídas a Mário Ypiranga, especialmente aquelas em que o proprietário comenta, avalia ou contextualiza o texto por meio de anotações manuscritas, mostra que essas intervenções ultrapassam a dimensão material do exemplar e se convertem em indícios interpretativos sobre a trajetória do livro e sobre a relação do leitor com sua biblioteca.

As marcas de propriedade encontradas nas obras nos indicam quais caminhos foram trilhados por um livro, mostrando como se deu a formação do acervo, ou as origens de seus itens. Permitem, por exemplo, **revelar pensamentos, ideias de seus proprietários, por meio da apreciação das anotações manuscritas deixadas no exemplar**. É possível, ainda, em algumas circunstâncias, perceber nestes indícios, nuances da vida social e cultural de uma época (RODRIGUES; VIAN; TEIXEIRA, 2020, p. 10, grifo nosso).

Nessa perspectiva, compreende-se que as marcas registradas nas obras sinalizam pertencimento, bem como permitem reconstituir percursos de incorporação ao acervo e apreender aspectos do universo intelectual e do contexto histórico no qual esses volumes circularam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação partiu do entendimento de que as marcas de proveniência bibliográfica constituem evidências fundamentais para compreender a trajetória social dos exemplares e, simultaneamente, qualificar práticas técnicas de descrição, preservação, segurança e acesso em bibliotecas e instituições de memória. O recorte no Acervo Amazoniana da Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro permitiu demonstrar que a materialidade do livro não é um atributo secundário, mas um componente informacional que amplia o valor documental e sustenta leituras históricas sobre circulação, custódia e usos do impresso no contexto amazônico. Os resultados reforçam, ainda, que cada biblioteca, colecionador ou bibliófilo constitui um universo próprio de inscrições e práticas, o que torna as ocorrências de marcas heterogêneas, complexas e nem sempre fáceis de enquadrar em descrições simples ou excessivamente padronizadas.

Do ponto de vista metodológico, o levantamento por exame direto permitiu constituir um recorte empírico, delimitado a obras literárias publicadas até a década de 1930, resultando na identificação de 61 exemplares com ocorrência de marcas. A adoção de uma tipologia contemplando marcas de manufatura, de uso, de propriedade e de posse contribuiu para organizar o olhar analítico e favorecer a sistematização descritiva. Ao mesmo tempo, ressaltou-se a diversidade dessas ocorrências: um mesmo livro pode reunir múltiplas camadas de intervenção (institucionais, pessoais, comerciais e técnicas), demandando descrição cuidadosa, terminologia consistente e registro fotográfico capaz de preservar a inteligibilidade dos vestígios. Nesse cenário, a pesquisa de proveniência assume caráter investigativo e cumulativo, na medida em que a reconstituição de trajetórias depende de leitura atenta dos indícios e, muitas vezes, do cruzamento com fontes externas.

Como contribuição aplicada, destaca-se a construção de um repositório digital na plataforma Omeka, estruturado para registrar, organizar e disponibilizar as marcas identificadas, com modelagem descritiva baseada no *Dublin Core* e apoio terminológico em glossários especializados. A organização em coleções e o uso de pontos de acesso, como as *tags*, mostraram-se estratégicos para tornar a informação recuperável e navegável, aproximando o resultado do objetivo central do trabalho: transformar indícios materiais, muitas vezes dispersas e invisíveis nos catálogos tradicionais, em informação estruturada, consultável e reutilizável. O produto, portanto, não se limita a “exibir” marcas, mas como um

instrumento técnico de documentação, além de permitir como base para ações de educação patrimonial e difusão da memória bibliográfica amazônica.

No contexto mais amplo da ampliação do acesso à informação e da difusão de acervos na esfera digital, repositórios digitais estabelecem-se como instrumentos complementares de organização, descrição e disponibilização de conteúdos. Podem ser compreendidos como bases destinadas a reunir, curar, disseminar e preservar produção e/ou coleções em formato digital, frequentemente vinculadas a instituições, áreas temáticas ou conjuntos de dados. Funcionalmente, estruturam-se como um conjunto de serviços (submissão/depósito, aplicação de metadados, controle de acesso, mecanismos de descoberta, distribuição e preservação), sustentados por decisões institucionais e por políticas de longo prazo. Tais distinções são relevantes para situar o produto desta pesquisa: com a organização das marcas em ambiente digital, busca-se integrar descrição padronizada, recuperação da informação e registro durável, reduzindo barreiras geográficas e ampliando o alcance do acervo para pesquisadores e demais públicos interessados.

Nesse sentido, repositórios digitais temáticos configuram ambientes informacionais especializados, estruturados em torno de um recorte específico (tema, tipologia documental, comunidade ou finalidade), agregando valor ao possibilitar contextualização, padronização descritiva e buscas mais precisas.

As múltiplas dimensões das marcas de proveniência ganham particular relevo quando observadas na Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro. As marcas presentes nos exemplares da coleção amazoniana permitem reconstruir aspectos da história de formação da biblioteca pessoal do titular, identificar instituições detentoras de obras em diferentes momentos, reconhecer redes de interlocução intelectual e mapear a circulação de livros sobre a região entre agentes e lugares distintos. Ao mesmo tempo, tais marcas colaboram para reafirmar o acervo como patrimônio bibliográfico amazônico, oferecendo elementos para a construção de uma narrativa sobre sua constituição, transferência ao poder público e inserção em uma política de memória no âmbito do Estado do Amazonas.

Os resultados também reforçam implicações práticas para a gestão de coleções especiais. O registro de marcas de proveniência contribui para o controle e a salvaguarda patrimonial, fortalece rotinas de identificação e rastreabilidade, subsidia decisões de conservação e preservação e amplia o repertório descritivo disponível ao usuário e ao pesquisador. Contudo, salienta-se que a descrição de proveniência exige procedimentos padronizados e continuidade institucional: não se trata de atividade pontual, mas de uma linha

de trabalho que demanda política de descrição, diretrizes de captura de imagem, critérios de nomeação e armazenamento, revisão terminológica e mecanismos regulares de atualização do repositório. Esse esforço pressupõe, também, a qualificação de profissionais que atuam com acervos raros e especiais e acervos pessoais, com repertório que inclua história do livro, materialidade, práticas de leitura e organização da informação.

No cenário amazônico, o estudo destaca uma lacuna estrutural: a pesquisa de proveniência em bibliotecas e instituições de memória no Amazonas permanece, até o momento, pouco visível, com escassa documentação pública sobre iniciativas locais. Tal constatação reforça a relevância de pesquisas nessa temática bem como a necessidade de estímulo institucional para que profissionais e bibliotecários adotem um olhar de proveniência como dimensão constitutiva do tratamento de coleções. No contexto das bibliotecas públicas brasileiras, marcado por limitações de recursos financeiros, humanos e tecnológicos — o que restringe diretamente a capacidade de preservar, organizar e difundir o patrimônio bibliográfico sob sua guarda —, a Biblioteca Mário Ypiranga Monteiro insere-se nesse cenário, enfrentando atualmente condições que não correspondem à relevância histórica e cultural de seu acervo, o que pode impactar a continuidade das ações desenvolvidas.

Como estratégia de abertura e fortalecimento colaborativo, o repositório incorpora um canal de contato e um convite à contribuição externa, reconhecendo que a identificação de proprietários, instituições e trajetórias frequentemente depende de cruzamentos de fontes e de redes de pesquisa. Essa dinâmica favorece a atualização contínua, a inclusão de novos itens e o aprimoramento progressivo dos registros, ampliando o potencial do ambiente digital tanto como fonte de pesquisa quanto como instrumento técnico de gestão.

Entre as limitações do estudo, destacam-se o recorte temporal e tipológico do corpus, necessário para viabilizar a etapa empírica e a implementação do produto, e a própria natureza das marcas, que nem sempre permite reconstituir cadeias completas de proveniência. Algumas evidências são fragmentárias, ambíguas ou dependem do cruzamento com fontes externas (catálogos históricos, correspondências, registros institucionais, jornais, inventários e relatos biográficos) para interpretações mais robustas. Ressalta-se, ainda, que a sustentabilidade do repositório depende de estratégias de manutenção, padronização contínua e preservação digital, para que o produto permaneça acessível e confiável ao longo do tempo.

Como desdobramentos, pretende-se ampliar progressivamente o levantamento para outros segmentos do Acervo Amazoniana e, quando pertinente, para coleções correlatas; aprofundar o cruzamento de dados do repositório com fontes documentais e bibliográficas,

avanzando da descrição da marca para hipóteses mais densas sobre circulação e redes de leitura; investir em diretrizes institucionais para descrição de proveniência (incluindo vocabulário controlado e campos de notas no catálogo local), de modo a integrar o repositório às práticas correntes de catalogação; e explorar possibilidades de interoperabilidade e aprimoramento técnico, com exportação consistente de metadados, uso de identificadores, padronização de autoridades e estratégias de preservação e *backup*.

Por fim, entende-se que para que a pesquisa de proveniência deixe de ser uma iniciativa pontual e se consolide como dimensão estruturante do trabalho com acervos raros, especiais e pessoais, torna-se imprescindível investir em formação continuada de bibliotecários e equipes, com ênfase em história do livro, bibliografia material, preservação, descrição e metadados; rotinas mínimas de inventário e registro, compreendidas como ação de preservação e de gestão; instrumentos padronizados, porém sensíveis às especificidades do contexto local/regional; e redes de cooperação entre instituições de memória do Amazonas e de outras regiões, capazes de articular práticas, dados e expertises. Nesse horizonte, o trabalho não se limita à interpretação das marcas: ele delineia um percurso metodológico, aponta para uma lacuna no contexto regional e propõe uma estratégia de difusão, buscando contribuir para o debate já existente sobre o tema. Assim, configura-se como um ponto de partida — entre outros possíveis — para que novas pesquisas, especialmente no âmbito do Amazonas, reconheçam nos exemplares aquilo que, de fato, são: artefatos culturais portadores de biografias materiais.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA MARANHENSE DE LETRAS. *Maranhão Sobrinho*. São Luís, [s.d.]. Disponível em: https://www.academiamaranhense.org.br/inf_aml/maranhao-sobrinho-2/. Acesso em: 12 jan. 2026.

ALMEIDA, Adaísa. *Apresentação do Centro de Documentação e Memória da Amazônia*. Manaus: CDMAM, 2025. Apresentação em slides. Disponível em: https://www.academia.edu/127870463/2025_02_Apresenta%C3%A7%C3%A3o_do_Centro_de_Documenta%C3%A7%C3%A3o_e_Mem%C3%B3ria_da_Amaz%C3%B4nia. Acesso em: 5 dez. 2025.

ALMEIDA, Fátima Duarte de; PERUZZO, Tarcila. Atualizações dos estudos e práticas na catalogação de materiais bibliográficos raros e especiais: experiência da Seção de Obras Raras da Biblioteca de Manguinhos da Fiocruz. In: MARCAS de proveniência e a cultura material: ciclo de palestras. Rio de Janeiro: Unirio, outubro de 2020.

ALMEIDA, Thais Helena de; AMORIM, Nathália; FLAESCHEN, Jandira. Para pensar as marcas de propriedade das práticas biblioteconômicas como um critério de raridade. In: BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *Anais da Biblioteca Nacional*. vol 143, 2023. Rio de Janeiro, 2024. p. 39-52.

AMAZONAS. *Diário Oficial do Estado do Amazonas*. Manaus, 9 set. 2015.

AMAZONAS (Estado). *Lei nº 205, de 17 de maio de 1870*. 1870.

ANTONACCIO, Gaitano. *Mário Ypiranga Monteiro e Samuel Isaac Benchimol: duas águias no paraíso amazônico*. Manaus: Editora Rocha, 2000.

ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2008.

ARAUJO, Jullyana Monteiro Guimarães. A coleção especial como patrimônio bibliográfico no Brasil. *Memória e Informação*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 75-97, 30 dez. 2020. Disponível em: <https://memoriaeinformacao.casaruibarbosa.gov.br/index.php/fcrb/article/view/132>. Acesso em: 20 fev. 2025.

AULETE DIGITAL. *Dicionário Caldas Aulete*: dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/proveniencia>. Acesso em: 11 dez. 2025.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo de. Perspectivas e apontamentos sobre patrimônio bibliográfico e documental. In: LOSE, Alícia *et al.* (org.). *Paleografia e suas interfaces*. Salvador: Memória & Arte, 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/45073119/Perspectivas_e_apontamentos_sobre_Patrim%C3%B4nio_Bibliogr%C3%A1fico_e_Documental. Acesso em: 03 fev. 2025.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo; LOUREIRO, Maria Lucia Niemeyer Matheus. Afinal, os objetos falam? reflexões sobre objetos, coleções e memória. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 20., 2019. *Anais [...]* XX Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/123799>. Acesso em: 05 mai. 2025.

BEFFA, Maria Lucia; NAPOLEONE, Luciana Maria. Arqueologia das coleções bibliográficas: um exercício de identificação de bibliotecas como patrimônio cultural. *In: ENCUESTRO NACIONAL DE INSTITUCIONES CON FONDOS ANTIGUOS Y RAROS*, 4., 2017, Buenos Aires. *Anais [...]*. Buenos Aires: Biblioteca Nacional Mariano Moreno, 2017. Disponível em: <https://www.bn.gov.ar/resources/conferences/pdfs/32/10-Beffa%20y%20Napoleone%20ponencia.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2025.

BIBLIVRE. O programa. [s.d.]. Disponível em: <https://biblivre.org.br/index.php/sobre-biblivre/o-programa>. Acesso em: 29 dez. 2025.

BITTENCOURT, Agnello. *Dicionário amazonense de biografias: vultos do passado*. Rio de Janeiro: Conquista, 1973.

BRAGA, Genesino. *Nascença e vivência da Biblioteca do Amazonas*. Belém: Inpa, 1957.

BRAGA, Robério dos Santos Pereira. Palavra do presidente. *In: MONTEIRO, Mário Ypiranga. O município de Itacoatiara*. Manaus: Academia Amazonense de Letras, 2018.

BRAGA, Robério dos Santos Pereira. Palavra do presidente. *In: PINHEIRO, Aurélio. Gleba tumultuária: cenas e cenários do Amazonas*. Manaus: Reggo/Academia Amazonense de Letras, 2021.

BRAGA, Robério. *A importância do patrimônio histórico municipal*. Manaus: Imprensa Oficial, 1978.

CAMBRIDGE UNIVERSITY LIBRARY. *Marks of provenance*. 2021. Disponível em: <https://www.lib.cam.ac.uk/polonskygreek/markshome>. Acesso em: 12 dez. 2025.

CARDOSO, Antonio Alexandre Isidio. Entre aguadeiros e regatões: história social do Amazonas na obra de Mário Ypiranga Monteiro. *In: QUEIRÓS, César Augusto B. (org.) Historiografia amazonense em perspectiva*. Manaus: Valer, 2020.

CEDPHA. *Processo n. 001/84 - Solicitação de tombamento da Biblioteca Pública do Estado do Amazonas e Acervo*. Manaus, 1984.

CHAGAS, Mário de Souza. Em busca do documento perdido: a problemática da construção teórica na área da documentação. *Cadernos de Sociomuseologia*, [S.l.], n. 2, p. 29-47, 1994. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/534>. Acesso em: 20 fev. 2025.

CUNHA, Murilo Bastos da. *Para saber mais: fontes de informação em ciência e tecnologia*. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2016.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. *Dicionário de biblioteconomia e arquivologia*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2008.

DESAPARECEU, na voragem do fogo, a nossa Biblioteca. *Jornal do Commercio*, Manaus, 23 ago. 1945. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=170054_01&pagfis=148103&pasta=ano+194&pesq=. Acesso em: 2 mar. 2025.

DIAS, Edinea Mascarenhas. *A ilusão do fausto*: Manaus (1890–1920). Manaus: Editora Valer, 1999.

FALCÃO, Charles Maciel. Mário Ypiranga Monteiro e o Pensamento Social Brasileiro. *Revista Comunicação, Cultura e Sociedade*: Amazônia e o Cerrado: entre ecos, diálogos e deveres comunicacionais, Cuiabá, n. 8, v. 8, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ccs/article/view/3085?articlesBySimilarityPage=2>. Acesso em: 01 jul. 2025.

FALCÃO, Charles Maciel. *Mário Ypiranga Monteiro e os estudos de folclore no Amazonas*: itinerários científicos e políticos de um intelectual regional (1940–1950). Manaus: EDUA, 2015.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do livro*: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: Edusp, 2008.

FINÓ, J. Frédéric. *Elementos de bibliologia*. Rio de Janeiro: MTIC, 1955.

GARCÍA AGUILAR, Idalia. *Secretos del estante*: elementos para la descripción bibliográfica del libro antiguo. México: UNAM, 2011. Disponível em: https://ru.iibi.unam.mx/jspui/handle/IIBI_UNAM/L53. Acesso em: 04 mai, 2025.

GARCIA, Rodrigo M.; LOPEZ, Jeanne B.; KANO, Eliane. Identificação das marcas de proveniência no acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin / USP e suas contribuições para a ampliação dos critérios de raridade bibliográfica nacional: um estudo preliminar. In: BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *Anais da Biblioteca Nacional*. vol 143, 2023. Rio de Janeiro, 2024. p.29-306.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, [S.l.], v. 35, n. 3, p. 20-29, jun. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?lang=pt>. Acesso em: 27 dez. 2025.

GOMÉZ, Fermí, de los Reyes. La bibliografía material y su utilidad para el análisis de incunables e impresos antiguos. *Memória e Informação*, v. 4, n. 2, p. 27-50, jul./dez. 2020. <https://memoriaeinformacao.casaruiarbosa.gov.br/index.php/fcrb/article/view/129/86>. Acesso em: 02 fev. 2025.

GREENHALGH, Mariana Giubertti Guedes; JUVÊNCIO, Carlos Henrique. Coleções de memória regional: análise comparativa das coleções sobre Brasília. *Ciência da Informação em Revista*, v. 11, 2024, e16794. Disponível em: <https://periodicos.ufal.br/index.php/cir/article/view/16794>. Acesso em: 20 mar. 2025. DOI: 10.28998/cirev.2024v11e16794.

GREENHALGH, Raphael Diego. Homero Pires: o colecionismo bibliográfico e as marcas de proveniência. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 28, n. 1, p. 431-431, jan/mar. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245281.402-431>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/111605/64962>. Acesso em: 27 set. 2024.

GUIMARÃES, Lygia. Preservação de acervos culturais. In: SILVA, Maria Celina Soares de Mello e (org.). *Segurança de acervos culturais*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), 2012. *E-book*.

HEYMANN, Luciana Quinllet. *Estratégias de legitimação e institucionalização de patrimônios históricos e culturais: o lugar dos documentos*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2009. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/items/2cfa910d-2016-4fdf-9bac-23faa68427e8>. Acesso em 15 jan. 2025.

HEYMANN, Luciana Quinllet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso do Filinto Müller. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 41- 60, 1997. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2041/1180>. Acesso em: 22 abr. 2025.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Patrimônio material*. [S.l.], 2014. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/patrimonio-material>. Acesso em: 20 mar. 2025.

LEUNG, Colette. *The journey of books: rare books and manuscripts provenance metadata in a digital age*. 2016. Dissertação (Master of Arts in Humanities Computing and Master of Library and Information Studies) – University of Alberta, School of Library and Information Studies, Edmonton, Canadá, 2016. Disponível em: https://era.library.ualberta.ca/items/18ba165f9d13-4292-9bf7-7f9d75481c38/view/63eddce1-c458-45ac-9a23aff4b37ffa8f/Leung_Colette_201609_MA.MLIS.pdf. Acesso em: 15 dez. 2025.

LIVRARIA Academica. *O Correio do Norte*, Manaus, n. 991, 15 maio 1912.

LOSE, Alicia Duhá; SOUZA, Arivaldo Sacramento de. O manuscrito no impresso: conhecer paleografia para compreender as marcas de proveniência. *PontodeAcesso*, [S.l.] v. 16, n. 3, p. 284-305, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/52311>. Acesso em: 05 de out. 2025.

MANGUEL, Alberto. *A biblioteca à noite: uma elegia e dez digressões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MANGUEL, Alberto. *Encaixotando minha biblioteca: uma elegia e dez digressões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021a. *E-book*.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021b. (Companhia de Bolso). *E-book*.

MARCONDES, Carlos Henrique; SAYÃO, Luís Fernando. Integração e interoperabilidade no acesso a recursos informacionais eletrônicos em C&T: a proposta da Biblioteca Digital Brasileira. IN: SALES, Luana Farias; VIOLA, Carla Maria Martellote. *Informação digital e suas diversas abordagens pela ótica de um cientista da informação*. Rio de Janeiro: Ibict, 2021. Disponível em:

https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/1186/1/SALES_VIOLA_Informa%20digital%20e%20suas%20diversas%20abordagens%20pela%20%C3%B3tica%20de%20um%20cientista%20da%20informa%20%C3%A7%C3%A3o_2021_IBICT.pdf. Acesso em: 06 jan. 2026.

MEDEIROS, Ana Ligia. As bibliotecas na antiguidade. *Memória e Informação*, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2019. v. 3, n. 2, p. 69-85, jul./dez. Disponível em: <https://memoriaeinformacao.casaruibarbosa.gov.br/index.php/fcrb/article/view/90>. Acesso em: 15 mar. 2025.

MENDONÇA, Roberto. Livraria Acadêmica (1912–2009). *Catador de papéis*, 10 out. 2010. Disponível em: <https://catadordepapeis.blogspot.com/2010/10/livraria-academica-1912-2009.html>. Acesso em: 11 jan. 2026.

MÉRIAN, Jean-Yves. A Belle Époque francesa e seus reflexos no Brasil. In: PINHEIRO, Luís da Cunha; RODRIGUES, Maria Manuel Marques. *A Belle Époque Brasileira*. Lisboa: Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Naylor-Vilas-Boas/publication/348198895_Da_Abertura_da_Avenida_Central_a_Derrubada_do_Morro_do_Castelo_Transformacoes_Urbanas_na_Belle_Epoque_Carioca/links/5ff36b1f299b140886ff84c/Da-Abertura-da-Avenida-Central-a-Derrubada-do-Morro-do-Castelo-Transformacoes-Urbanas-na-Belle-Epoque-Carioca.pdf#page=139. Acesso em: 22 de mar. de 2025.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. *Conservação do patrimônio histórico, artístico e paisagístico do Amazonas*. Manaus, [1974].

MONTEIRO, Mário Ypiranga. *Curriculum vitae*. Manaus, 1988.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. *Roteiro histórico de Manaus*. Manaus: Edua, 1998. v. 1.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. *Roteiro histórico de Manaus*. Manaus: Edua, 1998. v. 2.

MONTEIRO, Marita Socorro. Mário Ypiranga Monteiro, meu pai. *Somalu: Revista de Estudos Amazônicos*, Manaus, ano 5, n. 2, 2005.

NAMER, Gérard. Les institutions de mémoire culturelle. In : NAMER, Gérard. *Mémoire Société*. Paris: Méridiens Klincksieck, 1987. Tradução de Aline Drummond. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/802232269/Gerard-Namer-As-Instituicoes-Culturais-de-Memoria-docx?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 12 de fev. de 2025.

NAMER, Gerard. *Mémoire et société*. Paris: Méridiens Klincksieck, 1987.

NAPOLEONE, Luciana Maria; BEFFA, Maria Lúcia. Livros e bibliotecas como patrimônio cultural. *PontodeAcesso*, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 621–653, 2022. DOI: 10.9771/rpa.v16i3.52327. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/52327>. Acesso em: 23 jun. 2025.

NORA, Pierre (org.). *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1993.

OLIVEIRA, Rita Barbosa de. *Mário Ypiranga Monteiro, intérprete da Amazônia*. (Discurso). Manaus: UFAM, 2013. Disponível em: <https://antigo.ufam.edu.br/attachments/article/954/Mario%20Ypiranga%20Monteiro.pdf>. Acesso em 11 out. 2025.

OSTDICK, Nick. Important elements of provenance in rare book collecting. In: BOOKS tell you why. Mount Pleasant: [s.n.], 2017. Disponível em: <https://blog.bookstellyouwhy.com/important-elements-of-provenance-in-rare-book-collecting>. Acesso em: 15 dez. 2025.

OXFORD ENGLISH DICTIONARY. *Provenance*. 2007. Disponível em: https://www.oed.com/dictionary/provenance_n?tab=factsheet#27991268. Acesso em: 12 dez. 2025.

PAIVA, Marco Aurélio Coelho de. Entre o branco e o negro: política e cultura no início da trajetória intelectual de Mário Ypiranga Monteiro. *Somalu: Revista de Estudos Amazônicos*, Manaus, v. 6, n. 2, 2006.

PALMA PEÑA, Juan Miguel. El patrimonio cultural, bibliográfico y documental de la humanidad: revisiones conceptuales, legislativas e informativas para una educación sobre patrimonio. *Cuicuilco*, México, v. 20, n. 58, p. 31-58, sep./dic. 2013. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-16592013000300003. Acesso em: 03 out. 2024.

PALMA PEÑA, Juan Miguel. La socialización del patrimonio bibliográfico y documental de la humanidad desde la perspectiva de los derechos culturales. *Revista General de Información y Documentación*, v. 21, p. 291-312, 2011. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/38822662.pdf>. Acesso em: 03 out. 2024.

PEARSON, David. *Provenance research in book history: a handbook*. 2. ed. Oxford: Bodleian Library Publishing; New Castle, DE: Oak Knoll Press, 2019.

PEÇAS indígenas e 20 mil livros no acervo. *A Crítica*, Manaus, Caderno Cidade, p. 6, 11 mar. 1988.

PINHEIRO, Ana Virgínia. História, memória e patrimônio: convergências para o futuro dos acervos especiais. In: VIEIRA, Brunno V. G.; ALVES, Ana Paula Menezes (Orgs.). *Acervos especiais: memórias e diálogos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

PINHEIRO, Ana Virgínia. Livro raro: antecedentes, propósitos e definições. In: SILVA, H. C.; BARROS, M. H. T. C. (Org.). *Ciência da informação: múltiplos diálogos*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. *E-book*. Disponível em: https://ebooks.marilia.unesp.br/index.php/lab_editorial/catalog/book/10. Acesso em: 03 fev. 2025.

PINHEIRO, Andréa de Souza; VON HELDE, Rosângela Rocha; PEREIRA, Sílvia Fernandes. *Glossário ilustrado de livros raros e acervos de memória*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2023. Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/Livros_eletronicos/bndigital2607/bndigital2607.pdf. Acesso em: 9 jan. 2026.

POULAIN, Martine. De mémoire de livres: des livres spoliés durant la Seconde Guerre mondiale déposés dans les bibliothèques: une histoire à connaître et à honorer. *Bulletin des bibliothèques de France*, Paris, n. 4, janvier 2015. Disponível em: <https://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-2015-04-0176-001>. Acesso em: 15 dez. 2025.

RAMPAZZO, Lino. *Metodologia científica: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação*. São Paulo: Loyola, 2013

REIS, Carlos. Alberto Manguel: entrevista. *Revista de Estudos Literários*, Coimbra, v. 12, p. 327-330, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.14195/2183-847X_12_14. Acesso em: 02 de abr. de 2025.

RODRIGUES, Marcia Carvalho *et al.* Proveniência e biblioteconomia: relato da pesquisa para a elaboração do glossário ilustrado de marcas de proveniência. In: FREITAS, Thiago Cirne (Org.). *Grupo de discussão em coleções especiais jurídicas: debates para o futuro do patrimônio bibliográfico no direito*. Rio de Janeiro: GIDJ/RJ, 2022. *E-book*. Disponível em: https://www.gidjrj.com.br/wp-content/uploads/2022/07/113628_84411.pdf. Acesso em: 16 nov. 2025.

RODRIGUES, Marcia Carvalho; VIAN, Alissa Esperon. *Glossário de marcas de proveniência*. Rio Grande, RS: Ed. da FURG, 2024. *E-book*.

RODRIGUES, Márcia Carvalho; VIAN, Alissa Esperon. *Glossário de marcas de proveniência*. Rio Grande, RS: UFRGS: Thesa, 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/tesauros/index.php/thesa/terms/336>. Acesso em: 03 nov. 2025.

RODRIGUES, Márcia Carvalho; VIAN, Alissa Esperon; SILVA, Mariana Briesse da; RODRIGUES, Luise de Oliveira; REBELO, Andressa Eloany Brito. Procedência e Biblioteconomia: relação da pesquisa elaborado para a elaboração do Glossário Ilustrado de Marcas de Proveniência. In: FREITAS, Thiago Cirne (org.). *Grupo de discussão sobre assuntos jurídicos: debates para o futuro do patrimônio bibliográfico no Direito*. Rio de Janeiro: GIDJ/RJ, 2022. p. 179-233. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/361823277_PROVENIENCIA_E_BIBLIOTECON

OMIA_relato_da_pesquisa_realizada_para_a_elaboracao_do_Glossario_Ilustrado_de_Marcas_de_Proveniencia. Acesso em: 08 out. 2025.

RODRIGUES, Marcia Carvalho; VIAN, Alissa Esperon; TEIXEIRA, Heytor Diniz. Marcas de procedência: contribuições para o estudo do livro raro. *Encontros Bibli*, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 1-20, fev. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2019.e65498>. Acesso em: 12 jan. 2026.

RODRIGUES, Maria Carvalho. Patrimônio documental nacional: conceitos e definições. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, v. 14, n. 1, p. 110-125, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8641846/0>. Acesso em: 03 out. 2025.

SANTA ANNA, Jorge. Estudo das fontes de informação: aplicações em acervos documentários. *Ciencias de la Información*, v. 50, n. 1, p. 14–23, jan.-abr. 2019. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/Cienciasdelainformacion/2019/vol50/no1/3.pdf> Acesso em: 18/12/2025.

SANTANA, Dione. Mario Ypiranga: Amazonense de corpo e alma há quase um século. *A Crítica*, Manaus, 23 jan. 2003. Caderno Cidades, p. 5.

SANTOS, Paulo Roberto Elian dos; NÓBREGA, Bárbara Michelle de Melo; AMARAL, Karolyne Sousa. Entre arquivos e bibliotecas: considerações sobre a abordagem de acervos pessoais. In: CERVEIRA, Elisa; DUARTE, Zeny (org.). *Integração e convergência das instituições de informação e cultura*. Porto: CITCEM, 2024. p. 155–172. Disponível em: <https://doi.org/10.21747/978-989-8970-70-1/int>. Acesso em: 06 abr. de 2025.

SHINTAKU, Milton; GOMES, Rafael Fernandez; BRITO, Ronnie Fagundes de; RODRIGUES, Lucas; PEREIRA, Vinícius Carvalho; SCHIMIDT, Keicielle. *Guia do usuário Omeka*. Brasília: Ibict, 2018. *E-book*.

SILVA, Aline Gonçalves da. As marcas de proveniência, o conteúdo temático e os processos históricos como componentes da delimitação de critérios de raridade bibliográfica. In: BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *Anais da Biblioteca Nacional*. vol 143, 2023. Rio de Janeiro, 2024. p. 11-26.

SILVA, André Fabrício da; PORPORA, Bruno Couto. O objeto de museu como um documento. *Mouseion*, Canoas, n. 39, nov. 2021. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/view/8600> Acesso em 04 mai de 2025.

SILVA, Osiris. *Gymnasianos*. Manaus: Editora Cultural da Amazônia, 2011.

SILVEIRA, Clarissa Afonso da; RAMOS, Susiele Alves. Marcas de proveniência: critério de raridade e fonte histórica sobre a Ordem dos Capuchinhos no RS. In: BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *Anais da Biblioteca Nacional*. vol 143, 2023. Rio de Janeiro, 2024. p. 87-106.

SOUZA, Márcio. *História da Amazônia*. Manaus: Valer, 2009.

VIAN, Alissa Esperon. Proveniência na história: fontes históricas, da teoria à prática. *Oficina do Historiador*, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 1-14, 2022. DOI: 10.15448/2178-3748.2022.1.42491. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/oficinadohistoriador/article/view/42491>. Acesso em: 02 jan. 2026.

VIAN, Alissa Esperon; RODRIGUES, Márcia. *Marcas de proveniência bibliográfica: um estudo sobre ex-libris*. Rio Grande, RS: FURG, 2020. *E-book*. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/handle/1/9360>. Acesso em: 02 jan. 2026.

WALDVOGEL, Luiz. *A fascinante história do livro*. São Paulo: União Cultural, 1952.

WEITZEL, Simone da Rocha. O papel dos repositórios institucionais e temáticos na estrutura da produção científica. *Em Questão*, v. 12, n. 1, p. 51-71, 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/19/7>. Acesso em: 06 jan. 2026.

WERNECK, Alexandra; ACHILLES, Daniele; AZEVEDO, Fabiano Cataldo de. Patrimônio bibliográfico brasileiro: um estudo sobre o acervo da biblioteca do Arquivo Nacional. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, Florianópolis, v. 25, n. Especial, p. 01–18, 2020. DOI: 10.5007/1518-2924.2020.e73903. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/73903>. Acesso em: 3 mar. 2025.

APÊNDICE A

LIVROS DA COLEÇÃO AMAZONIANA DA BIBLIOTECA MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO (ACERVO DE LITERATURA ATÉ O FINAL DA DÉCADA DE 1930)

- Autor:**TAPAJÓS, Torquato
Título:Nuvens medrosas
Imprensa:[S.l.] [s.n.] 1874
Descrição física:179 p
Notas: Marcas de Proveniência: anotações; carimbo de encadernação; recorte de jornal colado no verso da folha de rosto; possível assinatura de antigo proprietário; notas de leitura de Mário Ypiranga.
- Autor:**JOBIM, Anísio
Título:A intelectualidade no extremo norte: contribuições para história da literatura no Amazonas
Imprensa:Manaus: Livraria Clássica J.J. da Camara, 1934
Descrição física:170 p
Notas:Marcas de Proveniência: anotações a caneta e a lápis e notas de leitura de Mário Ypiranga
- Autor:**YÁYÁ, Castro
Título:Preito de intelectuaes do Amazonas à surpreendente artista
Imprensa:Manaus: Typografia da Cá e Lá, [190-?]
Descrição física:90 p. il.
Notas: Marcas de Proveniência: anotação a caneta feita por Mário Ypiranga em um papel colado junto à capa, com informações do título e autor da obra.
- Autor:**RIVERA, José Eustasio
Título:La voragine
Edição:5 ed.
Imprensa:Nova York: Editorial Andes, 1928
Descrição física:368 p.
Notas: Marcas de Proveniência: etiqueta de localização na lombada com numeral (provavelmente colocado por Mário Ypiranga), carimbos na folha de rosto; anotação de número à lápis, marca de possível objeto oxidado com o tempo que foi colocado ao centro entre páginas 20 e 21
- Autor:**RIVERA, José Eustasio
Título:La voragine
Edição:9 ed.
Imprensa:Buenos Aires: Biblioteca Universal, 1931
Descrição física:318 p
Notas: Marcas de Proveniência: etiqueta de livreria, carimbo de encadernação, anotação à lápis na falsa folha de rosto
- Título:**Equador
Imprensa:Manaus: Papelaria Velho Lino, 1929
Descrição física:200 p
Série:(Panorama literario do norte de hoje ; v.1)
Notas: Marcas de Proveniência: anotações a lápis e caneta (provável escrita ferrogálica com ex-dono), carimbo de livreria, 2 carimbos pessoais de Mário Ypiranga
- Autor:**OLYMPIO, Julio
Título:Poesias
Imprensa:Ceará: Typ. Minerva, de Assis Bezerra, 1911
Descrição física:117 p
Notas: Marcas de Proveniência: anotações à lápis, assinatura ex-dono de Francisco Monteiro (pai de Mário Ypiranga), carimbo de Mário Ypiranga

- Autor:**GAVINHO, Elias
Título:Ancias
Imprenta:Manaus: Lino Aguiar e Irmão, 1913
Descrição física:101 p
Notas:Marcas de Proveniência: anotações, carimbo de Mário Ypiranga
- Autor:**FIGUEIREDO, Heitor de
Título:Nevoeiros: sonetos
Imprenta:Manaus: Typografia Cá e Lá, 1918
Descrição física:32 p.
Notas:Marcas de Proveniência: anotação (possível assinatura feita à lápis de sobrenome Miranda Leão com data de 1939)
- Autor:**MARANHÃO, Sobrinho
Título:Papeis velhos
Imprenta:Maranhão: Typografia Frias, 1908
Descrição física:197 p
Notas:Marcas de Proveniência: Carimbo de livraria (Casa Laulétta), contém 2 dedicatórias (uma dedicada ao Mário Ypiranga)
- Autor:**CABRINHA, Hemetério
Título:Vereda iluminada: versos
Imprenta:Manaus: Oficinas da Imprensa Pública, 1932
Descrição física:176 p
Notas:Marcas de Proveniência: anotações, possível assinatura do autor na última folha, carimbo de Mário Ypiranga
- Autor:**PEREIRA, Francisco
Título:Poemas amazônicos
Imprenta:Manaus: Augusto Reis, 1927
Descrição física:175 p
Notas:Marcas de Proveniência: anotações à lápis e caneta, nota com informações do autor feita por Mário Ypiranga na folha de rosto; carimbo de Mário Ypiranga
- Autor:**PEREIRA, Altair
Título:Nelumbos: versos, 1919 - 1920
Imprenta:Manaus: Tipografia do Cá e Lá, 1920
Descrição física:55 p
Notas:Marcas de Proveniência: Dedicatória do autor ao Paulo Eleutherio em 1921; carimbo de Mário Ypiranga.
- Autor:**RANGEL, Alberto
Título:Inferno verde: cenas e escenarios do Amazonas
Imprenta:Genova: S.A. I. Clichés Celluloide Bacigalupi, 1908
Descrição física:343 p il.
Notas:Prefácio de Euclides da Cunha
Marcas de Proveniência: Anotações e assinatura de Francisco Monteiro; contém 2 carimbos de Mário Ypiranga; etiqueta de encadernação (Moderna); encadernação marmorizada com lombada de tecido com iniciais M.Y.M (super libris)
- Autor:**VERIDIANO, Heitor
Título:Elles!...
Imprenta:Manaus: Imprensa Pública, 1919
Descrição física:68 p
faltam páginas
Notas:Marcas de Proveniência: Anotações à lápis; carimbo de Mário Ypiranga em cima de corretivo branco na capa e folha de rosto; possível assinatura na capa feita com tinta ferrogálica; vestígio de etiqueta que foi retirada da lombada

Autor:VAZ, Thaumaturgo

Título:Cantigas

Imprenta:Manaus: Livraria e Typographia Universal, 1900

Descrição física:68 p

Marcas de Proveniência: Anotações à lápis e caneta, assinatura de Mário Ypiranga na folha de

Notas:rosto; nota de Mário Ypiranga com informações do autor; carimbo de Mário Ypiranga; dedicatória feito em papel pautado colado na terceira folha com assinatura do autor datado em 19/09/1920.

Autor:GODIM, Joaquim

Título:Folhas seccas: versos

Imprenta:Manaus: Typ. de Aug. Reis, 1924

Descrição física:66 p il.

Marcas de Proveniência: Anotações à lápis e caneta, assinaturas e rubricas; possível assinatura de Alberto de Castro na última folha com tinta ferrogálica; dedicatória do autor na falsa folha de rosto

Notas:ao Alberto de Castro; carimbo de Mário Ypiranga; carimbo de outra biblioteca com um corretivo branco em cima; anotação à caneta feita em papel pautado e colado na folha de rosto; dedicatória na folha de rosto ao Mário Ypiranga; marcas de leitura; desenho colorido feito na página 7; figuras de passarinhos e título que foram pintados

Autor:Maranhão Sobrinho

Título:Victorias-Regias

Imprenta:Manaus: Typographia a Vapor da Livraria Commercial J. R. de Mello, 1911

Descrição física:160 p.

Marcas de Proveniência: Anotações à lápis e caneta; carimbo de Mário Ypiranga; carimbo de outra

Notas:biblioteca com assinatura do Mário Ypiranga em cima; informações que foram apagadas com corretivo na falsa folha de rosto ; encadernação marmorizada com lombada de tecido com iniciais M.Y.M (super libris), nota de Mário

Autor:SARMENTO, Paulo

Título:Clarins de ouro: teatro

Imprenta:Manaus: Escola de Aprendizes Artífices, 1936

Descrição física:88 p

Notas:Marcas de Proveniência: Carimbo de Mário Ypiranga; dedicatória do autor ao Othelo

Autor:BASTOS, Abguar

Título:Certos caminhos do mundo: romance do Acre

Imprenta:Rio de Janeiro: Hersen, [1937?]

Descrição física:251 p

Marcas de Proveniência: Anotações à lápis e caneta; carimbo de Mário Ypiranga; notas e marcas de

Notas:leitura; comprovante de compra colado no verso da capa; assinatura com data na folha de rosto; foi encontrada uma foto 3x4 preto e branca de um homem no meio do livro.

Autor:CARVALHO, Ilná Pontes de

Título:Terra: amante do Equador

Imprenta:Papelaria e Tipografia Coelho: Rio de Janeiro, 1931

Descrição física:88 p

Notas:Marcas de Proveniência: Anotações à lápis e caneta; carimbo de Mário Ypiranga; marcas de leitura; dedicatória datada em 1936 e assinatura de Mário Ypiranga na falsa folha de rosto

Autor:CUNHA, Quintino

Título:Pelo Solimões: versos norte-brasileiros

Imprenta:Paris: Livraria Aillaud, [1907]

Descrição física:327 p

Marcas de Proveniência: Encadernação marmorizada com as iniciais de M.Y.M na lombada; etiqueta de encadernação colada no canto superior da capa; provável assinatura do autor com tinta ferrogálica

Notas:abaixo de sua foto no verso da primeira folha; contém 2 dedicatórias na folha de rosto; anotações à lápis e caneta; contém 2 carimbos de Mário Ypiranga

Autor:SOBRINHO, Barretto
Título:Orchestra selvagem
Imprenta:Manaus: Typ. Popular, 1929
Notas:Marcas de Proveniência: Anotações à lápis e caneta; marcas de leitura, marca d'água em 9 folhas; carimbo de Mário Ypiranga; dedicatória do autor datado em 1930.

Autor:GALVÃO, Francisco
Título:Terra de ninguém: romance social do Amazonas
Imprenta:Rio de Janeiro: Adersen, [1934]
Notas:Marcas de Proveniência: Anotações à lápis e caneta; nota de MY na falsa folha de rosto sobre o autormarcas de leitura; carimbo da Livraria Acadêmica; carimbos de Mário Ypiranga; carimbo e provável assinatura de Geraldo Pinheiro na folha de rosto.

Autor:ERRECÊPÊ (RCP)
Título:Janairi
Imprenta:Belém: Instituto Lauro Sodré 1937
Descrição física:52 p
Notas:Marcas de Proveniência: Anotações à lápis; carimbo de MY; carimbo de provável "Mário Verbicaro"

Autor:LOBATO, Manuel
Título:Bodas de ouro
Imprenta:Manaus: Freitas & Cia, 1909
Descrição física:137 p
Notas:Marcas de Proveniência: Anotações à lápis e caneta; assinatura não identificada na folha de rosto; carimbo de MY

Autor:CHEVALIER, Ramayana de
Título:No circo sem teto da Amazonia: o drama social dos seringais
Imprenta:Rio de Janeiro: Moderna
Descrição física:221 p
Notas:Marcas de Proveniência: Anotações à lápis e caneta; carimbo de MY; dedicatória do autor; encadernado

Autor:CHEVALIER, Ramayana de
Título:No circo sem teto da Amazônia.: o drama social dos seringais
Imprenta:Rio de Janeiro: Moderna, [s.d.]
Descrição física:221 p.
Notas:Marcas de Proveniência: Anotações à lápis e caneta; carimbo de MY; dedicatória do autor ao Alvaro Maia; assinatura de MY; carimbo de propriedade não identificado.

Autor:CHEVALIER, Ramayana de
Título:No circo sem teto da Amazônia: o drama social dos seringais
Imprenta:Rio de Janeiro: Moderna, [s.d.]
Descrição física:221 p.
Notas:Marcas de Proveniência: Anotação à caneta; etiqueta da Livraria Brasileira colada na primeira folha; carimbo de MY; encadernado e papel marmorizado.

Autor:CASTRO, Ferreira de
Título:A selva: romance
Imprenta:Porto: Civilização, [1930]
Descrição física:333 p
Notas:Marcas de Proveniência: Anotações à lápis e caneta; carimbo de MY; carimbo da Livraria Acadêmica

Autor:CASTRO, Ferreira de
Título:A selva: romance
Imprenta:Porto: Civilização, 1930
Descrição física:\\333 p
Notas:Marcas de Proveniência: Carimbo de MY; carimbo da Livraria Acadêmica-Agência de

Revistas

- Autor:**BASTOS, Abguar
Título:Certos caminhos do mundo (romance) romance do Acre
Imprensa:Rio de Janeiro: Hersen, [1937?]
Descrição física:251 p
Notas: Marcas de Proveniência: Carimbo de MY; carimbo da Livraria Econômica; etiqueta da Livraria Brasileira; encadernação com super libris na lombada com iniciais de F.L.
- Autor:**BASTOS, Abguar
Título:Safra: romance
Imprensa:Rio de Janeiro: José Olympio, 1937
Descrição física:284 p
Notas: Marcas de Proveniência: Anotação à caneta; Carimbo de MY; etiqueta da Livraria Brasileira; encadernação com super libris na lombada com iniciais de F.L.
- Autor:**BASTOS, Abguar
Título:Terra de Icamiba: romance da amazonia
Edição:2. ed
Imprensa:Rio de Janeiro: Adersen, 1934
Descrição física:185 p.
Notas: Marcas de Proveniência: Anotação à caneta; Carimbo de MY; etiqueta da Livraria Brasileira; encadernação com super libris na lombada com iniciais de F.L.
- Autor:**AZEVEDO, Raul de
Título:Amigos e amigas
Imprensa:Manaus: Typ. da Liv. Palais Royal, 1920
Descrição física:122 p
Notas:Marcas de Proveniência: Anotações à lápis; carimbo de MY;
- Autor:**MORAES, Pericles
Título:Figuras e sensações
Imprensa:Porto: Livraria Chardon, 1923
Descrição física:298 p
Notas: Marcas de Proveniência: Anotações à lápis e caneta; carimbo de MY; carimbo da Livraria Acadêmica; possível assinatura com nome de "Raul" no canto superior esquerdo da página 11.
- Autor:**FLOREAL, Sylvio
Título:O Brasil trágico: Impressões, visões e mysticos de Mato Grosso
Imprensa:São Paulo: EGR, [1928]
Descrição física:282 p il.
Notas: Marcas de Proveniência: Anotações à lápis e caneta; marcas de leitura; carimbo de MY; carimbo da Livraria Escolar
- Autor:**PEREGRINO JUNIOR
Título:Histórias da Amazônia: contos
Imprensa:Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1936
Descrição física:289 p
Notas: Marcas de Proveniência: Anotações à lápis e caneta; marcas de leitura; carimbo de MY; carimbo da Livraria Acadêmica
- Autor:**VASCONCELOS, Carlos de
Título:Deserdados: romance da Amazônia
Edição:2 ed.
Imprensa:Rio de Janeiro: Livraria Leite Ribeiro, 1922
Descrição física:316 p.
Notas: Marcas de Proveniência: Anotações à caneta; carimbo de MY; carimbo da Livraria Acadêmica; assinatura de MY

- Autor:**ORICO, Oswaldo
Título:O demonio da rejencia
Imprenta:São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1930
Descrição física:206 p.
Notas: Marcas de Proveniência: Anotações à caneta; carimbo de MY; dedicatória do autor ao Alvaro Maia
- Autor:**SOUZA, H. Inglez de
Título:O missionario
Edição:2 ed.
Imprenta:Rio de Janeiro: Laemmert & Cia. 1899
Descrição física:378 p
Notas: Marcas de Proveniência: Anotações à lápis e caneta; carimbo de MY; carimbo; carimbo de posse de "Pires Ribeiro"; comprovante de compra feita por MY colado na primeira folha; ex-libris de Nelson Ribeiro colado no verso da capa; encadernação com papel marmorizado com super libris com iniciais na lombada de P.R.
- Autor:**SOUZA, H. Inglez de
Título:Contos amazônicos
Imprenta:Rio de Janeiro: Laemmert, 1893
Descrição física:264 p.
Notas: Marcas de Proveniência: Anotações à lápis e caneta; marcas de leitura; nota de MY sobre o autor; carimbos de MY; carimbo da Livraria Clássica; etiqueta com numeral colada na primeira folha
- Autor:**PINHEIRO, Aurelio
Título:Gleba tumultuaria: scenarios e Scenarios do amazonas
Imprenta:Manaus: Livraria Classica, 1927
Descrição física:269 p.
Notas: Marcas de Proveniência: Anotações à lápis e caneta; marcas de leitura; carimbos de MY; comprovante de compra feita por MY colada na primeira folha.
- Autor:**PINHEIRO, Aurélio
Título:Em busca do Ouro
Imprenta:Rio de Janeiro: A Noite, 1938
Descrição física:257 p.
Notas: Marcas de Proveniência: Anotações à lápis e caneta; marcas de leitura; carimbos de MY; nota de MY sobre o título do livro n folha de rosto.
- Autor:**PESSOA, Pinto
Título:Selva selvagem no país das Amazonas
Imprenta:Rio de Janeiro: O Norte, 1923
Descrição física:317 p
Notas: Marcas de Proveniência: Anotações à lápis; carimbo de MY; carimbo da Livraria Acadêmica; encadernação com papel marmorizado
- Autor:**Amorim, Francisco Gomes de
Título:Os selvagens
Imprenta:Lisboa: Livraria Mattos Moreira, 1875
Descrição física:307 p
Notas: Marcas de Proveniência: Anotações à lápis e caneta; carimbos de MY; assinatura de MY; comprovante de compra na Livraria Kosmos feita por MY.; marcas de leitura
- Autor:**DANTAS, Lectiício de Campos
Título:Rumo ao cabaret
Imprenta:Manaus: [s.n.] 1935
Descrição física:60 p.
Notas: Marcas de Proveniência: Anotações à lápis e caneta; carimbo de MY; assinatura não identificada na folha de rosto; dedicatória do autor ao MY;

- Autor:**HERCULANO, A. Alexandre
Título:Discursos receitados na sessão solemne de inauguração do retrato de Alexandre Herculano, na sala de honra do gremio litterario portuguez no Pará
Imprensa:Belém: Typ. de João Theophilo da Costa, 1879
Descrição física:104 p.
Notas:Marcas de Proveniência: Anotações à lápis e caneta; carimbo de MY; carimbo de MY colado na falsa folha de rosto; dedicatória com possível tinta ferrogálica
- Autor:**BATISTA, Djalma
Título:Letras da amazônia
Imprensa:Manaus: Livraria Palacio Real, 1938
Descrição física:124 p.
Notas:Marcas de Proveniência: Anotações à lápis; carimbo de MY; uso do corretivo branco para apagar algo escrito na capa; carimbo seco não identificado nas folhas 2, 3 e 4.
- Autor:**MEDEIROS, Adonai de
Título:Jamachi: coisas da amazônia
Imprensa:São Paulo: Graphica São José 1934
Descrição física:123 p.
Notas:Marcas de Proveniência: Anotações à lápis e caneta; carimbo de MY; marcas de leitura; dedicatória do autor ao Oswaldo Paixão na folha de rosto; comprovante de compra da Livraria Brasileira feita por MY colado no verso da capa.
- Autor:**MARANHÃO, Petrarcha
Título:O Turbilhão: ensaios
Imprensa:Rio de Janeiro: Alba, 1936
Descrição física:229 p.
Notas:Marcas de Proveniência: Anotações à lápis e caneta; carimbo de MY; assinatura não identificada na folha de rosto datado em 1958
- Autor:**RANGEL, Alberto
Título:Livro de figuras
Imprensa:Tours: Typographia e. Arrault, 1921
Descrição física:313 p.
Notas:Marcas de Proveniência: Anotação à caneta; carimbo de MY; carimbo de "Mario R. Mello; Carimbo da Agencia Martins (Pará); assinatura não identificada na folha de rosto.
- Autor:**LADISLAU, Alfredo
Título:Terra immatura
Imprensa:Belém: Livraria Classica, 1923
Descrição física:247 p.
Notas:Marcas de Proveniência: Anotações à lápis e caneta; carimbo de MY; assinatura de MY datada em 1954; assinatura não identificada datada em 1923; carimbo da Livraria Acadêmica
- Autor:**DANTAS, Leticio de Campos
Título:Explorador de mulheres
Imprensa:Manaus: Typographia Reis, 1938
Descrição física:66 p
Notas:Marcas de Proveniência: Anotações à lápis e caneta; carimbos de MY; assinatura de MY datada em 1938; dedicatória do autor ao MY datado em 1938
- Autor:**LIMA, Vivaldo
Título:A epopéia de Ajuricaba
Imprensa:Manaus: [s.n.] 1937
Descrição física:34 p.
Notas:Marcas de Proveniência: Anotações à lápis e caneta; carimbos de MY; assinatura de MY datado em 1937; dedicatória do autor ao MY datado em 1937.
- Autor:**DINIZ, Alberto
Título:No coração do "inferno Verde" páginas de saudade

- Imprensa:**Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, 1927
Descrição física:257p
Notas: Marcas de Proveniência: Anotações à lápis e caneta; carimbo de MY; dedicatória do autor ao Alfredo da Mata datado em 1934.
- Autor:**CUNHA, Euclides da
Título:À margem da história
Imprensa:Porto: Livraria Chardron, 1909
Descrição física:390 p.
Notas: Marcas de Proveniência: Anotações à lápis e caneta; carimbo de MY; carimbo da "Livraria Alfacinha"; marcas de leitura; etiqueta com numeral colado na falsa folha de rosto.
- Autor:**GAMA, Farias
Título:Scenographias de um país de aguas e selvas: regionalismo
Imprensa:Belém: [s.n.] 1924
Descrição física:195 p.
Notas: Marcas de Proveniência: Anotações à lápis; carimbo de MY colado na folha de rosto; marcas e notas de leitura; dedicatória do autor ao Manoel Lobato em papel avulso.
- Autor:**AMORIM, Francisco
Título:Theatro: o cedro vermelho I
Imprensa:Lisboa: Imprensa Nacional, 1874
Descrição física:268 p.
Notas: Marcas de Proveniência: Anotações à lápis e caneta; carimbo de MY; carimbo rasurado na folha de rosto e corretivo branco passado no verso desse carimbo; marcas de leitura
- Autor:**DURAND, Coriolano
Título:A chamma: comédia em 3 actos
Imprensa:Milão: A. Romcati, 1912
Descrição física:169 p. il.
Notas:Marcas de Proveniência: Anotação à lápis; carimbo de MY; carimbo de monograma PS.
- Autor:**FRIAS, D. C. Sanches de.
Título:Uma viagem ao Amazonas
Imprensa:Lisboa: Typographia de Mattos Mareira e Cardoso, 1883
Descrição física:278 p il.
Notas:Marcas de Proveniência: A verificar.